

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

*Guerrilha em foco: a presença na mídia do discurso Zapatista, de seu surgimento até a Quinta Declaração da Selva Lacandona.*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História por José Gaspar Bisco Junior. Orientador: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sônia Cristina da Fonseca Machado Lino.

**Juiz de Fora**

**2007**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer à minha Orientadora Sônia Lino por sempre me auxiliar no período em que estive vinculado à UFJF e sempre se mostrar disposta a me incentivar e a me acompanhar durante toda a dissertação. Agradeço também ao professor Ângelo Carrara que vem acompanhando meus estudos desde a graduação e se mostrou extremamente importante para a sua conclusão. Agradeço também aos conselhos efetuados pela professora Ana Mauad da Universidade Federal Fluminense, e a todos que durante minha estadia em Juiz de Fora foram mais que professores e sim verdadeiros amigos, dando ênfase para os professores Alexandre Mansur Barata e Silvana Mota Barbosa. À presença importantíssima em minha vida de minha mãe, pai e irmã que sempre se desdobraram para me ajudar a concluir este sonho, e a todos meus amigos de Juiz de Fora. E por fim, agradeço a Capes pela bolsa que tornou possível a conclusão da dissertação, no qual espero ter contribuído para o enriquecimento dos estudos nesta área, Obrigado.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	2
<b>CAPÍTULO 1:</b> DIFUSÃO PELAS PALAVRAS, A SUBSTITUIÇÃO DAS ARMAS.....	10
1.1 – As raízes do EZLN.....	17
<b>CAPÍTULO 2:</b> PALAVRAS QUE SURGEM DA SELVA.....	29
2.1 – Chiapas.....	31
2.2 – Os anos 80.....	40
2.3 – Os anos 90.....	44
2.4 – Organização e formas de luta.....	49
2.5 – Divulgação pela mídia.....	50
<b>CAPÍTULO 3:</b> NAS CURVAS DOS “CARACOLES”: A UTILIZAÇÃO DA INTERNET NA DIVULGAÇÃO DO EZLN.....	60
3.1 – O uso da grande rede.....	61
3.2 – Objetos simbólicos.....	67
3.2.1 – Zapatour.....	68
3.2.2 – “El sup” Marcos.....	69
3.3 – Don Durito e Velho Antônio: personagens fictícios de uma história real.....	76
3.3.1 – Velho Antônio.....	77
3.3.2 – Don Durito.....	78
3.3.3 – Rádios, sites, revistas e a difusão do movimento.....	81
<b>CONCLUSÃO</b> .....	87
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	90
<b>ANEXOS</b> .....	101
Primeira declaração da Selva Lacandona.....	101
Segunda declaração da Selva Lacandona.....	104
Terceira declaração da Selva Lacandona.....	112
Quarta declaração da Selva Lacandona.....	118
Quinta declaração da Selva Lacandona.....	127

## **RESUMO**

Quando surgiu no cenário mundial em janeiro de 1994 o Exército Zapatista de Libertação Nacional apresentava características parecidas com a de outros grupos guerrilheiros presentes na história da América Latina. O uso das armas e os combates iniciais com o exército mexicano mostraram um grupo muito bem estruturado militarmente e que usava táticas de guerrilhas beneficiando-se da Selva Lacandona. Com o tempo, o uso de recursos audiovisuais como a televisão e a Internet, se impôs como uma nova tática de guerrilha. Divulgando as idéias do movimento, arregimentando militantes e simpatizantes em todo o mundo ou construindo sua versão da própria história, os zapatistas colocaram aos historiadores contemporâneos a relação com suas fontes novamente em questão.

## **ABSTRACT**

When it arose in the world setting in January from 1994 the Army Zapatista of National Liberation presented characteristics similar to the of others present guerilla groups in the history of the Latin America. The use of the weapons and the initial battles with the Mexican army showed an a lot group well structured militarily and that used tactics of guerrillas benefiting itself of the Jungle Lacandona. With the time, the use of audiovisual resources as the television and to Internet, if imposed like a tactical news of guerrilla. Divulging the ideas of the movement, drumming up militants and sympathetic in everybody or building his version of the own history, the zapatistas put the contemporary historians the relation with its springs once again in question.

## INTRODUÇÃO

Algo mudou nos últimos anos, e foi rápido. Em duas décadas, os avanços tecnológicos trouxeram comodidade, diversão, proteção e principalmente, possibilidades. Muitas coisas que não eram imagináveis tornaram-se possíveis, e uma conversa com pessoas de outro continente tornou-se algo totalmente acessível.

Neste exato momento, estou sentado em meu computador escrevendo este texto, ao mesmo tempo em que recebo uma mensagem via e-mail com notícias de alguma pessoa distante. As páginas da internet, abertas em cascata, apresentam-nos um mundo com uma infinidade de informações, na qual possuímos acesso quase que ilimitado. Isto não passaria na cabeça das pessoas do início do século passado. As alterações que foram graduais, através do rádio, telégrafo, telefone e televisão, sofreram uma verdadeira revolução com o advento dos computadores, e posteriormente com a sua versão caseira, os micro-computadores e a internet.

Esta possibilidade de comunicação começou a ser analisada por um novo ramo da história, chamada de História Imediata ou História do Tempo Presente, trata-se de um conceito em construção, que por sua vez, expressa uma história também em construção. François Bédarida propõe que o caráter inacabado e em constante movimento é, mais do que qualquer outra, constitutivo da história do tempo presente e é esse o desafio que temos que enfrentar quando nos deparamos com a questão da responsabilidade social do historiador na abordagem de temas controversos e que ainda tocam a vida das pessoas, como é o caso do racismo e do anti-semitismo.

Podemos afirmar que a história do presente se identifica aqui com a história escrita por historiadores que testemunharam os acontecimentos do seu tempo e que esta participação nos acontecimentos é enriquecedora, na medida em que a atualidade é

restituída em suas raízes.<sup>1</sup> Desta forma, os próprios meios de comunicação em massa, tornaram-se objeto dos historiados que visam analisar os acontecimentos de seu tempo.

Abdón Mateos distingue a história do tempo presente da história do passado recente ou da história imediata. Segundo ele, a história do tempo presente estuda “preferencialmente processos históricos que, ainda que sejam recentes, estão já encerrados ou para os quais existe uma mínima distância cronológica”<sup>2</sup>. Já Mudrovcic entende por história do tempo presente aquela historiografia que tem por objeto acontecimentos ou fenômenos sociais que constituem recordações de pelo menos três gerações que compartilham o mesmo presente histórico<sup>3</sup>. Na mesma direção, Robert Frank também critica a noção de “história imediata”, pois se há imediatismo entre o historiador do presente e a testemunha, é necessária uma mediação na qual passa a reflexão crítica sobre o tempo e colocação do depoimento na perspectiva da espessura da duração, tanto do passado próximo, quanto longínquo. Segundo ele, essa é a diferença fundamental entre a “história do presente” e o trabalho sobre a “atualidade”, entre o historiador e o jornalista.<sup>4</sup>

Jean Lacouture, por outro lado, caracterizaria a história imediata como próxima, participante e, ao mesmo tempo, rápida na execução e produzida por um ator ou uma testemunha vizinha do acontecimento, da decisão analisada. Ressalta a necessidade de certa vigilância na utilização dos meios de comunicação como fontes de pesquisa porque, segundo o autor, a “história imediata é uma projeção de nosso século convulsionado”. É na imediação da comunicação que se impõe o desenvolvimento da história imediata, “sinais de bruma de uma sociedade alucinada por informações e no direito de exigir inteligibilidade histórica próxima”<sup>5</sup>.

Assim, entre as diversas denominações da história do tempo presente, a definição de história do tempo presente que trabalha-se aqui é com a que entende toda

---

<sup>1</sup> GAMBOA, Ángel Soto. Historia del presente: Estado de la cuestión y conceptualización. Revista Electrónica Historia Actual On-Line. Año II, n. 3, Invierno 2004 [<http://www.hapress.com>].

<sup>2</sup> MATEOS, Abdón. Historia, Memoria, Tiempo Presente. In: Hispania Nova: Revista de História Contemporânea. Capturado no endereço eletrônico <http://hispanianova.rediris.es>

<sup>3</sup> MUDROVCIC, Maria Inês. Alguns consideraciones epistemológicas para una “Historia Del Presente”. In:

Hispania Nova: Revista de História Contemporânea. Capturado no endereço eletrônico <http://hispanianova.rediris.es/>

<sup>4</sup> FRANK, Robert. Questões para as fontes do presente. In: CHAVEAU, A. & TÉTARD, Ph. (org.). Questões para a história do presente. Bauru/SP: EDUSC, 1999, p. 117.

<sup>5</sup> LACOUTURE, Jean. A História Imediata. In: LE GOFF, Jacques (org.). A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 237-238.

investigação e interpretação que trata desde um ângulo histórico ou historiográfico fatos relevantes ou processos contemporâneos ao próprio historiador.

Em meio a esta polêmica, talvez o mais importante seja estabelecer qual é o impacto da reintegração do tempo presente no trabalho do historiador, identificando quais são os efeitos sobre o seu ofício e a prática de seus métodos. De um lado, com relação às fontes, os arquivos perderam seu caráter exclusivo na medida em que desde meados do século XX, recorre-se às fontes orais, visuais, da imprensa etc. O historiador que trabalha com o tempo presente tem a desvantagem da abundância das fontes ao invés da falta. Por outro lado, o historiador do tempo presente varreu os últimos vestígios do positivismo, tanto por saber que a objetividade dos documentos e fontes são frágeis, quanto no que diz respeito à sua importância para a construção dos fatos.<sup>6</sup>

Além disso, Roger Chartier interpõe um elemento relevante para a análise do tempo presente, pois o seu historiador “é contemporâneo de seu objeto”, partilhando, assim, “com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais”. Neste sentido, o historiador do tempo presente é, “o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve”.<sup>7</sup>

O reconhecimento da intervenção do sujeito na história do presente, tanto no âmbito da história vivida – como ator ou testemunho – quanto à escrita da história – historiador do seu próprio tempo – põe em evidência um caráter de subjetividade na produção do conhecimento histórico, proporcionando um ponto de partida interessante para se estabelecer um debate filosófico que acaba por enriquecer a historiografia.

Entre os pressupostos sociais da emergência da história do presente está a nossa percepção atual do tempo presente, marcada pela aceleração e mundialização, aos quais contribuem, as revoluções científicas com suas vertiginosas descobertas e os meios de comunicação com avalanche de informações sobre acontecimentos cotidianos. O impacto dos meios de comunicação de massa, falado no início, também provoca uma aproximação da experiência do presente com o cidadão comum. A complexidade do

---

<sup>6</sup> RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (orgs.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996, p. 203-209.

<sup>7</sup> CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (orgs.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996, p. 216.



mundo atual desafia o indivíduo, tornando uma demanda social a necessidade de um “conhecimento explicativo” para se entender o presente.<sup>8</sup> Pierre Nora tem acentuado o protagonismo adquirido no presente pelos meios de comunicação na construção do acontecimento, reiterando o papel de ator e gestor dos “mass-media” como ator e gestor da história do presente.

Entretanto, ao fabricar o presente, os meios de comunicação constroem aquilo que Jesus Martin-Barbero chamou um presente autista, isto é, os meios contribuem para um debilitamento do passado, da consciência histórica. Seus modos de se referir ao passado e à história são quase sempre descontextualizados, reduzindo o passado a uma citação, um adorno para colorir o presente. Por outro lado, a fabricação do presente implica também uma profunda ausência de futuro, na medida em que os meios constituíram um dispositivo fundamental de instalação de um presente contínuo. Assistimos, assim, ao regresso ao tempo do mito, aos eternos retornos, onde o único futuro possível é o que vem depois, não um futuro a construir pela intervenção dos homens na história.<sup>9</sup>

Ao veicular aquilo que pode ser lembrado, ordenando determinada cronologia do mundo e dos processos em desenvolvimento, a mídia colabora na organização da memória nas sociedades contemporâneas. Na medida que é seu papel “reter assuntos que, guardando identificação com o leitor, precisam ser permanentemente atualizados”.

10

Assim, a mídia,  
*desconsidera as diferenças nas leituras e nas formas de compreensão e valorização do mundo, tenta ignorá-las para organizar e atribuir sentidos - específicos - aos processos e discursos, retirando dos grupos primários o papel de atribuir importância e valorizar relações que antes lhes era específico<sup>11</sup>.*

---

<sup>8</sup> CUESTA, Josefina. Historia del presente. Madrid: EUEDEMA, 1993, 40.

<sup>9</sup> MARTIN-BARBERO, Jesus. Medios: olvidos y desmemorias. Debilitan el pasado y diluyen la necesidad de futuro. In: Ciberlegenda. N. 6, 2001. Capturado no endereço eletrônico: <http://www.uff.br/mestcii/barbero1.htm>

<sup>10</sup> BARBOSA, Marialva. Jornalistas, “senhores da memória”? In: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. XXVII Congresso da INTERCOM. Porto Alegre, 2004. Capturado no endereço eletrônico: <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/1248/1/R0165-1.pdf>

<sup>11</sup> MORAES, Nilson Alves de. Memória e Mundialização: Algumas considerações. In: LEMOS, Maria Teresa T. B. & MORAES, Nilson A. de (orgs.). Memória e Construções de Identidades. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

A memória, por conta destas transformações operadas no âmbito da cultura, com sua mercantilização e industrialização, *perde o sentido de passado e passa a se fazer como construção ou presente.*<sup>12</sup>

As novas possibilidades de fontes históricas têm levado alguns críticos a considerar história do presente como uma história perigosamente “mediada”, isto é, dominada pelos meios de comunicação e seus produtos. Talvez esta reserva se deva mais a falta de domínio do historiador com relação a estas linguagens. Vale lembrar que o exame crítico deste tipo de fontes históricas não difere de outras épocas históricas no que tange a ação do tempo, do poder, da produção e da seleção e tampouco das interrogações de seu próprio momento.

Apesar de haver entre os pesquisadores da história do presente um consenso sobre a importância da mídia na constituição do próprio modo de ver e perceber o mundo contemporâneo, os estudos ainda se encontram em fase embrionária, carecendo de uma discussão mais acurada dos problemas metodológicos e da necessidade de se constituir arquivos que incorporem as novas linguagens para a pesquisa histórica, tais como televisão, cinema, quadrinhos, internet, rádio, fotografia etc. Uma proposta para o historiador lidar com essas novas linguagens é não utilizá-las como confirmação – ou contraponto – de um conhecimento produzido a partir das fontes textuais. Mas reivindicá-las como objeto específico de estudo, decodificando a construção, por meio de imagens, textos e sons, de uma memória. Isto demonstra a importância deste material como fonte preciosa para a compreensão de comportamentos, visões de mundo, valores, identidades e ideologias da sociedade contemporânea, pois os meios de comunicação estruturam sua cobertura dos acontecimentos no sentido de legitimar os núcleos de poder, já que os noticiários regem-se pela atuação das instituições e personagens hegemônicos. O diálogo entre memória e mídia possibilita-nos, então, uma série de reflexões para compreender as relações entre imprensa e poder.

Existe um progressivo consenso que atribui o conceito de história do tempo presente à atividade jornalística de investigação, enquanto ao trabalho do historiador corresponde à história do presente. Não obstante, o historiador do presente necessita perceber em sua obra o impacto da atividade profissional do jornalismo na construção

---

<sup>12</sup> IDEM.

dos acontecimentos hoje, na medida em que a análise histórica da comunicação e a mediação são fundamentais para compreendermos o nosso tempo.

Estabelecer critérios de seleção e de interpretação do material proveniente das novas tecnologias e das novas fontes históricas, somado a intenso debate teórico sobre seus impactos sobre a sociedade contemporânea, é o que deve mover o historiador hoje, na medida em que o que importa não são apenas os fatos e eventos da História em si, mas sim como a percepção do passado é produzida pelos filmes, quadrinhos, reportagens. Marc Ferro propôs buscar “o não-visível através do visível” para se estabelecer o que ele chamou, apropriadamente, no caso do cinema, de uma contra-análise da sociedade.<sup>13</sup>

Então, o que interessa é o uso que se faz da história pelos meios de comunicação, evidenciando os desejos e as necessidades que estão presentes na representação do passado, pois, quando abordam um tema histórico artistas e jornalistas não efetuam uma mera reconstituição dos acontecimentos históricos na sua factualidade circunstanciada, mas sim o registro de virtualidades latentes da história individual e coletiva. O que se objetiva é tentar entender como as práticas, complexas, múltiplas e diferenciadas, constroem o mundo como representação.

A História do Tempo Presente tornou-se uma realidade para a análise dos fenômenos tecnológicos e no caso deste trabalho, a utilização deles no meio social. Ao mesmo tempo em que esta revolução tecnológica trouxe possibilidades de conhecimento e comunicação para as pessoas, também gerou novos desafios para os Estados, outrora controladores dos meios informativos. A quantidade de dados trocada por usuários ao redor do planeta gerou uma enorme dificuldade para que os governos controlassem a capacidade dos grupos de se unirem e se posicionarem diante das decisões governamentais. A utilização desta nova tecnologia pelos meios sociais, mais diretamente pelo grupo guerrilheiro mexicano chamado EZLN<sup>14</sup>, é o objeto deste trabalho. Busca-se através disso, apresentar as características que levaram o grupo a optar por esta nova forma de guerrilha.

Através das possibilidades de comunicação que a internet abriu, podemos perceber uma significativa mudança no modo de como os Estados passaram a conduzir as informações e suas políticas externa. Em seu livro *O paradoxo do poder*

---

<sup>13</sup> FERRO, Marc. Filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J. & NORA, P. (orgs.). História : Novos Objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

<sup>14</sup> Exército Zapatista de Libertação Nacional.

*americano*<sup>15</sup>, Joseph Nye nos diz que “a revolução da informação está alterando radicalmente o universo da política externa norte-americana e dificultando seu controle pelos diplomatas”.<sup>16</sup> Esta dificuldade da chamada “terceira revolução industrial” está associada ao aumento do papel dos agentes não estatais na política global através de uma ação que descentraliza o poder de atuação da sociedade civil dificultando a ação de controle por parte dos Estados.

A internet tornou possível o aparecimento de uma “mídia paralela”, capaz de divulgar não só mercadorias como idéias com a mesma rapidez das grandes corporações econômicas midiáticas. Como consequência política deste fluxo cada vez maior de informação pelo novo meio, os governos perderam uma parte do controle tradicional sobre a informação que chega e é transmitida pela população.

Entre os primeiros grupos que começaram a utilizar a internet como meio ativo de difusão de informações e busca de apoio, está o EZLN. Grupo guerrilheiro mexicano situado no estado de Chiapas, o EZLN passou a transmitir informes e comunicados desde 1994, quando a internet ainda estava dando seus primeiros passos. Este pioneirismo fez do EZLN um dos grupos mais ativos na grande rede. Seus membros mudaram a fisionomia da guerrilha contemporânea apoiando-se quase que inteiramente no poder de divulgação das palavras. Hoje, o grupo utiliza de revistas virtuais, publicações e rádios que servem de suporte para a divulgação não só de comunicados referentes às suas reivindicações, mas também para difundir a cultura indígena maia.

Segundo John Holloway, desde o início, o EZLN manteve a postura de conscientização da população perante a postura governamental, nunca visando uma “revolução” propriamente dita, com a tomada do Estado. Para ele, uma mudança radical pode ser conseguida por meios constitucionais sem necessidade do que para ele seria uma “visão romântica” da revolução que implica na tomada do Estado. Segundo ele:

*O argumento contra essa afirmação é que o ponto de vista constitucional isola o Estado do seu contexto social: atribua-lhe uma autonomia de ação que de fato ele não tem. Na realidade, o que o Estado faz, está limitado e condicionado pelo*

---

<sup>15</sup> NYE JR. Joseph S. *O paradoxo do poder americano*. Porque a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. Editora Unesp.

<sup>16</sup> IDEM. Pag. 83.

*fato de que existe só como um nó em uma rede de relações sociais, que se centra, de maneira crucial, na forma em que o trabalho está organizado.*<sup>17</sup>

De acordo com a postura do autor, o Estado deixa de ser o objeto fetichizado de controle do poder. Até mesmo porque, nas últimas décadas, com o crescimento das grandes corporações, o Estado deixou de ser o aglutinador dos poderes, para ser apenas um organizador, peça de união de um grande mecanismo.

Nesta perspectiva, para Joseph Nye o EZLN se apresenta como um “problema” para o Estado soberano e fruto da terceira revolução industrial. Em contrapartida, para John Holloway, o EZLN representa uma nova postura dos grupos minoritários e marginalizados do sistema vista na tentativa de mudança do poder sem necessariamente dominar o Estado. Em ambos os casos, os meios de comunicação estão no centro da questão.

No presente trabalho busca-se entender como os zapatistas se utilizam das tecnologias de comunicação para divulgar e dar forma à suas lutas e reivindicações. Para isso, tentei me organizar de forma que no primeiro capítulo saliento como o objeto chegou até a minha pessoa, mostrando desta forma o quão importante torna-se a análise dos movimentos sociais que utilizam os meandros da internet. No capítulo subsequente, procurei dar enfoque na situação econômica e social do estado de Chiapas de forma a salientar dentro da história, os processos que levaram ao surgimento do EZLN. O terceiro e quarto capítulo foram preparados para apresentar os atos do movimento; seja nas artes ou na política. É desta forma que se tem acesso as figuras de Marcos e o Velho Antônio, além das grandes manifestações como a Zapatour e a utilização da internet . Para apresentar tudo isso, utilizarei textos e comunicados produzidos pelos próprios zapatistas que são disponibilizados na internet através de seu site, além das transmissões da rádio insurgente, assim como da revista rebeldia. Este material serve de fonte para análise da postura do grupo não apenas no que concerne à luta política, mas também da “luta cultural” na tentativa de difusão dos hábitos e tradições dos povos maias. Pretendo ainda, buscar uma análise da importância da internet neste novo século, e as alterações

---

<sup>17</sup> HOLLOWAY, John. *Mudar o mundo sem tomar o poder*. Tradução de Emir Sader. Ed. Viramundo. São Paulo. 2003. pág. 26.

que o advento desta gerou tanto para controle da informação pelos Estados, quanto pela população em geral e grupos políticos marginalizados.

## **CAPÍTULO 1: DIFUSÃO PELAS PALAVRAS, A SUBSTITUIÇÃO DAS ARMAS**

*“Es necesario hacer un mundo nuevo. Un mundo donde quepan muchos mundos, donde quepan todos los mundos.”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Subcomandante Marcos, 1996

## **1 - DIFUSÃO PELAS PALAVRAS, A SUBSTITUIÇÃO DAS ARMAS**

Diferentemente do que geralmente acontece, esta pesquisa não surgiu de alguma disciplina, aproximação direta com algum objeto ou pela simples ligação do tema à linha de pesquisa da respectiva instituição de ensino. Não surgiu de discussões ou palestras, manifestações ou achados arquivísticos. Poderia inclusive dizer que não fui eu quem procurou o tema, ele se apresentou a mim.

Decidi iniciar este texto tentando me posicionar como produto que sou de um meio-social e através disto, reconstruir o processo de interação e reapropriação das diferentes culturas representadas através dos seus objetos em contato com a diversidade. Sabemos que nas últimas décadas, os avanços tecnológicos contribuíram para uma maior integração das diferentes sociedades e culturas. Embora, de forma desigual, mas bastante abrangente, proporcionou acesso à informação para uma enorme quantidade de pessoas. Derrubando barreiras que separavam estas facetas de um mundo multicultural. Barreiras que não se resumem à possibilidade de conhecimento de novas práticas culturais, mas que envolvem apropriação e interação destas, possibilitando um hibridismo capaz de anexar às práticas as tecnologias e avanços desiguais entre as diversas sociedades.

Esta abertura de informações gerou uma espécie de “bombardeio informacional”. Notícias, publicidades, e todos os tipos de boletins e informativos são passados e recebidos através da televisão, do rádio, da imprensa escrita e principalmente pela internet. A informação nos chega através de e-mails, música, textos, vídeos e imagens e junto com elas, as mais diversas influências que formam opiniões e posicionamentos da população. Tornamo-nos, como dito no início, produtos ao mesmo tempo, ativos e passivos de uma rede de absorção e transmissão de informações.

Mas como foi dito, como o tema chegou até mim? O primeiro passo foi que os movimentos sociais rapidamente souberam se aproveitar desta possibilidade que a expansão da internet gerou. Desde o início utilizaram de forma direta e indireta os meandros midiáticos sabendo por vezes concentrar suas forças na divulgação e na capacidade de absorver informações. Desde manifestações relâmpagos até blogs pessoais, as pessoas passaram a utilizar a internet não apenas como meio de comunicação, mas também como instrumento de sociabilização e legitimador de identidades. Verifica-se uma diversificação no modo das pessoas interagirem com o



meio social que passa a levar em conta o cyberspaço.

Com esta capacidade de difusão, os movimentos que lograram se utilizar da mídia conseguirão divulgação maior e apoio as suas causas. Um exemplo disso foi o apoio dado pelo grupo musical norte-americano Rage Against the Machine<sup>2</sup> ao EZLN. Suas músicas, recheadas com letras de protestos chegaram às casas de jovens e adultos, entre eles, eu, que ouviram sua música. A postura de protesto diferentemente da visão construída da juventude “rebelde” ao estilo Sex Pistols, utilizava-se das letras para levar informações para os fãs, e dentre estas informações, declaravam apoio a um grupo guerrilheiro chamado Exército Zapatista de Libertação Nacional, ou mais popularmente, EZLN. A partir daí, uma questão se colocou, o que levaria um grupo de jovens norte-americanos a se preocuparem e se interessarem por um pequeno grupo guerrilheiro com atuação no sudeste do México, mais precisamente no estado de Chiapas, o mais pobre da nação? Outro grupo, chamado Brujeria<sup>3</sup>, conseguiu seu espaço no cenário trash-metal internacional cantando letras de protestos, seja a favor dos zapatistas ou contra a figura emblemática de Fidel Castro. Este grupo mexicano percorreu o mundo, assim como o Rage Against the Machine, levando mensagens a diversos jovens ao redor do mundo, onde muitos (assim como eu) se interessaram pela história e pela postura deste grupo guerrilheiro pouco tradicional.



Imagem retirada do site da banda Rage Against the machine

Antes de analisarmos a origem do Exército Zapatista de Libertação Nacional e a

<sup>2</sup> O site oficial da banda é [www.ratm.com](http://www.ratm.com)

<sup>3</sup> Mais informações da banda no site [www.brujeria.com](http://www.brujeria.com)

forma como difundem suas idéias, temos que compreender o que a internet gerou não apenas para o meio social, com sua extrema capacidade de interligar povos e culturas, mas principalmente, a sua relação e utilização pela política. Pablo Espinosa, colunista do periódico mexicano *La Jornada*, iniciou seu artigo de 10 de agosto de 1995<sup>4</sup> com a seguinte pergunta: “¿Guerra de Internet?”. Esta “guerra” na internet por assim dizer iniciou-se não nas mãos dos zapatistas e sim através dos simpatizantes do movimento e pessoas que estavam em busca de informações, e posteriormente os zapatistas a usaram como meio de conseguir apoio externo à região onde se localizavam, para divulgar sua causa, seus comunicados e alertas sobre os acontecimentos ocorridos na zona de conflito. Podemos perceber portanto, que mesmo tomando como exemplo a questão zapatista, a internet se expande a ponto de assuntos políticos e outros se tornarem massivamente divulgados de forma não-oficial.

O responsável pela primeira página a divulgar informações sobre o EZLN em 1994 foi Justin Paulson, americano e recém graduado em literatura inglesa na Universidade da Pensylvania, Paulson justifica a criação da página assim:

*Piense: ¿si estoy buscando información al respecto y encuentro tan poco material, por que no compartir con el mundo todo aquello, aunque poco, de lo que hallo? De manera que empecé un archivo en la red, con noticias comunicados y todo lo relacionado con el EZLN. Eso fue a fines de marzo y principios de abril de 1994<sup>5</sup>.*

A página de Paulson foi a primeira de várias que surgiram no decorrer dos meses e anos seguintes. Os zapatistas, e principalmente seus simpatizantes, muito cedo começaram a utilizar a internet de um modo estratégico, divulgando denúncias de abusos das tropas do governo ou de grandes fazendeiros, organizando encontros,

---

<sup>4</sup> ESPINOSA, Pablo. “Mi página en Web no es la vós oficial del EZLN: Justin Paulson.” Cuaderno Cultura. *La Jornada*. Sábado, 10 de agosto de 1995. *Apud*: ORTIZ, Pedro Henrique Falco. *Z@patismo on-line*. PROLAN-USP, São Paulo. 1997, 2 volumes, p.585.

<sup>5</sup> Justin Paulson. *Apud*: ESPINOSA, Pablo. Mi página en Web no es la vos oficial del EZLN: Justin Paulson. Cuaderno Cultura. *La Jornada*. Sábado, 10 de agosto de 1995. *Apud*: ORTIZ, Pedro Henrique Falco. *Z@patismo on-line*. PROLAN-USP, São Paulo, 1997. 2 volumes, p.585.

mobilizações públicas e grupos de discussões por *e-mail*<sup>6</sup>, e divulgando os documentos, cartas e comunicados produzidos pelo movimento. A intensa utilização da internet foi uma casualidade que aos poucos transformou-se em uma necessidade, e que aumentou com o deslocamento da estratégia do EZLN da luta armada para o diálogo.

Os Zapatistas, em desvantagem frente a uma guerrilha tradicional contra as tropas governamentais, passaram a utilizar do campo teórico, com discussões sobre ética e direito, conseguindo assim um capital simbólico capaz de lhe proporcionar uma relação mais igual de disputa com o governo mexicano. Héctor Saint Pierre apontou que:

*No nível tático, incorpora-se a utilização de símbolos visando potencializar o efeito do uso das armas e às vezes, substituí-lo, e a aplicação em larga escala do sistema de comunicação via internet como forma de contrastar o efeito da relação de força completamente adversa.*<sup>7</sup>

Pode-se perceber portanto, que de forma abrangente a internet passou a ser parte de um meio até então dominado pelas grandes corporações midiáticas ou pelo estado. A grande rede tornou possível o acesso direto entre os usuários da rede sem a necessidade de um interlocutor, o que acaba gerando um grande fluxo de informações anteriormente filtradas pelo sistema. Ao analisarmos os zapatistas, apenas estamos exemplificando através de um grupo que utiliza esta nova tática. De maneira semelhante, porém com propósitos bastante diferentes, as páginas da internet são utilizadas, por exemplo, pelos terroristas da rede Al-Qaeda. Utilizam a grande rede, (um instrumento bastante limitado pelo governo de seu país para a população) para a divulgação de seus atentados e execuções a fim de conseguir alcançar seus objetivos através das imagens contundentes que chegam aos computadores de famílias espalhadas por todo o planeta.

Percebe-se que com o advento da internet, que o controle das informações começa a não ser mais domínio exclusivo das grandes corporações ou dos Estados, as palavras se diluem e tornam-se acessíveis a despeito da mídia oficial. A falta de controle destas informações acabam por retirar dos Estados o poder aglutinador que estes tinham

---

<sup>6</sup> No Brasil, uma destas listas é organizada pelo Comitê Avante Zapatista – CAZ (*zapatabr@yahoogrupos.com*)

<sup>7</sup> SAINT-PIERRE, Héctor Luis. *A política armada. fundamento da guerra revolucionária*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p.208.

sobre o controle das informações que chegavam a população. Erros de guerra, corrupção e tantos assuntos “sigilosos”, passam a chegar nas casas das pessoas com uma facilidade até então não conhecida.

Através desta possibilidade, podemos perceber o alcance da utilização da internet pelos zapatistas através do número de comitês de apoio ao EZLN que utilizam intensamente a internet para se comunicarem, e as inúmeras páginas mantidas na internet sobre o tema. O Quadro I mostra alguns desses comitês e *sites*.

**Quadro I.** Comitês zapatistas que usam a internet para divulgação de material ligado ao EZLN através de páginas na rede, ou grupos de *e-mail's*

País	Nome do comitê
Brasil	Comitê Avante Zapatista
Brasil	Arquivo EZLN
Espanha	Aragon Zapatista
Espanha	Ellokal (Barcelona)
	Plataforma de Solidaried com
Espanha	Chiapas de Madrid
Estados Unidos	Acción Zapatistas
França	Collctit !Ya Basta!
Itália	Comitato Chiapas – Torino
México	FZLN
México	Enlace Civil
Suíça	Direkte Solidarität Mit Chiapas

Fonte: internet<sup>8</sup>.

Para entendermos o grau de importância da internet no discurso zapatista, pegamos como exemplo a rede de informações e comitês de apoio de onde contactam pessoas e organizações não governamentais de todo o mundo. Por sua vez, estes contatos transformaram-se em e-mail's e cartas endereçadas ao governo mexicano pedindo que as solicitações do EZLN (como o cessar fogo da ofensiva militar) fossem

<sup>8</sup> Todas as páginas estavam acessíveis em 07/05/2007. / <http://www.nodo50.org/pchiapas> / <http://studentorgs.utexas.edu/> <http://www.zapata.com> / [www.angelfire.com/ak4/FZLN](http://www.angelfire.com/ak4/FZLN) / [www.enlacecivil.org.mx](http://www.enlacecivil.org.mx) / [www.zapapres.de](http://www.zapapres.de)

aceitas. Para Saint-Pierre, a utilização da internet pelos zapatistas realmente fez a diferença durante o confronto:

*Os zapatistas conseguiram montar uma rede de comunicação internacional via internet que fez a diferença na guerra. A utilização bélica desses elementos de ação por parte de um grupo guerrilheiro parece indicar que nos encontramos ante outro tipo de guerra, ‘esta guerra’ – como disse Yvon Le Bot – ‘posterior à queda do Muro de Berlim, em que os símbolos importam mais que as armas, a comunicação mais que a correlação de forças’<sup>9</sup>.*

O EZLN foi o primeiro grupo guerrilheiro a utilizar a internet de modo sistemático para divulgar seus documentos e criar espaços de debates em que o próprio movimento era o tema central das discussões. O uso generalizado da rede mundial de computadores para ligar o movimento zapatista à opinião pública mexicana e internacional rendeu indiscutivelmente um apoio significativo ao EZLN. Hoje há várias páginas de entidades ligadas diretamente a eles, as quais são atualizadas semanalmente. Algumas delas são: <http://www.ezln.org> –, esta é a página oficial do EZLN. Nela encontramos os comunicados emitidos pelo movimento desde 1994 que serão trabalhados nos próximos capítulos. A página <http://www.enlacecivil.org.mx> está ligada à entidade chamada Enlace Civil e se propõe a ser “uma ponte” entre as comunidades indígenas e a sociedade civil.<sup>10</sup> A Frente Zapatista de Libertação Nacional também conta com uma página na internet (<http://www.fzln.org.mx>), onde se encontram denúncias de atividades ocorridas dentro de Chiapas e artigos sobre temas variados. Temos ainda a revista *Rebeldia*, um periódico fundado por simpatizantes zapatistas que buscam apoio e divulgam informes e denúncias do EZLN (<http://www.revistarebeldia.org/main.html>). A diversidade de páginas na internet ligadas ao tema é, com certeza, uma propaganda a favor do movimento.

<sup>9</sup> SAINT-PIERRE, Héctor Luis. Op. cit., p.211.

<sup>10</sup> Na abertura desta página lemos: “Enlace Civil A. C. surgió a partir de una solicitud de un grupo de comunidades indígenas de las regiones Altos, Selva y Norte del suroriental estado mexicano de Chiapas. El objetivo de ENLACE CIVIL es servir de puente entre las comunidades indígenas chiapanecas y la sociedad civil nacional e internacional en el proyecto común de mejorar las condiciones de vida de los pueblos indios.”

## 1.1 – AS RAÍZES DO EZLN

O Exército Zapatista de Libertação Nacional foi criado no início de 1983, e estava constituído por dois grupos distintos: um oriundo das cidades, com uma filiação na esquerda marxista e com uma forte influência da teoria do foquismo de Che Guevara; o outro, composto por indivíduos advindos das comunidades indígenas, portanto, mais ligados às tradições do campo e às exaltações culturais e ancestrais. Um longo processo de fusão entre estes dois grupos aconteceu a partir de 1983, quando os primeiros integrantes do setor urbano começaram a se estabelecer no interior da Selva Lacandona. Entre 1983 e 1994, o convívio alterou gradativamente no grupo urbano alguns dos conceitos e percepções da situação e dos caminhos possíveis a serem tomados pelas comunidades. Foi durante este período que parte importante desses conceitos e percepções de mundo foram formados, juntamente com a estruturação do EZLN.

Entretanto, o que podemos notar no grupo zapatista é uma grande mistura de culturas. Trata-se de um grupo guerrilheiro composto por uma parte indígena como já foi citado, e que se apóia na tecnologia da internet para alcançar seus direitos dentro de um sistema capitalista. Esta troca de informações, esta relação social ou comercial veio a romper como diz Nestor Garcia Canclini, com um processo de interculturalidade que remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram em relações e trocas. Implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. Os grupos indígenas se encaixam perfeitamente nesta designação de interculturalidade. A sobrevivência de grupos étnicos diferentes dentro de uma mesma sociedade intercultural é possível através de processos que nada mais fazem do que reafirmar estas diferenças. Leis e regulamentações que visam adequar e garantir a segurança e o bem estar dos diferentes grupos acabam por gerar um efeito contrário de diferenciação/desigual. Uma tentativa unificadora cuja prática leva a uma acentuação das diferenças.

O estudo destas diferenças e a preocupação com o que nos homogeneíza tem sido uma tendência distintiva dos antropólogos. Enquanto “os sociólogos costumam deter-se na observação dos movimentos que nos igualam e dos que aumentam a

disparidade. Os especialistas em comunicação costumam pensar diferenças e desigualdades em termos de inclusão e exclusão. De acordo com a ênfase de cada disciplina, os processos culturais são lidos em chaves distintas”.<sup>11</sup>

Nestor Garcia Canclini diz que para definir cada um destes três termos (diferentes, desiguais e desconectados), é necessário pensar os modos pelos quais se complementam e desencontram. Estes três termos tornaram-se presentes nas políticas sociais nas quais praticamente se configura um dilema-chave para a compreensão de algo que anteriormente era definido apenas pelo termo “desigualdade”. Sabe-se entretanto, que estas questões passaram por profundas alterações em seu formato nos últimos trinta anos e provavelmente não cessarão de se modificar com os novos avanços tecnológicos e sociais.<sup>12</sup>

Através das melhorias tecnológicas, seja dos meios de comunicação como de transporte. As diferenças entre diversos povos tornaram-se mais presentes no cotidiano. A abundância de opções simbólicas e segmentos culturais simplificam o que seria um processo de multiculturalidade, divergindo da interculturalidade e que, a partir do momento que supõe a aceitação do heterogêneo, propicia o enriquecimento e as fusões, inovações estilísticas mediante empréstimos tomados de muitas partes.

A idéia de que cada nação podia combinar suas muitas culturas e as culturas “estrangeiras” em um mesmo território começa a tornar-se insustentável. Este processo de desterritorialização acaba por confrontar uma interculturalidade de poucos limites, frequentemente agressiva, que supera as instituições materiais e mentais destinadas a contê-la. Desta forma, a interculturalidade acaba por remeter a uma confrontação e ao entrelaçamento e as conseqüências geradas quando os grupos entram em relações de trocas, implicando portanto, que os diferentes são o que são, em relações de negociação, conflito e empréstimos recíprocos. Salientam-se as diferenças através de um sistema que em primeira instância visa determinar os espaços imaginários e territoriais referentes a cada cultura e grupo social. No meio multicultural, por sua vez, supõe-se a aceitação do heterogêneo, não através de diferenciações e demarcações, mas através do entrelaçamento das culturas no mesmo contexto social.

Estes conceitos se tornaram úteis para esta pesquisa, na medida que falamos de grupos indígenas que visam à ocupação de um espaço diferente dos obtidos até os dias de hoje. Não diz respeito a terras que são demarcadas e destinadas para que esta

---

<sup>11</sup> CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Pág. 15.

<sup>12</sup> Idem, pág. 16.

população com diferenças culturais marcantes, possa viver sem influenciar ou ser influenciado pelo “mundo exterior evoluído”. Torna-se necessário a partir do momento que visávamos definir qual espaço que este grupo, utilizado como exemplo, ocupava e visava ocupar, ou melhor, qual meio de inserção social necessário para que estas diferenças culturais e sociais não signifiquem um prejuízo à sua capacidade de dialogar com outras culturas e manter suas tradições.

Podemos perceber a influência da cultura indígena, nos documentos zapatistas, pela presença constante de histórias e lendas indígenas. Nos documentos zapatistas aparecem divindades do panteão indígena, histórias que explicam o surgimento dos homens e as diferenças entre eles, lendas sobre a formação da Terra e cenas do cotidiano das comunidades. O intuito desta constante referência às tradições indígenas teve dupla função: criar um vínculo entre os zapatistas e seu passado histórico, e também explicar ao leitor como as comunidades e as pessoas que nelas habitam vivem e no que acreditam. Temos que levar em conta que esta também é uma construção racional cujo objetivo é mostrar as comunidades para o mundo – do modo que os zapatistas queriam que elas fossem vistas.

A figura do general Emiliano Zapata, é mais um trunfo que os zapatistas utilizam na construção de sua imagem externa e interna. Ao utilizar a imagem do revolucionário, bastante aclamado pela população mexicana, os zapatistas passam a associar a imagem do movimento a uma continuação da revolução mexicana de 1910, considerada inacabada. Desta forma, une uma cultura remanescente dos velhos revoltosos mexicanos com a guerrilha tradicional em um grupo com ampla maioria indígena, que por sua vez utiliza a internet como tática de guerrilha. A partir desta exposição, podemos perceber o quão complexo é a teia de relações zapatistas.

O processo de legitimação do EZLN como representante das comunidades indígenas ocorreu também na própria construção da identidade do movimento que ressalta constantemente o fator étnico. A primeira Declaração da Selva Lacandona inicia-se com a frase: “Somos producto de 500 años de luchas: primero contra la esclavitud, en la guerra de Independencia contra España (...).”<sup>13</sup> São vários os comunicados do EZLN em que eles se referem a si mesmos, com figuras de linguagem

---

<sup>13</sup> CCRI-CG del EZLN. I Declaración da Selva Lacandona. *EZLN*. Op. cit., 2000, Tomo I., p. 33. 1/1/94.



que expressam seu caráter indígena: *Habitantes originales*<sup>14</sup>, *los de piel morena*, *hermanos indígenas*<sup>15</sup>, *los naturales de estas tierras*<sup>16</sup>, *los hombres de maíz*, dentre outras denominações. Lembremos aqui que este fator étnico se faz tão forte pelo motivo já exposto, de que Chiapas é o Estado com a maior concentração de população indígena do México. Por outro lado, quase a totalidade do contingente do exército zapatista é indígena. Também o órgão máximo no comando do EZLN, o CCRI<sup>17</sup>, é composto por elementos desses segmentos indígenas. Dentre os inúmeros majores, comandantes, subcomandantes e tenentes que falaram em nome do EZLN e das comunidades, apenas o Subcomandante Marcos é branco, sendo todos os outros de origem indígena. Por isto o EZLN foi ou pode ser considerado como uma guerrilha indígena. Embora parte das experiências e concepções oriundas do grupo urbano tenha permanecido, o fator étnico trazido pelas comunidades sempre foi muito maior e alterou bastante o grupo cidadão<sup>18</sup>. Como exemplo, tem-se uma passagem extraída de um comunicado de 30 de julho de 1996, em que Marcos deixa bem assinalada a mescla ideológica que formou o EZLN e como essa união foi importante:

(...) *este choque entre las viejas ideologías, más viejas que las que vienen del pensamiento más o menos joven del marxismo nacido a finales del siglo XIX, chocan con ideologías mucho más viejas que no tienen un siglo o dos, sino muchos siglos de haber nacido, casi desde la formación del hombre, pero en concreto desde la formación de la cultura maya. Se produce este choque entre una vanguardia político-militar o una supuesta vanguardia politico-militar y una forma política de resistir. (...)*

---

<sup>14</sup> MARCOS, Subcomandante. Representación de Marcos a seis comunicados. *EZLN*. Idem, Tomo I, p.71, 2/1/94.

<sup>15</sup> A otras organizaciones indígenas, Subcomandante Marcos e CCRI-CG del EZLN. *EZLN. Documentos y Comunicados*. México: Ediciones Era. 2000. Tomo I. p.101.20/01/94.

<sup>16</sup> MARCOS, Subcomandante. Fin de la consulta nacional. *EZLN*. Idem, 1998, Tomo II, p.464. 29/9/95.

<sup>17</sup> Comitê Clandestino Revolucionário Indígena.

<sup>18</sup> Na entrevista concedida ao poeta e escritor argentino que vive atualmente no México, Juan Gelman, lê-se: “En realidad casi nadie toca esse tema. Nosotros advertíamos que la concepción política de lo que el ezln era entonces chocaba con la concepción política de las comunidades indígenas y se modificaba. También hubo efectivos en el quehacer cultural del ezln, que tenía una vida cultural bastante intensa para una unidad guerrillera” Subcomandante Marcos In: GELMAN, Juan. Nada que ver con las armas. In: *Chiapas*. (Dir.) CECEÑA, Ana Esther. México – DF: Neus Espresate. Universidad Nacional Autónoma de México, v. 3. 1997, pp. 130-131.

*La única forma en que esta gente podía asegurarse seguir adelante era juntándose con el otro. Por eso la palabra junto, la palabra nosotros, la palabra colectivo, marcan la palabra de los compañeros. Es una parte fundamental, diría yo, la columna vertebral del discurso zapatista.*<sup>19</sup>

A apropriação da figura de Zapata, o caráter de representação dos povos indígenas sem contar a utilização do passa-montanhas que será detalhado nos próximos capítulos, de modo geral, os símbolos nacionais são utilizados pelo EZLN como uma forma de criar um vínculo, uma identificação entre o passado ancestral do México e os indígenas atuais, representados por eles mesmos: uma maneira de implementar um caráter nacional à luta empreendida por eles no sul do país. Uma autora mexicana que sintetiza bem esta parte de nosso pensamento é Sofía Rojo Arias.

*Con estos modos de “apropiación” de la historia, el EZLN vincula su lucha con la lucha histórica del pueblo mexicano, al tiempo que la legitima y reivindica el carácter nacional del movimiento, pero también activa los mecanismos que permiten la identificación de sí mismos como comunidad, los elementos de la identidad étnica.*<sup>20</sup>

No texto da Terceira Declaração da Selva Lacandona de 1995 o EZLN enfatiza que a luta zapatista visa a ser nacional:

*(...)Não haverá uma solução para a questão indígena se não houver uma*

---

<sup>19</sup> MARCOS, Subcomandante. Intervención de Marcos en la mesa 1 del. Encuentro Intercontinental por la Humanidad y contra el Neoliberalismo. Realizado de 27 de julio a 4 de agosto de 1996 no município de La Realidad no Estado de Chiapas. Compareceram ao encontro as delegações dos seguintes países: Itália, Brasil, Grã Bretanha, Chile, Filipinas, Alemanha, Peru, Argentina, Áustria, Uruguai, Guatemala, Bélgica, Venezuela, Colômbia, Irã, Dinamarca, Nicarágua, Zaire, França, Haiti, Equador, Grécia, Japão, Irlanda, Costa Rica, Espanha, Portugal, Estados Unidos, País Basco, Cataluña, Canária, Canadá, Porto Rico, Bolívia, Austrália, Mauritânia e México. In: MARCOS, Subcomandante. Clausura Del Encuentro Intercontinental. *EZLN, EZLN*. Op. cit., 2000, Tomo III, p. 321. 30/5/1996.

<sup>20</sup> ARIAS, Sofía Rojo. Los usos de la historia: memoria y olvido en los comunicados del EZLN. *Perfiles Latinoamericanos*. México: 1996, Año 5, n 9, Diciembre. p.166.

*transformação RADICAL do pacto federativo nacional. A única forma de incorporar os indígenas à nação, com justiça e dignidade, é reconhecendo as características próprias de sua organização social, cultural e política. As autonomias não são sinônimo de separação, e sim de integração das minorias mais humilhadas e esquecidas do México contemporâneo. Esta é a posição do EZLN desde a sua formação e é assim que as bases indígenas que constituem a direção de nossa organização tem ordenado que deve ser. Hoje repetimos: NOSSA LUTA É NACIONAL(...)"<sup>21</sup>*

Para entender melhor esta utilização de diversos símbolos de grupos diferentes, deve-se descrever como se apropria dos produtos materiais e simbólicos alheios e os reinterpreta: as fusões musicais ou futebolísticas, os programas televisivos que circulam por estilos culturais heterogêneos, o estilo de vida americano que é absorvido em quase todo o mundo<sup>22</sup>. Naturalmente, não só as misturas: também as barreiras em que se entrincheiram a perseguição ocidental à cultura indígena ou mulçumana. Não só os intentos de conjurar as diferenças, mas também os dilaceramentos que nos habitam.

Desta forma, a multiculturalidade, ou seja, a abundância de opções simbólicas, propicia enriquecimento e fusões, inovações estilísticas mediante empréstimos tomados de muitas partes. Todas estas possibilidades podem ser vistas através da análise do grupo, dando ênfase na utilização da internet. Trata-se de um novo modo de ver a política midiática, e a possibilidade da utilização desta para causas diversas que podem, desta forma, ganhar a notoriedade de eventos mundiais.

Utiliza-se a internet para expressar as diferenças perante um mundo cada vez mais padronizado. Em uma entrevista do Subcomandante Marcos, feita por Manuel Vásquez Montalbán, a sua resposta a uma das perguntas motivou-nos a mais questionamentos. Montalbán perguntou: “A rebelião indígena quer um lugar entre os outros que é a metáfora do perdedor social global que exige um novo estatuto de globalização?”<sup>23</sup> Marcos respondeu: “O movimento zapatista representa o símbolo de quem resiste a ser sacrificado dentro de um mundo padronizado. Neste mundo, ou as

<sup>21</sup> Trecho da Terceira Declaração da Selva Lacandona também divulgada pelo site [www.ezln.org](http://www.ezln.org)

<sup>22</sup> Uma boa amostra desta americanização é apresentada através de um vídeo-clipe da banda de rock alemã chamada Rammstein. Neste clipe da música intitulada “We are living in América” são mostrados cenas do cotidiano de diversos povos com a influência norte americana, como monges comendo big-macs e africanos usando tennis Nike.

<sup>23</sup> MONTALBÁN, Manuel Vásquez. Op.cit. *Folha de S. Paulo*: 4/0/1999, Mais!, p. 5.

diferenças se integram, deixando de ser diferenças, ou são eliminadas.”<sup>24</sup> Desta forma, os zapatistas buscam reconhecimento das diferenças ao mesmo tempo que reivindicam igualdade. A menção da busca da igualdade e do reconhecimento da diferença permeiam os documentos zapatistas, como se pode perceber pelos seguintes dizeres:

*Não queremos o poder. Queremos que se respeite a igualdade e ao mesmo tempo a diferença. (...)*

*Nunca existirá um mundo homogêneo, deve-se respeitar o direito à diferença, e o excluído reclama: ou nos levam em conta como ruído na aparente harmonia internacional.*<sup>25</sup>

As seguintes declarações foram extraídas de dois comunicados zapatistas, ambos assinados pelo CCRI em 17 de novembro de 1995 e 26 de agosto de 1996, respectivamente:

*Não queremos separar –nos da nação mexicana, queremos ser parte dela, queremos que nos aceitem como iguais, como seres dignos, como seres humanos.*<sup>26</sup>

*“(...) tal vez sean muchas las diferencias que hay entre los muchos, pero, ¿no podemos buscar lo que nos hace iguales sin perder lo que nos hace diferentes? ¿Es difícil? ¿Más difícil que vivir la muerte de los todos que somos? No parece ser muy difícil hablar. ¿Será imposible tratar de escuchar?”*<sup>27</sup>

Esta igualdade de direitos é apresentada no posicionamento reivindicativo de ampliação da “participación y representación políticas”. Justifica-se por meio desta argumentação que eles, os indígenas, pertencem a um grupo étnico que foi e tem sido desfavorecido historicamente. Assim, as propostas zapatistas foram direcionadas para a

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Trecho de um comunicado do CCRI-CG del EZLN datado de 17/11/95 In: FELICE, Massimo Di & MUÑOZ, Cristobal (org).

<sup>27</sup> CCRI-CG del EZLN. MARCOS, Subcomandante. Inauguración del foro para a reforma del Estado. EZLN, Op.cit., Tomo III, p. 287. 22/6/96.

busca da igualdade legal e do respeito às diferenças étnicas. Este direcionamento pode ser também percebido no documento produzido durante os diálogos em San Andrés, no ano de 1996:

*1. Pluralismo. El trato entre los pueblos y culturas que forman la sociedad mexicana há de basarse en el respeto a sus diferencias, bajo el supuesto de su igualdad fundamental.(...) El reconocimiento y promoción de la naturaleza pluricultural de la nación significa que, con el propósito de fortalecer la cultura de la diversidad y la tolerancia en un marco de unidad nacional, la acción del Estado y sus instituciones debe realizarse sin hacer distinciones entre indígenas y no indígenas o ante cualquier opción sociocultural colectiva. El desarrollo de la nación debe sustentarse en la pluralidad, entendida como convivencia pacífica, productiva, respetuosa y equitativa de lo diverso.<sup>28</sup>*

Desta forma, os indígenas não são diferentes apenas pela sua condição étnica, mas também porque a reestruturação neoliberal dos mercados agrava sua desigualdade e exclusão. Para milhões, o problema não é manter “campos sociais alternativos”, mas ser incluídos, chegar a se conectarem, sem que isto atropela suas diferenças nem os condene à desigualdade.

A sociedade ocidental foi amplamente influenciada pela idéia de que olhar para as sociedades indígenas seria o mesmo que olhar para a infância da humanidade. Em alguns Estados nacionais, os índios são considerados incapazes perante a lei ainda vigente. Ou seja, existe uma noção intrínseca de que lhes falta capacidade para assimilar a sociedade contemporânea. Paula Monteiro analisa:

*(...) estudios puntuais parecen indicar que una das particularidades dos esquemas de pensamento ocidental é a de conceber o Outro como inferior com a finalidade específica de submetê-lo. Com efeito, a história do Ocidente nos oferece muitos exemplos desse tipo de consciência: a expansão das civilizações greco-romanas, os descobrimentos ibéricos, a*

---

<sup>28</sup> *Acuerdos de San Andrés* In: COSSÍO, José.Ramón Díaz. et al., p.294.

*formação dos grandes impérios coloniais e, hoje, a mundialização são momentos particularmente interessantes para capturar o modo como o Ocidente concebeu poderosas imagens para o aprisionamento do Outro em posições de inferioridade.*<sup>29</sup>

Infelizmente, não houve, até meados do século XX, uma tentativa real de compreensão do outro a partir de uma perspectiva que não fosse a da busca da igualdade na desigualdade de outrem, ou que deixasse o outro em uma posição de inferioridade.

Os zapatistas apresentam a igualdade de duas formas. A primeira, com o caráter de semelhança, de percepção de igualdade, visa, em nosso entender, à busca de apoio em outros segmentos da sociedade mexicana e internacional. Em um segundo momento, a reivindicação da igualdade passa pela luta por direitos civis mais amplos para os indígenas. A construção do conceito de igualdade zapatista passou por estágios diferentes, e por vezes confusos, com percepções em relação a outros sujeitos, que ora se estabeleceram, ora foram negadas.

Quando falamos da igualdade construída de modo a buscar uma semelhança entre os zapatistas e outros setores da sociedade, um documento do EZLN é particularmente elucidativo. O texto, datado de 29 de setembro de 1995, mostra um suposto julgamento do Subcomandante Marcos, que é apresentado como “*la voz*”, e representa não somente a si mesmo, mas a todos os zapatistas:

*Después de estas confesiones, el de la voz fue exhortado a declararse espontáneamente inocente o culpable a la siguiente serie de acusaciones.*

*A cada acusación, el de la voz respondió:*

*Los blancos lo acusan de ser negro. Culpable.*

*Los negro lo acusan de ser blanco. Culpable.*

*Los auténticos lo acusan de ser indígena. Culpable.*

---

<sup>29</sup> MONTEIRO, Paula. Globalização, identidade e diferença. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n° 49, pp.47-64, novembro, agosto, 2000.

*Los indígenas traidores lo acusan de ser mestizo. Culpable.*

*Los machistas lo acusan de ser feminista. Culpable.*

*Las feministas lo acusan de ser machista. Culpable.*

*Los comunistas lo acusan de ser anarquista. Culpable.*

*Los anarquistas lo acusan de ser ortodoxo. Culpable.*

*Los anglos lo acusan de ser chicano. Culpable.*

*Los antisemitas lo acusan de ser projudío. Culpable.*

*Los judíos lo acusan de ser porárabe. Culpable.*

*Los europeos lo acusan de ser asiático. Culpable.*

*Los gobernistas lo acusan de ser opcionista. Culpable.*

*Los reformistas lo acusan de ser ultra. Culpable.*

*Los ultras lo acusan de ser reformista. Culpable.*

*La "vanguardia histórica" lo acusa de apelar a la sociedad civil y no al proletariado. Culpable.*

*La sociedad civil lo acusa de perturbar la tranquilidad. Culpable.*

*La bolsa de valores lo acusa de arruinarle el almuerzo. Culpable.*

*El gobierno lo acusa de provocar el aumento en el consumo de antiácidos en las secretarías de Estado. Culpable.*

*Los serios lo acusan de ser bromista. Culpable.*

*Los bromistas lo acusan de ser serio. Culpable.*

*Los adultos lo acusan de ser niño. Culpable.*

*Los niños lo acusan de ser adulto. Culpable.*

*Los izquierdistas ortodoxos lo acusan de no condenar a los homosexuales y lesbianas. Culpable.*

*Los teóricos lo acusan de práctico. Culpable.*

*Los prácticos lo acusan de teórico. Culpable.*

*Todos lo acusan de todo lo malo que les pasa. Culpable.<sup>30</sup>*

---

<sup>30</sup> MARCOS, Subcomandante. Carta de Marcos sobre los tambores de la sociedad civil. *EZLN*. Op.cit., Tomo II, pp. 245-246, 12/9/95. Em uma outra passagem podemos ler: "Queremos agradecer especialmente a los grupos sociales que, al igual que los indígenas, han sufrido la marginación y la inequidad en el trato.

Aqui, o caráter étnico é esquecido e os zapatistas apresentam-se como semelhantes aos mais diversos grupos. A igualdade parece estar acima das diferenças. Porém, este é um mecanismo racional de criação de uma identificação e de uma identidade ampla, em que muitos outros grupos possam espelhar-se. A igualdade é assim utilizada de modo a buscar apoio para a luta do movimento zapatista. Alguns personagens históricos, tais como Pancho Villa, Emiliano Zapata, os irmãos Flores Magón,<sup>31</sup> são usados para estabelecer esta relação de igualdade e identificação dos zapatistas com os mexicanos não-indígenas.

O reconhecimento das diferenças e a busca pela igualdade são mais bem compreendidos se pensarmos em outros termos: a construção da diferença e a percepção da igualdade. A construção da diferença no discurso zapatista está embasada na manutenção do fator étnico e na construção da identidade do grupo. Os zapatistas apresentaram-se como diferentes dos demais cidadãos mexicanos devido a uma exclusão étnico-social que remonta, segundo seus textos, ao período de conquista: “Somos producto de 500 años de luchas...”<sup>32</sup> Esta é uma associação que os coloca como desprivilegiados perante os demais cidadãos mexicanos, daí a justificativa para suas reivindicações. Isto é notório nos textos dos *Acuerdos de San Andrés*, onde exigem do governo um reconhecimento de que eles “descienden de poblaciones que habitan en el país en la época de la conquista o la colonización”<sup>33</sup>, e posteriormente reivindicaram que “El Estado debe impulsar cambios jurídicos y legislativos que amplíen la participación y representación políticas local e nacional de los pueblos indígenas.”<sup>34</sup> A igualdade percebida por eles surge de dois modos, ora apresentando-se como iguais aos grupos minoritários, para com isto buscar o apoio deles, ora como iguais perante as leis do Estado mexicano. Aqui novamente vemos a busca por direitos legais para os indígenas como força motriz do EZLN e dos conceitos criados por eles em seus comunicados. A idéia de igualdade para os outros cidadãos mexicanos também pode ser

---

Queremos agradecer a las mujeres, a los jóvenes, a los homosexuales y lesbianas, a los presos, (...).” MARCOS, Subcomandante. Fin de la consulta nacional. *EZLN*. Op.cit., Tomo II, p.450, 29/9/95.

<sup>31</sup> Francisco Pancho Villa, Emiliano Zapata e os Irmãos Flores Magón foram personagens históricos da revolução de 1910 no México. Villa e Zapata principalmente estão ligados aos movimentos camponeses e de reforma agrária no México do início do século XX. WOMACK, John Jr. *Zapata e a Revolução Mexicana*. Lisboa: Edições 70, 1980, p.10.

<sup>32</sup> CCRI. del EZLN. *EZLN. Documentos y Comunicados*. México: Ediciones Era. 2000. Tomo I.p.33. 1/1/1994. 1/1/94.

<sup>33</sup> *Acuerdos de San Andrés* In: COSSÍO, José.Ramón Díaz. FRANCO, José Fernando González Salas y ROLDÁN, José Xopa. *Derecho y cultura indigena*. México: Miguel Angelo Parrua. 1998, p.291.

<sup>34</sup> Idem., p.292.



observada quando se utilizam dos símbolos nacionais tanto para sua legitimação quanto para a criação de sua identidade. Neste caso, uma identidade como cidadãos mexicanos, e não como indígenas somente, que é o caso da construção de sua diferença.

## CAPÍTULO 2: PALAVRAS QUE SURGEM DA SELVA

*“Esto somos nosotros,  
El ejercito Zapatista de Liberacion Nacional,  
La voz que se arma para hacerse oir.  
El rostro que se esconde para mostrarse.  
El nombre que se calla para ser nombrado.  
La roja estrella que llama al hombre  
y al mundo para que escuchem,  
para que vean, para que nombren.  
El mañana que se cosecha em el ayer...”*

35

---

<sup>35</sup> Comandante Ana Maria, na abertura do Encontro Intercontinental, julho de 1996

## 2 - PALAVRAS QUE SURGEM DA SELVA

O ano de 1994 serviu de reflexão para o mundo no que diz respeito à nova ordem econômica e política que se configurava. No continente americano as negociações envolvendo o NAFTA, acordo comercial que englobava Canadá, Estados Unidos e México ocuparam a mídia internacional. Porém, este ano não serviu para reflexão somente no campo econômico nas tentativas de se estipular limites e taxas para proteção e ampliação dos mercados internos por parte das grandes economias. Do ponto de vista político e social, surgiria para o mundo, naquele 1º. de janeiro de 1994, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). Propondo-se a lutar contra a desigualdade econômica e social vigente no México, questionou o discurso da globalização que apresentava uma faceta de igualdade econômica buscando falar em nome dos povos mais humildes de um dos mais pobres Estados do México e dos indígenas. Com este caráter contestatório, acabou por atrapalhar os planos do governo Mexicano de apresentar um país moderno e promissor, abrindo as feridas através de 14 dias de combate aberto com o exército e da exposição dos problemas enraizados na sociedade mexicana com respeito aos povos indígenas.

Para entendermos melhor a situação dos habitantes do estado de Chiapas, podemos citar Carlos Montemayor: “A história política recente de Chiapas é a própria expressão de uma instabilidade quase sem precedentes. Nas últimas duas décadas teve 9 governadores, 2 constitucionais, 6 interinos e 1 substituto do interino. Mais ainda, em menos de 2 anos viram passar 5 mandatários, nenhum deles concluiu seu mandato... A forte dependência do governo federal é a causa do abandono em que vive este estado. Como em nenhum outro estado, a ausência do federalismo se tem expressado com maior ênfase.”<sup>36</sup>

---

<sup>36</sup> MONTEMAYOR, Carlos. *Chiapas, la rebelión indígena de México*. Madrid: Espasa, 1998



Dados retirados do site oficial do EZLN.

Nas palavras de Pedro Casaldaliga: “Chiapas é, por um lado, essa larga margem do Continente, marginalizada culturalmente, economicamente e socialmente. Riquíssimo e paupérrimo. Sempre esquecido pela política oficial e manipulado por ‘coronéis’ prepotentes e corruptos, Por outro lado, e agora definitivamente, Chiapas é a calada, paciente, dignidade indígena, que conserva a memória, que tem a palavra conseqüente, que luta pelas obviedades da vida: a terra, a cultura, a liberdade, a paz.”<sup>37</sup>

## 2.1 – CHIAPAS

No território onde se desenrola a guerra chiapaneca, vivem e trabalham 16.939 produtores de café; 93% deles em terras menores que 2 hectares. Muitos são a base social do EZLN; outros são camponeses indígenas em luta por exigências, que não partilham da visão que a via político-militar seja o caminho para resolve-las.

O estado de Chiapas é o maior produtor de café na República: 73.742 produtores semeiam o aromático em 228.264 hectares. Os 91% desses produtores têm menos de 5

<sup>37</sup> CASALDALIGA, Pedro. *Chiapas, paradigma da nossa américa* IN: Chiapas, construindo a esperança (org.) Alejandro Buenrostro y Arellano; Ariovaldo Umbelino de oliveira. Pág. 67.

hectares; entretanto, 116 proprietários concentram em suas mãos o grosso da infraestrutura produtiva e comercial e o crédito bancário.<sup>38</sup>

O sustento dos pequenos produtores, mesmo que combinem o cultivo do café com o dos gêneros básicos e a criação de gado, são obtidos através da venda do aromático. A produção do café requer para se desenvolver adequadamente os trabalhos do cultivo (semear novamente, podas, controle das sombras, fertilização e colheita), uma média de oitenta dias de trabalho por hectare ao ano; o problema é que muitos desses dias de trabalho se concentram em datas fixas (por exemplo, na colheita), o que torna a mão-de-obra familiar insuficiente.

Entre 1989 e 1993, os rendimentos dos produtores de café diminuíram em 65%, apesar dos apoios que o Pronasol tem dado. Isso foi resultado de três elementos diferentes: a queda dos preços, a sobrevalorização do peso e a queda da produtividade.

A queda dos preços foi provocada pela ruptura das cláusulas econômicas da OIC e o estabelecimento de um mercado livre que o governo mexicano aprovou. Os intentos dos países produtores de regularizar o preço retendo parte da produção têm sido boicotados pelo governo mexicano, o que internacionalmente lhe tem valido o qualificativo de *esquirol* (fura-greve).

A exportação do café sofreu forte impacto com a sobrevalorização do peso mexicano. Enquanto em dezembro de 1988 a paridade peso-dólar era de 2.297 pesos por dólar, em dezembro de 1993 foi de 3,2 novos pesos. A inflação durante este período foi de 89,3%.<sup>39</sup>

A produção mexicana de café diminuiu 35% entre 1989 e 1993. A produtividade do pequeno produtor caiu de 7,5 quintales\* por hectare a 5 quintales durante o presente ciclo. Isso foi resultado de custos de produção acima do preço de mercado, da retirada do Inmecafé e do quase abandono ao combate às pragas e à assistência técnica.<sup>40</sup>

Os produtores tiveram de se enfrentar, ante a retirada do Inmecafé, tendo a necessidade de comercializar eles mesmos sua produção ou cair nas mãos dos *coyotes*. O custo do acesso aos mercados teve de ser pago pelos produtores<sup>41</sup>. Para enfrentar a crise, foi criado um fundo regulador de preço a partir do estabelecimento do Procampo.

---

<sup>38</sup> NAVARRO, Luiz hernandez. *O café e a guerra*. IN: Chiapas, construindo a esperança (org.) Alejandro Buenrostro y Arellano; Ariovaldo Umbelino de oliveira. Pág. 71.

<sup>39</sup> NAVARRO, Luiz hernandez. *O café e a guerra*. IN: Chiapas, construindo a esperança (org.) Alejandro Buenrostro y Arellano; Ariovaldo Umbelino de oliveira. Pág. 72.

<sup>40</sup> IDEM.

<sup>41</sup> IDEM.

O governo respondeu a situação através da criação de um programa especial que outorgou mais créditos aos produtores e às suas organizações. Aparentemente, nada se tem feito para chegar ao problema de fundo: incrementar o preço do grão e, por esta via, em vez de aumentar as dívidas melhorar o rendimento familiar.

Grande parte dos produtores da zona de conflito se uniram em organizações exemplares: passaram a exportar diretamente sua produção através da criação de empresas no estrangeiro, impulsionado o cultivo do café orgânico e promovido projetos de desenvolvimento integral, na maioria dos casos, sem apoio governamental.

Nessa região se produz 17,3% da produção total do café do estado. O destino de 75% dessa produção é a exportação. Até o início da guerra os 70% da colheita permaneciam ainda no campo. Seu destino é evidentemente incerto. Cortar o grão nas atuais circunstâncias é uma empresa complexa; vendê-lo, nos marcos de ausência de compradores, *coyotes* vorazes e insegurança no transporte, mais ainda. Urge, portanto, um programa de emergência em apoio aos produtores regionais, muitos deles refugiados de suas terras; onde está uma de suas poucas fontes de rendimentos.<sup>42</sup>

É interessante pensarmos que mesmo Chiapas sendo um dos estados mais pobres do México, o governo restringiu em 1972, a colonização de 600 mil hectares da Selva Lacandona para 66 famílias. A resposta pode estar em um estudo sobre a Zona Lacandona, elaborado pela Comissão de Estudos do Território Nacional, publicado em 1974 – ano do célebre Congresso Indígena -, que contém dois mapas abrangentes da selva – de um total de 11 – que refletem o conhecimento que os geólogos tinham sobre as possibilidades petrolíferas do lugar (apesar de, segundo a leitura desses documentos, a região carecer de possibilidades petrolíferas, poderia converter-se na principal reserva florestal do país).

Durante toda a década de 70 o preço do petróleo sofreu grande elevação (15 dólares por barril, em 1978, a quase 40, em 1980) e as empresas transnacionais começaram a explorar a zona fronteira da Guatemala com Marqués de Comillas. O governo mexicano passou a reconsiderar sua política de proteção ambiental na região, mediante o estabelecimento de uma zona difícil de conservação de 331.200 hectares em Montes Azules. Ao mesmo tempo, o governo empreendeu ações destinadas a regular os intensos movimentos indígenas de colonização desatados em Las Cañadas que co-

---

<sup>42</sup> NAVARRO, Luiz hernandez. *O café e a guerra*. IN: Chiapas, construindo a esperança (org.) Alejandro Buenrostro y Arellano; Ariovaldo Umbelino de oliveira. Pág. 73.

limitam ou se sobrepõem aos anticlinais potencialmente petrolíferos (os anticlinais são formações rochosas que “prendem” o petróleo cru). Nesses anos, a desconfiança econômica e militar do governo federal então nacionalista se expressa no impulso da colonização mestiça em marquês de Comillas, não somente pelo que acontece na Guatemala, mas também por sua desconfiança ante o avanço das comunidades indígenas que não cessam de colonizar a selva e exigem o cumprimento das postergadas promessas de reforma agrária. A presença índia, portanto, poderia estorvar a eminente exploração petrolífera dessa região.

Após pesquisas sobre a composição do solo mexicano pode-se observar a seguinte distribuição de áreas com maior potencial petrolífero: oito estão agrupadas na região noroeste (prospecto de Champa), seis na região leste (San Fernando), na região Ocosingo, no centro da selva. Ainda que nem todas essas prospecções tenham sido confirmadas com êxito, resultam de enorme importância para compreender a história da organização do espaço na Selva Lacandona. É o caso das prospecções efetuadas durante os anos 80 na chamada região de San Fernando, que permitem encontrar hidrocarbonos nas seis áreas correspondentes aos anticlinais Yaxchilan, Gavilán, Bonampak e El Cedro, assim como as empresas transnacionais que operavam na Guatemala tinham expectativas parecidas para regiões correspondentes do outro lado do rio Usumacinta.

Em 1992 foi decretada a conservação de uma nova área de 61.873 hectares, anexada a Montes Azules como reserva da Biosfera de Lacantún, e de 4.357 hectares como Monumento Natural Bonampak, assim como outra ilha de 12.184 hectares decretados como Refúgio de Flora e Fauna Silvestres Chan Kin, e 2.621 hectares como Monumento Natural Yaxchilan. Isso sugere uma presença baixa ou nula de petróleo nessa franja fronteiriça, originalmente incluída na Comunidade Lacandona, mas posteriormente excluída dos limites de Montes Azules.<sup>43</sup>

A grande importância que ainda mantêm muitos desses diagnósticos iniciais da Pemex apóia-se na forma em que vários deles, confirmados hoje como certos por diversas provas, coincidem espacialmente com numerosas regiões habitadas pelas comunidades indígenas zapatistas no norte, centro e sul da selva Lacandona. Ponto-chave para pesar as recentes declarações do diretor da Pemex, Adrián Lajous, quando desqualifica uma nota jornalística (*La Jornada*, 22 de agosto) sobre o trabalho dos

---

<sup>43</sup> BARREDA, Andrés; ESPINOSA, Rolando. *O petróleo que não existia*. Os mapas do ouro negro chiapaneco. IN: Chiapas, construindo a esperança (org.) Alejandro Buenrostro y Arellano; Ariovaldo Umbelino de oliveira. Pág. 141.

geólogos da Pemex, Pablo Cruz e Javier Meneses, em torno da Serra Chiapas (no noroeste da entidade), publicado recentemente pela revista *Oil and Gás*.<sup>44</sup>

Lajous continua sua análise no qual indica que a região do norte de Chiapas (para a qual, sim, aceita a presença de reservas), na realidade, não está conectada diretamente com a região de Ocosingo. Vale a pena observar, que esta zona fronteiriça com Tabasco também é uma região zapatista que, pelo mesmo motivo, tem sido duramente castigada pelo grupo paramilitar Paz e Justiça.

Podemos perceber a importância do estado de Chiapas para a nação mexicana ao mesmo tempo que mantêm o título de Estado mais pobre do México. O reconhecimento do território de Chiapas tornou-se necessário para tentarmos compreender as origens e por conseguinte, o porquê da rebelião zapatista e contra o quê estes povos indígenas se rebelaram? O fato de, hoje, os maias se rebelarem, como os tzetales<sup>45</sup>, os tzotziles, os choles, os zoques e os tojolobales<sup>46</sup>, corresponde a um legado que produz os mesmos efeitos em outras regiões da Mesoamérica.”

Quando começamos a percorrer o caminho da história dos povos indígenas do México próximo, verificamos que um dos fatores que se encontra na origem da rebelião, é o desenvolvimento de Chiapas. Desde os anos 30, tem se verificado a crise dos latifúndios cafeeiros. Os peões "agregados" das fazendas (acasillados)<sup>47</sup> abandonaram suas funções e partiram em busca de lugares mais promissores. Nos anos 50, ocorreu a liberação dos peões pelas fazendas de gado em formação uma vez que estas já não necessitavam de seus serviços. Na década de 1970, extinguiu-se, virtualmente, o peão "agregado". Chiapas se converteu numa região produtora de eletricidade e petróleo. Novamente, os peões abandonaram as propriedades de café, de cana, de milho e, ainda, de gado, dirigindo-se ora para os serviços relacionados à infra-estrutura como eletricidade, petróleo, represas e estradas, ora para a Selva para tentar uma vida humilde. Esta é a população que habita hoje, o território onde se move o Exército Zapatista de Libertação Nacional.

---

<sup>44</sup> IDEM

<sup>45</sup> Tzeltal: povo indígena de origem maia, com língua própria e localizado nos Altos e no norte de Chiapas.

<sup>46</sup> Etnias indígenas que vivem na região da Selva Lacando, Estado de Chiapas.

<sup>47</sup> Acasillados: peão que, no México, vive em fazendas prestando serviços nas horas extras.



Organizados entre eles, os tzeltales, tzotziles, choles, zoques, tojolobales e mestiços se relacionam entre si e utilizam a selva como lar, trabalho e continuidade de suas culturas. Surgiu entre todos uma espécie de identidade de etnias oprimidas frente a fazendeiros, pecuaristas e "kaxlanes"<sup>48</sup>. Esta identidade começou a ser formada em meados dos anos 70 e 80, década em que se fortaleceu através da Associação Rural de Interesse Coletivo União de Uniões (ARIC U de U), e culminou em fins dessa década com um processo de integração das organizações étnicas e de trabalhadores tendo seus membros deixado a servidão sem encontrar espaço no novo desenvolvimento do país.

Outra causa importante no auxílio desta formação indígena foi, segundo Pablo González Casanova, o Concílio Vaticano II e a Conferência Episcopal de Medellín<sup>49</sup>. Desde então, deu-se início a uma renovação pastoral "auxiliada pela sociologia religiosa e com a animação do Movimento por um Mundo Melhor".<sup>50</sup> A sistematização da mudança expressar-se-ia na Teologia da Libertação, hoje violentamente censurada pelos ideólogos neoliberais, e mundialmente famosa, expressaria um importante movimento cristão que, respeitando o dogma e a fé, impedir que um e outra fossem utilizados contra os pobres e os oprimidos. O trabalho de educação e de catequese foi extraordinário. Também o de organização. Nenhum partido político ou instância cultural fez algo parecido. Um bispo de San Cristóbal, chamado Samuel Ruiz, juntamente com os sacerdotes, párocos e diáconos do bispado, trabalharam em 2.608 comunidades, com mais de quatrocentos pré-diáconos e oitocentos catequistas. "Viveram a caridade" como pobres e como índios, transmitiram aos pobres e aos índios "todas essas maldades" que consistem em crer, pensar e "ser" orgulhosamente índio.

Em 1968, o México, assim como diversos países da América Latina e Central, enfrentavam grande contestação de suas políticas por parte da população. Neste ano, um fato lamentável conhecido como o massacre de Tlatelolco<sup>51</sup>, no qual, muitos

<sup>48</sup> Kaxlanes ou ladinos, são os mestiços que vivem no território.

<sup>49</sup> Inicia-se nos anos 60 a ação pastoral desse movimento: párocos e catequistas se dedicaram a ensinar aos índios que são considerados seres humanos. Veja-se LEYVA SOLANO, X. *Militancia político-religiosa e identidad de la lacandonal*. (Mimeo.).

<sup>50</sup> Veja-se a "Carta Pastoral en esta hora de la Gracia com motivo del saludo de S. S. al Papa Juan Pablo II a los indígenas del continente. Samuel Ruiz García. O bispo de San Cristóbal de las Casas, Chiapas. 6 de agosto de 1993. Fiesta de la Transfiguración del Señor".

<sup>51</sup> Tlatelolco trata-se do maior conjunto habitacional do México, construído em 1950. Na noite de 2 de outubro de 1968, uma manifestação estudantil contra o regime de Gustavo Díaz Ordaz foi fortemente reprimida por forças policiais e paramilitares. Durante 45 minutos, posicionados nas janelas dos prédios ao redor, atiradores de elite, apoiados por tropas federais na praça, dispararam contra a multidão estudantil indefesa. Até os dias de hoje, não se tem certeza da quantidade de mortos neste evento trágico.

protestantes morreram em combate com a polícia, acabou por delinear um novo rumo para as lideranças estudantis. Alguns ingressaram no sistema, ou o sistema os cooptou; outros organizaram movimentos sociais urbanos e bairros populares outros contribuíram para formar partidos políticos, como o PRD (Partido da Revolução Democrática), o maior partido de esquerda da história do México; outros ajudaram a formar movimentos camponeses ou foram participar das guerrilhas de Sonora, Chihuahua, Guerrero. Na ideologia dos antigos estudantes, havia um elemento comum: lutar por uma democracia em que o povo trabalhador e explorado tomasse as decisões por si mesmo, e pelo fim do sistema repressivo, autoritário e excludente vigente no México.

Em meados dos anos 70, os antigos sobreviventes de 1968 começaram a chegar ao estado de Chiapas e integraram-se nas organizações populares, "ajudando-as a organizarem-se e a adquirirem uma maior consciência para levar adiante suas lutas". Em 1976, os militantes da União do Povo penetraram na Selva: tiveram ricas experiências de organização no Vale do Mayo e do Yaqui e em Laguna. Em meio a erros, desencontros, crises teóricas e estratégicas, os líderes de 1968 estabeleceram a necessidade da união e da organização de todos os "operários, camponeses, colonos, estudantes, pequenos comerciantes, empregados, profissionais". Propuseram elaborar um programa de lutas por terras e salários, por escolas e hospitais, e, em geral, por melhores condições de vida.

O movimento expressava "a atmosfera revolucionária", característica da época, com suas variantes na luta contra a exploração do homem pelo homem. Postulava também a instauração de um sistema que fizesse da democracia nas próprias organizações de massa sua arma fundamental. Os dois objetivos — o da luta contra a exploração e o da luta pela democracia — se mantêm até hoje, e têm-se estendido como valores já internalizados pelas organizações da Lacandona e do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Outros — como o socialismo e a luta de classes — perderam seu valor estratégico e saíram do cenário por um tempo indeterminado.

Através de um sistema de "assembléias itinerantes" permitiu-se que todos aumentassem a sua capacidade e prática de discussão e decisão. A dissensão e o "Acuerdo" se estenderam ao longo da Selva. Quem nela habitava adquiriu uma cultura comum que, com diferentes línguas, uniu etnias, religiões e ideologias nas mesmas metas e ações. Aprenderam algo novo: como discutir e decidir sobre a luta

revolucionária e como defender as suas organizações dos agentes provocadores. Os revolucionários aprenderam que os ritmos do povo não são os deles. Aprenderam que não apenas deviam organizar os índios, mas aprender com a sua forma de organização. Construíram organizações e politizaram as já existentes. Politizaram-se eles mesmos e se confundiram com os demais. Deixaram suas idéias marxista-fundamentalistas. Descobriram que o "reordenamento do mundo" somente poderia vir através de uma luta pela democracia que incluísse as autonomias e delas partisse, bem como os direitos dos povos indígenas e dos pobres, até abarcar toda a nação. Contando com ela, com seus trabalhadores e com seu povo.<sup>52</sup>

*(...)A esperança de gatilho teve o seu lugar no início do ano. Agora é preciso que espere. É necessário que a esperança que passeia pelas grandes mobilizações volte a assumir o lugar de protagonista que lhe cabe por direito e razão. Agora a bandeira está nas mãos dos que tem nome e rosto, de pessoas boas e honestas que percorrem caminhos que não são os nossos, mas cuja meta é a mesma que nossos passos anseiam. Nossa saudação e esperança é de que eles levem esta bandeira onde ela deveria estar. Nós esperaremos, de pé e com dignidade. Se a bandeira cair, nós saberemos como levantá-la outra vez ...(...)<sup>53</sup>*

Em 1971 iniciaram-se os problemas. Por decreto presidencial, foi entregue a metade da Selva Lacandona a uma etnia quase extinta: os lacandones. Com o pretexto de preservar alguns que restavam, pretendeu-se arrebatar as terras de tzeltales, tzotziles, choles, tojolobales e zoques, que as habitavam há duas ou três décadas, e a quem se acusou de "usurpadores". Por trás do decreto, havia um grande negócio de políticos e madeireiros. Todos se apresentaram como a Companhia Florestal Lacandona S.A. Esta se apressou em firmar um contrato com os "legítimos donos" da terra, adquirindo, assim, o direito de extrair 35 mil m<sup>2</sup> de madeira ao ano, o que equivale a dez mil árvores de cedro e de acaju. A Selva se tornou monopólio da Companhia. Sua extensão era nada

<sup>52</sup> Percebe-se alterações na postura do EZLN a partir da segunda declaração da selva lacandona, momento no qual deixam de lutar diretamente através das armas para se organizarem através dos conselhos e utilizar as palavras.

<sup>53</sup> Trecho da Segunda Declaração da Selva Lacandona através do qual o grupo se compromete com o cessar fogo pedido pela população.

menos que 614,321 hectares. Ajudada pelo governo, a Companhia se propôs a "relocar", isto é, expulsar os supostos intrusos. Alguns deixaram a região; outros começaram a lutar pela defesa de suas terras. Estes foram a maioria.

“As centenas de líderes indígenas do Êxodo, os oito mil catequistas, os ex-líderes de 1968 e os da guerrilha do Norte e do Pacífico deram início a uma nova etapa de mobilizações que os levou à capital do estado e até a capital da República (1981). Foi o início das grandes lutas legais que se combinaram com ações diretas.<sup>54</sup>

Todos os habitantes da Selva haviam sido expulsos de outras terras. Nos vales centrais, com a reconstrução das represas, mais de cem mil pessoas tiveram que emigrar. Suas terras ficaram em baixo d'água. A exploração do petróleo inutilizou grandes extensões de terra, convertidas em terras inóspitas ou mananciais. Algo como cinquenta mil pessoas se viram obrigadas a sair do local onde habitavam. A crise econômica de fins dos anos 70 e princípios dos 80 diminuiu as fontes de trabalho urbanas. Duzentos mil trabalhadores ficaram sem emprego e foram obrigados a voltar à terra que haviam deixado. Para culminar, em 1982, ocorreu uma erupção em Chichonal que inutilizou 70 mil hectares de terra. Cerca de vinte mil povoados tiveram de ser deslocados<sup>55</sup>. Muitos iniciaram o êxodo para a Selva Lacandona, local que posteriormente, seriam expulsos novamente.

Em Chiapas, a terra, principal fonte de sustento das populações mais pobres, tornou-se cada vez mais escassa. Ao mesmo tempo, ocorreu o crescimento natural da população. Na área rural, o crescimento se deu a uma taxa de 3,6% ao ano<sup>56</sup>. A partir de 1985, em regiões onde, anteriormente, havia disponibilidade de 16 hectares por família, a proporção média passou a ser de menos de 4 hectares. O crescimento da população foi um fator muito importante para o empobrecimento dos camponeses que já eram pobres, sobretudo porque se combinou com o despojo das terras e recursos pelas companhias e pelos latifundiários. Ainda antes de serem muitos, os camponeses já careciam de créditos, de assistência técnica e de mercados humanamente aceitáveis. Sua produção era e é extensiva, com técnicas rudimentares e queimadas, e sementeiras freqüentes, o

---

<sup>54</sup> ARELLANO, Alejandro Buenrostro y, OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. *Chiapas: construindo a esperança*. Ed. Paz e terra, São Paulo: 2002.

<sup>55</sup> RODRIGUEZ, E. *La agudización de los problemas agrarios en Chiapas durante la década de los 80*. In: PALACIO, L. H., SANDOVAL, J. M. (Orgs.). *El redescubrimiento de la frontera Sur*. México: Ancien Regime, 1989. p.141-52

<sup>56</sup> ARELLANO, Alejandro Buenrostro y; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. op. cit.

que aumentava o desgaste das terras. Por tudo isso, a pressão demográfica, que se tornava cada vez maior, chegou a um ponto intolerável.

## 2.2 - OS ANOS 80

Em princípios dos anos 80, quatrocentas propriedades e latifúndios foram invadidos pelos camponeses; cem mil sobreviveram como invasores e setenta mil solicitaram terras ao Departamento Agrário sem que fossem atendidos. As demandas e invasões continuaram. Em princípios dos anos 90, Chiapas possuía 27% das demandas de terra de todo o país, sem que fossem satisfeitas. Dos 10.600 expedientes em trâmite na Secretaria da Reforma Agrária, três mil eram de Chiapas. Por trás de longos e custosos processos, os camponeses não ganhavam nada. Quando havia uma resolução presidencial em seu favor, ela não era executada<sup>57</sup>. A consciência de que, enquanto os sem-terra haviam empobrecido, sido marginalizados e excluídos, os proprietários de grandes extensões de terra que nem sequer eram exploradas, foi adquirido e levou a mobilizações de protesto e ocupação de algumas parcelas de terra. O caráter violento da resposta dos fazendeiros tornou-se sistemático. Se antes atacavam violentamente os índios para usurpar-lhes seus direitos, agora atacavam "com mais razão" e com muita cólera, acusando-os de violar o direito de propriedade e a paz social. Líderes rebeldes foram presos e assassinados, famílias e comunidades desalojadas e perseguidas, terras recuperadas pelo Exército ou pelas Guardas Brancas.<sup>58</sup> Em todas as partes, as lembranças e marcas da violência: em Simojovel, Huitiupan, Sabanilla, Yjalón, Chilón, Ocosingo, Las Margaritas. Ainda assim, havia a esperança de que um dia se aplicaria a Constituição e far-se-ia justiça. Para alimentar essa esperança, o governo, de vez em quando, comprava algumas terras dos proprietários e as entregava aos indígenas.

Em 7 de novembro de 1991, o Executivo Federal em cumprimento da política neoliberal acordada com o Fundo Monetário Internacional, das exigências do Tratado de Livre Comércio (TLC-NAFTA) e seguindo os interesses dos grandes latifundiários e

---

<sup>57</sup> MUENCH NAVARRO, P. La reforma agraria en Chiapas. *Cuadernos de Centros Regionales* (Chiapas), n.7, 1994.

<sup>58</sup> Indivíduo pago para realizar crimes e ações coercitivas, geralmente contratados por fazendeiros.

políticos mexicanos e estrangeiros, enviou ao Congresso um projeto de reforma do Artigo 27 da Constituição. O novo texto não somente legalizava os latifúndios disfarçados e legitimava as declarações de que não havia mais terra para repartir, como facilitava a privatização de terras sem dono e comunais pelos latifundiários.

O novo texto foi aprovado por meio de uma aliança do PRI e do PAN, fundando um novo Estado mexicano. Como afirma Maria del Carmem Legorreta, atualmente da ARIC oficial:

*(...) "um dos efeitos mais imediatos da reforma constitucional é o fortalecimento implícito dos antigos fazendeiros. Estes se sentiram, desde então, favorecidos pelo marco legal. Amparados por suas Guardas Brancas e pelos aparatos do Estado, formaram uma moderna organização para governar Chiapas: a União para a Defesa da Cidadania"<sup>59</sup>.*

Com base nisso, os latifundiários tentaram expulsar os índios da região mas tiveram que enfrentar a resistência de muitos que consideravam a Selva seu último refúgio. Mas não apenas estes lutaram, como também os camponeses e os índios de muitas regiões de Chiapas, em especial dos Los Altos que durante esses anos, haviam se organizado cada vez mais.

Os habitantes de Chiapas, além de enfrentarem diversos problemas locais, não eram amparados por uma democracia eleitoral. Nas eleições, eram comuns práticas discriminatórias, encarceramentos, expulsões e assassinatos dos opositores por parte dos *ladinos* e seus aliados. A crônica de seus crimes políticos eram intermináveis. Por vezes, exerciam o poder de forma paternalista, inclusive com alianças com os "Conselhos Supremos Indígenas" e com outros organismos oficiais que praticavam um certo populismo ilimitado. O paternalismo beneficia a pouquíssimos.<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> LAGORRETA DÍAZ, M. C. La reforma al artículo 27 Constitucional y su efecto en la Unión de Campesinos de Ocosingo, Chiapas. *Cuadernos de Carlos Reynosa*, n.7, 1994. Veja-se GARCÍA DE LEÓN, A. Chiapas y la reforma del artículo 27. Los regresos de la historia. *Ojarasca*, n.11, p. 20-7, 1992. Veja-se também Prólogo in: *EZNT. Documentos y comunicados*. México: Era, 1995.

<sup>60</sup> ARELLANO, Alejandro Buenrostro y. *As raíces do fenômeno Chiapas: o já basta da resistência zapatista*. Ed. Alfarrabio. São Paulo: 2002.

Os "líderes" indígenas que se encontravam no PRI, no PAN, no PSUM, no PST, no PRD, freqüentemente trocavam de partido na esperança de que algum deles viesse a resolver seus problemas. Suas lutas desembocavam em fenômenos de clientelismo que permitem realizar pressões conjuntas nas quais "algo" se ganha. Inclusive os membros do PRI participam de diferentes tipos de pressões e até se mobilizam para a tomada de palácios municipais e escritórios do governo. Porém, pelos meios tradicionais conseguiram alterar a estrutura de poder no qual dominavam os fazendeiros e pecuaristas. Quando ocorreram explosões de insatisfação locais, seus efeitos foram efêmeros e o sistema pouco a pouco se recuperou. A experiência indígena em matéria política mostrou que os representantes imediatos dos índios podem ser democraticamente controlados em suas próprias comunidades; mas quando entram para formar parte do governo municipal e ocupavam postos mais altos acabavam por se comprometer com uma estrutura representativa que perpetuava o poder dos proprietários, que passou a ser chamada de *caciquismo*.

A experiência de trabalhar juntamente com o PRI ou com partidos que se apresentam como oposição, como o PAN, o PST e o PARM provoca antipatias políticas em muitos agrupamentos<sup>61</sup>. A política desta forma, não apresentou significado satisfatório para a melhoria da vida indígena, salvo quando os indígenas buscam vantagens pessoais ou triunfos efêmeros.

“Nos anos 80, a população mexicana assistiu a intensificação da pobreza, da marginalização e da exclusão, através das políticas articuladas com um renascer dos *caciques* índios e brancos. Em Chiapas e no país inteiro cresceu o número de explorações e abusos com os salários baixos e os preços irrisórios que eram pagos pelo trabalho — que diminui cada vez mais — e pelos produtos indígenas, vendidos com prejuízo. Alguns desses produtos, como o café, articulam-se à economia transnacional que compartilha os benefícios do que Luiz Hernández Navarro chamou de "lei de San Garabato" — vender caro e comprar barato<sup>62</sup>. Segundo ele, "o exemplo do café é um entre muitos de um modelo de desacumulação e desemprego destinado a deixar os pobres na pobreza por séculos e séculos. Aposteriormente acrescenta: "o preço do café no

---

<sup>61</sup> Após a revolução mexicana, o futuro dos indígenas sempre estiveram nas mãos dos governantes que nada fizeram para a melhoria de sua situação, pelo contrário, ao longo das décadas os grupos indígenas foram constantemente relocados para regiões remotas e perderam seu direito a terras contido no art. 27 da constituição mexicana.

<sup>62</sup> HERNÁNDEZ NAVARRO, L. El drama cafetalero. *La Jornada*, 3 set. 1994.

mercado mundial subiu quase 100%, no nacional subiu 60%, e, mesmo assim, a Cooperativa Cholón B'ala, em Tila, Chiapas, continuou pagando o mesmo valor pelo quilo do produto". O autor afirma que há camponeses que vendem aquilo que produzem sem lucro, ou com perda. E pensa, com razão, que "a diferença permanece em alguma parte". Descapitalizados, os produtores de café "não podem aproveitar o 'boom' para produzir mais: não têm crédito, e, em sua maioria, necessitariam de um financiamento nove vezes superior à garantia que podem oferecer aos bancos. Nem para eles, nem para os produtores de milho, nem para todos os demais, há perspectivas de solução para a 'armadilha da pobreza'".

Para vencê-la, propõe-se uma luta defensiva-democrática, uma revolução defensiva-democrática cuja única possibilidade de vitória é que ela se transforme em uma grande luta política e social, capaz de modificar as correlações do poder e o mercado no sentido de um projeto local, nacional e eventualmente global. No que diz respeito a essa luta democrática, não se conhecem suficientemente as variantes e as tendências e se carece ainda de uma teoria geral. Somente se sabe que, sem uma luta democrática com dignidade e autonomia dos que se encontram na parte de baixo da estrutura social, não haverá vitória social segura nem negociação que permita ao povo acumular forças para enfrentar a opressão e a exploração do PRI, dos *caciques*, do governo, do sistema.



*Grupo Zapatista Armado durante o período de confrontos com as tropas governamentais.  
Imagens retiradas do site oficial do EZLN*



### 2.3 - OS ANOS 90

Em 1994 — com a solidariedade do EZLN —, realiza-se pela primeira vez no campo eleitoral uma participação dos povos indígenas no sentido de reivindicação de cidadania. Diferentes organizações lançam um candidato da sociedade civil e do PRD ao governo do Estado; é uma circunstância inovadora que parece inaugurar uma nova etapa das lutas políticas e sociais. A velha classe-etnia dominante reage com violência extremada e consegue o apoio desejado quando, em 9 de janeiro de 1995, o Exército ataca os opositores na Selva, destruindo povoados zapatistas.

Em todo caso, estrutura-se claramente uma força e uma organização política, democrática e autônoma, nas próprias formações indígenas e camponesas. Este é o caso das coordenações dos Conselhos Supremos Tzeltales e Tzotziles, que apresentam-se democráticos e representativos e da CEOIC, criada em 1994, com dezenas de organizações camponesas indígenas que se enfrentam na cooptação governamental e empresarial. Sua definição inclui a luta pela cidadania, pela terra e pela libertação dos povos indígenas, objetivos articulados na consciência política das suas organizações agrárias e civis desde 1992, quando, durante a Marcha dos 500 Anos de Resistência Indígena Popular, os participantes formaram a Frente das Organizações Sociais Chiapanecas. Nesta, esboçou-se algo similar a uma frente cívica e urbana, não partidária nem eleitoreira, que propôs a Nova Luta Política dos Índios, pela terra, pela nação mexicana e por um sistema democrático com justiça e dignidade e com autonomia em relação às organizações sociais e políticas e às instituições municipais, governamentais e culturais.

Sem risco de nenhum tipo de punição, seja na terra, no trabalho ou na política, aquele que detém o poder tem a possibilidade de violar a lei, seja esta agrária, trabalhista ou eleitoral. O contrário ocorre com aqueles que são indígenas ou mestiços pobres, camponeses, trabalhadores e até empregados: em qualquer momento podem ser lançadas sobre eles falsas acusações e serem-lhes aplicados todos os tipos imagináveis de pena por delitos.

*“Não há profissionais entre os tojolobales. Não há sacerdotes, não há gente do governo... O sistema dificilmente toleraria que um tojolobal ocupasse uma chefia municipal. A falta de apoio se alia à ignorância e ao terror interiorizado”.*<sup>63</sup>

Um índio que reclama pelos seus direitos é um terrorista. Provoca irritação e medo. A lei só regula as relações entre os poderosos ou justifica seus atropelos. E isto no caso de ser necessário. Na maioria das vezes, não o é. Há mecanismos de racionalização e de "opção racional" que permitem renovar o sistema sem provocar o mínimo complexo de culpa, que acabam por transformar esses fatos em "corretos", "normais" e "racionais". Após a nova rebelião zapatista, muitos proprietários se armaram até os dentes, aumentaram suas Guardas Brancas<sup>64</sup> e abasteceram seus arsenais. A repressão e a negociação permanecem abertas e contidas, realizam-se com violência e são propostas como submissão aos que renegam seus valores, traem ou delatam sua gente. Há anos, os camponeses não têm deixado de tomar terras. O fato ocorre novamente após três governos particularmente repressivos: o de Juan Sabines, o de Absalón Castellanos — que foi seqüestrado e anistiado pelos zapatistas — e o de Patrocinio Goanzález Garrido, secretário de Governo quando se instalou o conflito: todos eles se dedicaram a reprimir as novas demandas dos índios que reclamavam seus direitos e cujo ponto de partida mais recente foi o Congresso Indígena de 1974.

*“As estatísticas em relação ao terror não são confiáveis; mas, mesmo assim, são terríveis. De 1974 a 1987, contam-se 982 líderes assassinados somente em uma parte da região indígena de Chiapas; 1.084 camponeses detidos sem bases legais; 379 feridos gravemente; 505 seqüestrados ou torturados; 334 desaparecidos; 38 mulheres violentadas; milhares expulsos de suas casas e de suas terras; 89 povoados que sofreram queimadas de habitações e destruição dos cultivos. E, como*

---

<sup>63</sup> VAZQUEZ SOTO, L. *Organización Campesina Tojolobal. Instancias organizativas e sus luchas*. San Cristóbal de las Casas: Universidade Autónoma de Chiapas, 1983.

<sup>64</sup> Policiais ou seguranças contratados para proteção e ataques aos indígenas. O ataque destes paramilitares são facilitados devido ao interesse governamental que faz “vista grossa” perante seus atos.

*afirmou um ex-líder, em Absalón "aumentou a violência em 100%".<sup>65</sup>*

A cúpula política e social continuava tratando os índios como seus antepassados espanhóis, crioulos ou mestiços *aladinados*. Por traz da nova luta pela democracia, desenvolvida pelos índios, aparece, de forma reiterada, a luta contra a discriminação, a exclusão e a exploração dos povos indígenas. O *ladino* ou "*kaxlán*" herdou os costumes e privilégios de uma situação colonial, hoje inserida nessa "armadilha de pobreza" a que se refere Alan B. Durning, e que abarca desde as estruturas locais e nacionais até a global. Por detrás da nova luta dos povos indígenas, encontra-se o Tratado de Livre Comércio que os deixa desamparados para competir no "moderno" mundo atual. Para eles, o TLC e sua expressão imediata nas modificações do Artigo 27 e no intercâmbio comercial excludente, cada vez mais desigual, constituem uma verdadeira ameaça a sua sobrevivência.

Segundo Arellano, a rebelião em Chiapas apresenta duas grandes linhas de comunicação e de ação particularmente novas na história das revoluções. Essas duas linhas parecem herdar e superar as propostas anteriores, não somente em relação ao restante do mundo, como também no próprio México, incluindo-se Chiapas. Nelas, estão as heranças dos êxitos e fracassos dos russos, chineses e cubanos, ou, mais recentemente, de Nicarágua, El Salvador e Guatemala; das revoluções, das guerrilhas, dos movimentos camponeses de povos indígenas e, com muitos detalhes simbólicos, políticos e militares, do movimento ocorrido no México entre 1910 e 1917.<sup>66</sup> Em certo sentido, uma linha, a memória e a criação histórica estão relacionadas com o que poderíamos chamar de uma política de empatia e de hegemonia. Em outro, memória e criação estão relacionadas com uma política de acumulação de mediações próprias que

---

<sup>65</sup> Os dados anteriores só correspondem a 38 dos 100 municípios com os quais Chiapas conta; referem-se apenas a quatro das seis regiões indígenas da entidade. Veja-se *Boletines e Informes*. San Cristóbal de las Casas: Centro de Derechos Humanos Fray Bartolomé de las Casas, 1989; GÓMEZ CRUZ, P., KOVIC, C. *Com un pueblo vivo, en tierra negada*. San Cristóbal de las Casas: Centro de Derechos Humanos Fray Bartolomé de las Casas, 1994. p.185.

<sup>66</sup> ARELLANO, Alejandro Buenrostro y; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. op. cit.

permite avançar até objetivos cada vez mais profundos nos quais aparecem outras qualidades de vida.

O discurso zapatista parece buscar um interlocutor múltiplo e dirigir-se alternativa ou simultaneamente, a uma grande quantidade de públicos, potencialmente atores. O fato mesmo de se denominarem de zapatistas e de revolucionários é, por si, uma mensagem a todos os camponeses e a todos mexicanos, visto que, no subconsciente coletivo e na educação sentimental, genuína e falsa dos mexicanos, todos se sentem "zapatistas" e são "revolucionários". O discurso não se descuida do interlocutor mais longínquo — o índio — nem das forças progressistas do mundo, nem dos jornalistas e dos meios de comunicação do México e dos outros países, nem dos intelectuais, por mais sofisticados que estes sejam. Àqueles, fala-se em seu próprio idioma e nele escuta-se, e a estes, enviam-se mensagens com citações em inglês e até em francês, e com correções na pronúncia do castelhano e convites ao bem falar e escrever do que eles mesmos dão provas.

Ainda, segundo Arellano, os zapatistas mostram que dominam dialetos, línguas e expressões. O discurso de comunicação múltipla, ou o enfocado ou "focalizado" em um público especial, aumentam sua capacidade persuasiva com o manejo multidimensional da razão, do entendimento e do juízo e com a expressão das formas de pensar em estilos que não são pomposos nem contundentes.<sup>67</sup>

---

<sup>67</sup> ARELLANO, Alejandro Buenrostro y; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. op. cit.



**Zapatistas usando o tradicional passa-montanhas para encobrir os rostos.  
Imagens retiradas do site oficial do EZLN**

A motivação da "dignidade" constitui uma base moral da luta zapatista que corresponde, no México, ao que foi a prática político-moral de Martí em Cuba. É difícil alcançar os mexicanos com razões "morais"; em sua cultura, a "dignidade" tem a capacidade de desatar uma dinâmica muito mais poderosa. A política de mediação, ou de meios e caminhos para conseguir objetivos é muito original. Nas propostas dos zapatistas, objetivos e meios aparentam se apresentar como intercambiáveis. De um lado, os zapatistas se somam à mais popular e reclamada das lutas atuais do povo mexicano e de outros povos do mundo. Ao mesmo tempo, programam uma democracia nova entre os revolucionários; uma democracia na qual se apresentam como plural em relação às ideologias, às religiões e às opções políticas, que não é necessariamente o caminho para o socialismo, e em que não se aceita que a democracia "formal" seja somente "mediatização", em que inclusive se exige aplicá-la efetiva e honestamente. Porém, longe de se deter ali, os zapatistas pedem democracia com justiça, liberdade para os indivíduos e não somente para os povos. Ou vice-versa. Fazem sua a idéia de um regime que não seja presidencialista e de uma federação que seja real, em que haja um certo equilíbrio de poderes soberanos. Colocam o problema da justiça para os "homens

da sombra" e com eles. Exigem a democratização em todos os níveis do governo, da sociedade civil e do Estado.

## **2.4 – ORGANIZAÇÃO E FORMAS DE LUTA**

No terreno das persuasões de forte impacto, como revolucionários não se declaram vanguarda, como chefes não mostram sinais de caudilhos. E mais: afirmam haverem calculado que o triunfo é impossível sem uma luta que não venha de todos os movimentos dispersos e juntos. E, quanto a Marcos, o mais conhecido de seus porta-vozes e líderes (aliás, é "subcomandante"), quando se apresenta, afirma que tem superiores, e que estes, para certas decisões, consultam seus povos de forma exaustiva, em que votam os adultos e até as crianças. O movimento zapatista tenta superar as graves experiências autoritárias antigas e modernas de caudilhos latino-americanos e de "nomenclaturas" ao estilo russo.

Conflito e consenso, guerra e negociação, enfrentamento e diálogo, rupturas e tréguas, desacordos e pactos com governos e proprietários, tudo isso submete à prova as hipóteses ou projetos para avançar, aprofundar e ampliar os sucessos com os integrantes do movimento, ou que com ele simpatizam, com os que resistem, com os que observam. A todos, pede-se que se organizem em torno de uma esperança ou contra seu próprio temor. E que alcancem pela paz o que eles talvez não conseguissem alcançar pela guerra. Nem sequer lhes pedem que se não o lograram pela paz, tentem pela guerra.

Mas o EZLN mostrou também um outro caminho. A utilização das armas não durou muito tempo e o movimento passou a segunda etapa, que se tornou a mais ambiciosa e realizadora de todo o projeto. Após o cessar fogo com as tropas do governo mexicano, o EZLN iniciou a utilização de um combate mais rasteiro e silencioso. A utilização da internet e da grande mídia uniu a ofensiva militar às palavras e conseguiu agrupar um grande contingente de simpatizantes de diversas partes do mundo.

## 2.5 – DIVULGAÇÃO PELA MÍDIA

Ao mesmo tempo em que a guerra de Chiapas ganhava espaço na mídia, já nos primeiros dias de janeiro de 94, os comunicados zapatistas do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – CCRI, instância máxima do EZLN, ou aqueles firmados pessoalmente pelo subcomandante Marcos, começaram a circular pelo mundo não só através das páginas de jornais, revistas e algumas publicações independentes mas também na internet.

Jornais como “La jornada” – o primeiro a reproduzir a “Declaración de la Selva Lacandona” – e os simpatizantes mexicanos do movimento zapatista se encarregavam de colocar os textos do EZLN nos endereços eletrônicos que foram surgindo com informações de Chiapas. No México, grupos de discussão e conferências sobre Chiapas surgiram em “Laneta”, a conexão mexicana via internet com a “teia” de redes eletrônicas alternativas onde estão conectados muitos movimentos de direitos humanos, ONGs e ativistas em vários países, a partir de San Francisco, Califórnia (EUA) sede da APC – Association for Progressive Communications (Associação para as Comunicações Progressistas)<sup>68</sup>. A APC foi um dos primeiros servidores a proporcionar acesso à internet para os movimentos sociais, ativistas de direitos humanos, ecologistas, estudantes e sindicatos, a um custo bem acessível. Está presente nos cinco continentes através de servidores locais que conectados formam uma rede mundial. O “link” com a APC no Brasil é através da “AlterNex”, rede administrada desde o Rio de Janeiro pelo IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sócio-Econômicas e que foi o primeiro provedor de acesso à Internet no país.<sup>69</sup>

Além dos textos jornalísticos da cobertura dos meios de comunicação e dos comunicados zapatistas, apareceram nos endereços sobre Chiapas na Internet relatórios das organizações humanitárias presentes na zona de conflito sobre os ataques das tropas federais à população civil, sobre os números de mortos e feridos no conflito e violações aos direitos humanos. Também ONGs ao redor do mundo começaram a colocar na rede manifestações de solidariedade aos zapatistas e uma primeira ação conjunta via Internet

---

<sup>68</sup> A página Web da APC-Association for Progressive Communications é encontrada em: <http://www.apc.org> e a “Laneta” mexicana está em: <http://www.laneta.apc.org>

<sup>69</sup> O Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), criado em 1981, é uma instituição de utilidade pública federal, sem fins lucrativos, sem vinculação religiosa e a partido político. [www.ibase.org.br](http://www.ibase.org.br)

surgiu a partir de denúncias sobre bombardeios da aviação mexicana sobre as comunidades indígenas, fato desmentido pelo governo. Os números de fax e o e-mail da presidência da República do México receberam uma avalanche de mensagens pedindo o fim da guerra e abertura das negociações.

Mais uma vez, o uso da Internet foi uma arma a favor dos zapatistas contra a supremacia militar do exército mexicano. Cercados nas montanhas da selva Lacandona, com as comunidades indígenas que são suas bases de apoio tomadas pelas tropas federais e a constante ameaça física à sua população, a “solidariedade eletrônica” foi um dos canais para que os comunicados do EZLN e denúncias das ONGs saíssem da zona de conflito e fossem conhecidos em todo o mundo.

Depois dos ataques feitos contra as comunidades zapatistas, o exército federal bloqueou a área durante duas semanas, não permitindo que jornalistas e ativistas de direitos humanos entrassem em território zapatista para conhecer o estrago feito pela invasão militar. Quando levavam jornalistas em seus helicópteros até a zona de conflito, os militares mostravam comunidades onde a população havia fugido, e portanto, “tudo estava tranqüilo”, mas deserto. Nestes momentos, a rede de solidariedade, através de meios e jornais alternativos conseguiu apresentar uma segunda versão dos fatos.

Combinando formas tradicionais de comunicação das comunidades indígenas com a tecnologia de telecomunicações deste fim de século, os zapatistas souberam furar o bloqueio informativo e sua voz foi ouvida em todo o planeta. Mensageiros do EZLN cruzam montanhas, florestas e vales com os comunicados escritos por Marcos e pelo CCRI. Profundos conhecedores da região, sabem “driblar” os postos de controle do exército e as patrulhas, caminhando pelos meandros da selva como faziam seus antepassados, à noite, protegidos pela neblina e pelos espíritos da montanha, como “balam”, o deus-jaguar ou “tzotz”, o morcego. Ao chegarem em San Cristóbal, os comunicados zapatistas são distribuídos para os correspondentes dos principais jornais mexicanos, estrangeiros e agências de notícias.

Por longos anos, alimentou-se a visão de Marcos, o subcomandante insurgente andando pelos meandros da selva munido de seu fuzil, um computador portátil e suas idéias e palavras. Esta realidade foi verdade apenas até a primeira grande invasão das tropas governamentais. Saliento que o uso de um computador em plena selva, emitindo



ondas de rádio através da conexão com um celular, nos dias de hoje, tornar-se-ia alvo fácil de seu rastreamento através de satélites. Não, esta realidade não é possível e as formas tradicionais, mas não menos efetivas, são suficientes para que os comunicados e posicionamentos do Subcomandante Marcos e de todos os membros zapatistas cheguem aos olhos e ouvidos das pessoas.

Esta nova postura zapatista, utilizando-se das palavras divulgadas através de meios midiáticos na luta por sua causa gerou discussões onde analistas, jornalistas, políticos começaram a dizer que o conflito de Chiapas era apenas uma guerra de palavras que se tratava nas páginas dos jornais, nas TVs, na internet. Era portanto uma “guerra midiática”. O chanceler mexicano, José Angel Gurría, chegou a afirmar em uma conferência para empresários e investidores estrangeiros que “o movimento zapatista não passava de uma guerra de papel e de internet”.<sup>70</sup>

Ao utilizar a internet para divulgar sua causa e seus problemas, o EZLN conseguiu grande apoio, seja de pessoas comuns não ligadas a nenhum movimento ou partido, e grupos de esquerda e intelectuais. São simpatizantes, grupos de apoio civis, comitês de solidariedade e alguns meios de comunicação os responsáveis por abastecer os endereços eletrônicos com as mais variadas informações sobre o que acontece em Chiapas. É uma maneira de fazer com que circulem, para um público cada vez maior, notícias vindas diretamente do “front”, nessa guerra bastante peculiar. Esta utilização que os zapatistas vem fazendo das tecnologias de comunicação, criando com poucos recursos uma ágil rede de comunicação e também contra-informação, em resposta à ofensiva informativa do governo mexicano nos grandes meios de comunicação, pode ser analisada dentro do que estudiosos da chamada “sociedade da informação” têm definido como o “efeito internet”. Realmente, a internet pode oferecer novas oportunidades para a conexão em escala planetária de movimentos e organizações sociais, contribuindo para o desenvolvimento de um pluralismo. Como o fax foi importante nos anos 80 para agilizar a comunicação e às vezes romper barreiras informativas, hoje a internet é o meio mais adequado para fazer circular informação urgente, como mostra o seu uso pelos zapatistas e os grupos de solidariedade.

---

<sup>70</sup> “Na mesma matéria, o jornalista Pablo Espinosa comenta as declarações do secretário de relações exteriores mexicano. “El año pasado el secretario de Relaciones Exteriores de México, José Angel Gurría, declaró ante inversionistas en el World Trade Center: el movimiento zapatista es una guerra de papel e internet”, in diário “La Jornada”, 10/08/2006

A circulação de informações sobre o conflito chiapaneco e a presença dos comunicados zapatistas nas redes eletrônicas como a internet são um dos exemplos recentes mais bem sucedidos do uso das comunicações via computador por movimentos sociais. Impulsionando as redes de apoio e solidariedade ao movimento – dentro e fora do México – essa estratégia possibilitou uma discussão em nível mundial sobre a realidade das comunidades indígenas e camponesas, sobre os efeitos das políticas neoliberais no campo social, sobre as implicações da revolta zapatista e muitas outras questões atuais de grande importância.

Considerado em termos estritamente militares – como quis fazer o governo mexicano desde o seu início – o conflito em Chiapas está limitado às regiões do estado onde há presença das tropas zapatistas, suas bases de apoio e o cerco imposto pelo exército federal. Mas a habilidade do EZLN em romper politicamente este cerco militar faz chegar ao resto do país e boa parte do mundo suas demandas e informações sobre a situação na chamada zona de conflito.

Com uma derrota inicial no campo militar – porque não conseguiu “eliminar” a guerrilha zapatista como pretendia – o governo mexicano iniciou uma ofensiva mais ampla, que não abriu mão da via militar mas que a combinou com outras estratégias para tentar isolar o EZLN e forçá-lo a aceitar os termos de negociação propostos pelo poder central. Começou a entrar em cena a “lógica” militar e de inteligência para os chamados “conflitos de baixa intensidade”.

A resposta zapatista e dos seus simpatizantes em todo o mundo foi construir esta rede de conexões e articulações políticas que, somada à resistência das comunidades e bases de apoio indígenas, garantisse sua sobrevivência. Para enfrentar a “guerra de baixa intensidade” imposta pelo exército federal, o EZLN desencadeou uma guerra de palavras, imagens, de organização e mobilização, com muita criatividade e o apoio de uma rede de solidariedade bem articulada.

O movimento zapatista e seus simpatizantes tem buscado uma inteligente combinação do uso das redes eletrônicas com táticas mais convencionais das lutas sociais e das ações de solidariedade, com discussões, encontro, debates, artigos nos meios de comunicação alternativos, mobilizações-relâmpago, passeatas, manifestações e ocupações de representações diplomáticas mexicanas no exterior, caravanas de

solidariedade e observadores internacionais, denúncias de violações aos direitos humanos e tantas outras iniciativas.

No plano das estratégias de comunicação, além do uso da internet e outras redes eletrônicas, o EZLN e o movimento de solidariedade também têm mostrado agilidade e criatividade para produzir e fazer circular vídeos, compilações dos comunicados, fitas de áudio com entrevistas da comandância, músicas, CDs, CD-ROMs, emissões de rádio – legais e clandestinas – e de TVs comunitárias, ampliando o alcance das informações sobre Chiapas para os que não possuem acesso ao “ciberespaço”.

Mesmo quando o governo de Ernesto Zedillo optou por uma contra-ofensiva militar em fevereiro de 95 para tentar neutralizar a comandância rebelde e esmagar qualquer possibilidade de resposta armada do EZLN, a resposta dos zapatistas foram as palavras. Ainda que tenham se refugiado nas montanhas com milhares de camponeses indígenas das comunidades que são sua base de apoio, os zapatistas lutaram com as mesma armas, as palavras.

Para o analista Darrin Wood, de “Nuevo Amanecer Press” – uma agência alternativa de informações sobre direitos humanos – “os zapatistas têm sido capazes de usar a palavra com muito mais eficiência que a maioria dos exércitos usa seus tanques ou artilharia”. Os comunicados de Marcos – “el sup”, como é popularmente chamado – mais parecem ter sido escritos por um professor de literatura que por um revolucionário. “Não há longas referências a Marx, Lênin ou Mão, em vez disso, citações de Cervantes, García Lorca, Machado e até Shakespeare no original”. Para Wood, o EZLN, mostrou que não é um movimento guerrilheiro comum, eles não fizeram execuções, não assassinaram líderes políticos nem os ‘caciques’ locais, lutaram com armas convencionais só 12 dias e depois chamaram a sociedade civil mexicana – e mundial – para somar-se e continuar a luta pelos caminhos políticos”.<sup>71</sup>

*(...)A flor da palavra não morre, ainda que em silêncio  
caminhem nossos passos. Em silêncio se semeia a palavra.  
Para que floresça a gritos, se cala. A palavra se faz soldado,  
para não morrer de esquecimento. Para viver, se morre a*

---

<sup>71</sup> WOOD, Darrin. “Net wars. Chiapas: the revolution will no be televised (but it will be on-line)”, na revista “Index on Censorship”, março de 1995, versão eletrônica na página Web [http://www.oneworld.org/index\\_oc/wood.html](http://www.oneworld.org/index_oc/wood.html)

*palavra, semeada para sempre no ventre do mundo. Nascendo e vivendo morremos. Sempre viveremos.(...)*<sup>72</sup>

Já nas primeiras horas do levante armado, durante a ocupação de San Cristobal de Las Casas e outras cidades chiapanecas, notícias foram enviadas aos meios de comunicação mexicanos por fax e telefone. Com sua “Declaración de la Selva Lacandona” e os comunicados seguintes o EZLN conseguiu divulgar rapidamente suas demandas, que passaram a ser noticiadas pelos grandes meios de comunicação, nacionais e internacionais. À medida que os comunicados do EZLN, as notícias e informes sobre a situação em Chiapas circulavam pelas redes, começaram a surgir nos mesmos endereços e listas de conferências uma série de opiniões, análises, discussões sobre a realidade chiapaneca, os povos indígenas e os camponeses, sobre as origens e as demandas do EZLN, sobre a atitude do governo mexicano frente ao conflito. Estudiosos dos temas relativos a Chiapas, defensores dos direitos humanos, ativistas sociais e jornalistas, passaram a “freqüentar” os “sites” com estas informações e acrescentar suas contribuições. Logo nos primeiros dias de janeiro de 94 não só os pequenos grupos de esquerda com tradição na solidariedade internacional se posicionaram. “Mais importante foram as mobilizações massivas de outros grupos e cidadãos, que tomaram as ruas com grandes manifestações na Cidade do México e outras em menor escala em grandes cidades dos Estados Unidos, Canadá e algumas capitais<sup>73</sup> européias”.

O primeiro documento da rebelião zapatista foi a “Declaración de la Selva Lacandona”, lida pelos guerrilheiros durante a ocupação da prefeitura de San Cristóbal de Las Casas no primeiro dia de janeiro de 94 e também nas outras cidades tomadas pelo EZLN. A partir de Ocosingo foi transmitida por rádio, quando os zapatistas ocuparam a emissora local. É a declaração de guerra ao governo e ao exército mexicanos. Expõe as causas que levaram os camponeses indígenas a levantar-se em armas e as suas demandas básicas.

---

<sup>72</sup> Trecho retirado da Quarta Declaração da Selva Lacandona presente também no site [www.ezln.org](http://www.ezln.org)

<sup>73</sup> CLEAVER, Harry. “The Chiapas uprising and the future of class struggle in the new world order”, artigo originalmente escrito para o jornal italiano “Riff-Raff”, de Padova, publicado em março de 1994. A versão eletrônica está no “gopher site”: [gopher://mundo.eco.utexas.edu:70/11/fac/hmcleave/Cleaver%20Papers](http://gopher://mundo.eco.utexas.edu:70/11/fac/hmcleave/Cleaver%20Papers)

*(...)Portanto, e conforme esta declaração de guerra, damos às forças militares do EZLN, as seguintes ordens:*

*Primeiro: Avançar em direção à capital do país, vencendo o exército mexicano, protegendo em seu avanço libertador a população civil e permitindo aos povos libertados eleger, livre e democraticamente, suas próprias autoridades administrativas.*

*Segundo: Respeitar a vida dos prisioneiros e entregar os feridos à Cruz Vermelha Internacional.*

*Terceiro: Iniciar julgamentos sumários de soldados do exército federal mexicano e da polícia política que tenham recebido curso e que tenham sido assessorados, treinados ou pagos por estrangeiros, seja dentro de nossa nação ou fora dela, acusados de traição à Pátria, e de todos aqueles que roubem ou atentem contra os bens do povo.*

*Quarto: Formar novas filas com todos aqueles mexicanos que manifestem somar-se à nossa justa luta, incluindo aqueles que, sendo soldados inimigos, se entreguem às nossas forças sem combater e jurem responder às ordens deste Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional.*

*Quinto: Pedir a rendição incondicional dos quartéis inimigos antes de travar os combates.*

*Sexto: Suspender o saque de nossas riquezas naturias nos lugares controlados pelo EZLN.*

*Povo do México: Nós, homens e mulheres íntegros e livres, estamos conscientes de que a guerra que declaramos é uma medida extrema, porém justa. Os ditadores estão aplicando há muitos anos uma guerra genocida não declarada contra nossos povos. Por isso pedimos sua participação decidida, apoiando este plano do povo mexicano que luta por trabalho, terrateto,*

*alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. Declaramos a intenção de não deixar de lutar até conseguirmos o cumprimento destas demandas básicas de nosso povo, formando um governo livre e democrático em nosso país (...)*<sup>74</sup>

Mesmo com a ampla cobertura dos meios de comunicação mexicanos e internacionais sobre os acontecimentos de Chiapas desde os primeiros dias de janeiro, entre a grande imprensa o diário “La Jornada” foi um dos poucos a publicar na íntegra a declaração de guerra zapatista.<sup>75</sup> Nela o EZLN diz que sua ofensiva militar é uma “medida última mas justa (...) único caminho para não morrer de fome diante da ambição de uma ditadura de mais de 70 anos” e para exigir que restaurem “a legalidade e a estabilidade da nação”. Explica que é “produto de 500 anos de lutas (...) as mesmas causas pelas quais lutaram Zapata e Villa”

Na maioria dos meios de comunicação que cobriram a guerra em Chiapas nos seus primeiros dias – jornais, revistas, rádios e TVs do mundo todo – apareceram imagens impactantes e relatos detalhados dos seus correspondentes, mas pouco ou nenhum espaço para a palavra dos protagonistas. “Mesmo com o cessar-fogo de 12 de janeiro, quando a ênfase da ofensiva zapatista passou das armas às palavras, os grandes meios de comunicação recusaram-se a reproduzir os comunicados emitidos pelo EZLN”, lembra Harry Cleaver<sup>76</sup>.

Na primeira tentativa de negociação entre o EZLN e o governo mexicano, de 20 de fevereiro a 3 de março de 1994 na catedral de San Cristóbal, a rede funcionou como provedora de contra-informação. Enquanto o governo mexicano divulgava seus

---

<sup>74</sup> Trecho da Primeira declaração da Selva Lacandona

<sup>75</sup> “Declaración de guerra del Ejército Zapatista en Chiapas”, in Diário “La Jornada”, México. D.F., 02/01/94.

<sup>76</sup> CLEAVER, Harry. “The Zapatistas and the eletronic fabric of struggle”. Austin, Texas, novembro de 1995. Texto que faz parte do livro editado por John Holloway e um coletivo de analistas e estudiosos mexicanos e norte-americanos sobre Chiapas, intitulado “The Chiapas uprising and the future of revolution in the twenty-first century”, e também é um capítulo do livro eletrônico “Zapatistas! Documents of the new mexican revolution”, compilado via internet. A versão eletrônica deste artigo de Cleaver está em: <http://www.eco.utexas.edu:80/Homepages/Faculty/Cleaver/index.html>

informes oficiais sobre o andamento das negociações e boa parte da mídia mexicana os reproduzia – sobretudo a poderosa Televisa -, os comunicados zapatistas “navegavam” no ciberespaço com incrível rapidez.

Outra ocasião em que foi importante a existência de uma bem articulada rede de solidariedade e seus canais, foi durante a realização da Convenção Nacional Democrática convocada pelos zapatistas, em agosto de 94 no primeiro “Aguascalientes” de Guadalupe Tepeyac, com mais de 6000 participantes. Antes, a rede foi fundamental para divulgar a convocatória e os objetivos da CND. Depois, serviu para fazer circular em todo o planeta os documentos, conclusões e relatos sobre a convenção.

*Com o crescimento do número de pessoas e organizações envolvidas no processo de receber as informações, traduzi-las, colocá-las em formato eletrônico e enviá-las pelas redes, também cresceu a auto-organização da rede de solidariedade com Chiapas e os zapatistas. O que começou como uma série de ações interconectadas espontaneamente, passou a ser um trabalho mais organizado e coordenado.<sup>77</sup>*

Essa grande quantidade de informação sobre Chiapas disponível nas redes eletrônicas – com fácil localização, consulta, arquivamento e reprodução – e a sua rápida circulação, possibilitaram o surgimento de fóruns de discussão e análise sobre as origens do conflito e o seu significado. Também propiciaram um intenso debate sobre os zapatistas, sobre as guerras de baixa intensidade e as guerras telemáticas – “guerras de redes” ou “netwars” neste final de século. E no plano das ações de solidariedade ou denúncias sobre violações dos direitos humanos na zona de conflito, uma rapidez de resposta antes impensável.

Foi assim durante e depois da contra-ofensiva do governo mexicano sobre o EZLN e suas comunidades-bases de apoio, em fevereiro de 1995. Na mesma noite de 9 de fevereiro, quando Ernesto Zedillo anunciou as prisões de supostos dirigentes e apreensão de “arsenais subversivos”, deu ordens de prisão contra a comandância zapatista e autorizou o exército federal a avançar sobre as posições do EZLN em

---

<sup>77</sup> CLEAVER, Harry. “The Zapatistas and the electronic fabric of struggle”. op cit.

Chiapas, a resposta da rede de solidariedade com os zapatistas foi rápida e eficiente. O endereço de correio eletrônico e o fax da presidência do México receberam milhares de mensagens de solidariedade às comunidades indígenas chiapanecas e protestos pela ação militar do exército federal, pedindo ao governo mexicano o fim da ofensiva. As mensagens eram tantas que o endereço de e-mail e o fax da presidência ficaram fora do ar por alguns dias.

O EZLN apresenta portanto uma vertente diferente dos grupos guerrilheiros nacionais, não tem as armas como seu principal apoio, as palavras lhe trazem a força da população que conseguem ter acesso a seus problemas e abraçam a sua causa. Por fim, a sua forma inteligente, a sua persistência, difusão, reconhecimento e presença diante do povo mexicano fazem dele um movimento real, talvez o mais real da América latina. E a sua desconexão com qualquer doutrina específica fazem dele único e abrangente, são os seguidores preocupados em sonhar, lutar e idealizar uma qualquer vitória.



### **CAPÍTULO 3: NAS CURVAS DOS “CARACOLES<sup>78</sup>”: A UTILIZAÇÃO DA INTERNET NA DIVULGAÇÃO DO EZLN**

*“Emiliano Zapata nos ensinou a não lutar pelo poder, porque o poder apodrece o sangue e escurece o pensamento”<sup>79</sup>*

---

<sup>78</sup> As regiões autônomas zapatistas dentro da Selva Lacandona, receberam no início o nome de Aguas Calientes, uma referência à cidade de mesmo nome onde se organizou o início da revolução mexicana. Após anos de conflito, os zapatistas mudaram o nome para caracoles, querendo assim, enfatizar o caráter de difusão destas regiões.

<sup>79</sup> Subcomandante Marcos, março de 2001.

### 3.1 – O USO DA GRANDE REDE

Quando surgiu no cenário mundial em janeiro de 1994 o Exército Zapatista de Libertação Nacional apresentava características parecidas com a de outros grupos guerrilheiros presentes na história da América latina. O uso das armas e os combates iniciais com o exército mexicano mostraram um grupo muito bem estruturado militarmente e que usava táticas de guerrilha beneficiando-se da Selva Lacandona. A guerrilha armada, num primeiro período, serviu para que o surgimento do grupo tivesse um maior impacto, tendo sido noticiado amplamente na mídia.

Aos quatro cantos do mundo o EZLN foi noticiado, jornais de todos os continentes e países apresentavam o surgimento de um grupo guerrilheiro no estado de Chiapas que contestava a política governamental e que tinha como base, grupos de diversas etnias indígenas, autodenominados “excluídos da terra”. Jornais como “La Jornada” – o primeiro a reproduzir a “Declaración de la Selva Lacandona” – e os simpatizantes mexicanos do movimento se encarregavam de colocar os textos do EZLN nos endereços eletrônicos que foram surgindo com informações de Chiapas. Diversos grupos de discussão sobre Chiapas e os conflitos foram sendo criados em “Laneta”<sup>80</sup>, a conexão mexicana via internet com a rede eletrônica alternativa APC – Association for Progressive Communication<sup>81</sup> onde estão conectados movimentos sociais de todo o mundo e cuja sede está em de São Francisco, Califórnia (EUA). A custo bem acessível, movimentos sociais, ativistas de direitos humanos, ecologistas, estudantes e sindicatos têm acesso à internet através da APC.

O conflito do grupo de Chiapas com as tropas governamentais teve ampla cobertura jornalística pelas redes de comunicação do chamado “*main stream*”, ou seja, voltadas para o grande público. Além desta “apresentação” à sociedade através dos grandes meios de comunicação, outras formas de divulgação tornaram-se presentes e ajudaram na divulgação do movimento e na conquista de grande número de simpatizantes.

Relatórios das organizações humanitárias presentes na zona de conflito sobre os ataques das tropas federais à população civil que registraram os números de mortos e

---

<sup>80</sup> A “Laneta” mexicana está em: <http://www.laneta.apc.org>

<sup>81</sup> A página Web da APC-Association for Progressive Communication é encontrada em: <http://www.apc.org> e a “Laneta” mexicana está em: <http://www.laneta.apc.org>

feridos no conflito e violações aos direitos humanos foram divulgados<sup>82</sup>. ONGs de todo o mundo se solidarizaram, via Internet com os zapatistas. A primeira ação conjunta via internet surgiu a partir de denúncias sobre bombardeios da aviação mexicana sobre as comunidades indígenas, fato desmentido pelo governo. Formou-se uma “rede eletrônica de solidariedade” que foi responsável por uma avalanche de mensagens de repúdio e pedidos para que o governo mexicano aceitasse um cessar-fogo e negociasse com o EZLN.<sup>83</sup>

Após o choque inicial de combate e principalmente, após o plebiscito organizado que mostrou que a maioria da população mexicana era a favor do cessar fogo, o EZLN começou a mostrar uma forma de combate diferente. Confiante e incentivado pelos discursos do Subcomandante Marcos, o EZLN começou a utilizar armas, até então novas para os guerrilheiros, a mídia audiovisual e eletrônica.

Vários mitos foram criados a respeito da forma utilizada pelo EZLN, ou mais especificamente, o Subcomandante Marcos, no uso da internet. A principal questão dizia respeito a, como os comunicados e as declarações chegavam com tanta rapidez à rede mundial? Criou-se a imagem de um Marcos munido de um laptop vagando pela selva e escrevendo seus comunicados através de um modem e enchendo o mundo, via Internet, de informações acerca do movimento por ele liderado. Esta visão, que se assemelha a de um “herói romântico”, tornou-se folclórica (como foi apresentada no capítulo anterior) uma vez que o uso de um modem discado no meio de uma selva se tornaria um alvo fácil de rastreamento e localização dos guerrilheiros pela inteligência governamental.

Ao utilizar as novas formas de comunicação, os zapatistas conseguiram furar o monopólio informativo das grandes corporações midiáticas e suas reivindicações foram divulgadas para todo o planeta. Desta forma, mensageiros do EZLN cruzam as montanhas, florestas e vales com os comunicados escritos por Marcos e pelo CCRI (Comitê Clandestino Revolucionário Indígena). Profundos conhecedores da região, sabem “driblar” os pontos de controle do exército e as suas patrulhas, caminhando pelos meandros da selva principalmente no período noturno e protegidos pela neblina.

---

<sup>82</sup> Os relatórios foram apresentados pelo site do jornal La Jornada ([www.jornada.unam.mx](http://www.jornada.unam.mx)) e através do canal de Chiapas do Indymedia ([chiapas.indymedia.org](http://chiapas.indymedia.org))

<sup>83</sup> FRANCHI, Tássio. *igualdades e diferenças no discurso do Exército Zapatista de Libertação Nacional: construção e estratégias do discurso zapatista (1994-1996)*. Dissertação de mestrado defendida na UNESP-Franca, orientação de Maria Aparecida Souza Lopez. *Ano de Obtenção: 2004*

Chegando a San Cristóbal, os comunicados zapatistas são distribuídos para os correspondentes dos principais jornais mexicanos, estrangeiros e agências de notícias.

Este processo consegue, portanto, unir dois meios bastantes distintos de comunicação, primeiro o tradicional, onde um mensageiro se incube da tarefa de levar a notificação até o outro que por sua vez se responsabiliza pela segunda divulgação muito mais moderna e tecnológica. Os zapatistas, ao mesmo tempo em que mantêm muitas das tradições e do modo de vida de seus antepassados, usufruem das novas tecnologias, vagando entre os dois mundos.<sup>84</sup>

O primeiro ato desta nova fase zapatista foi a criação da “Declaración de la Selva Lacandona”. Esta declaração foi lida pelos guerrilheiros durante a ocupação da prefeitura de San Cristóbal de Las Casas nos primeiros dias de janeiro de 94 e divulgado em todas as cidades tomadas pelo EZLN. Esta declaração de guerra ao governo e ao exército mexicano foi transmitida por rádio através de uma emissora ocupada pelos zapatistas na cidade de Ocosingo. Nesta transmissão foram explicitadas as causas que levaram os camponeses indígenas às armas e as suas demandas básicas, os onze pontos iniciais.<sup>85</sup>

Esta fase inicial de combate foi marcada por um grande período de tensão onde a guerra esteve a ponto de começar por várias vezes, principalmente após a primeira tentativa frustrada de negociação com o governo Mexicano em 1994 e o retorno dos integrantes do EZLN a seus postos de combate. Neste período o número de comunicados zapatistas aumentou vertiginosamente e o mundo todo começou a conhecer a vertente literária do subcomandante Marcos, pela poesia de seus textos, suas citações, sua “tradução” do mundo indígena com seus mitos e sua cultura ancestral.

Um grande contingente de jornalistas começou a ter acesso ao território controlado pelo EZLN, e a partir deste momento pôde-se ter um maior conhecimento sobre a vida nas comunidades da selva e as primeiras entrevistas com o “sub” e o comando indígena.

---

<sup>84</sup> Estes dois mundos são claramente evidenciados por Pedro Henrique Falco Ortiz na sua dissertação de mestrado *Z@patistas on-line*, defendida em 1997 na USP, quando ele salienta que os mensageiros ultrapassam a floresta “como faziam seus antepassados” (...) “protegidos pela neblina e pelos espíritos da montanha, como “*balam*”, o deus-jaguar ou “*tzotz*”, o morcego.” Entretanto o modo utilizados pelos indígenas zapatistas, hora voltando-se as tradições de seus povos antepassados e hora voltando-se as facilidades tecnológicas, de certa forma vem a evidenciar um certo hibridismo na constituição deste grupo. Os indígenas zapatistas não apresentam uma postura de combate tradicional de seus antepassados mas, utilizam de novas tecnologias para reafirmar e preservar os direitos desta cultura esquecidas nos dias de hoje.

<sup>85</sup> Os onze pontos iniciais reivindicados são: *trabajo, tierra, techo, alimentación, salud, educación, independencia, libertad, democracia, justicia y paz.*

Utilizando-se de uma palavra muito usada pelos zapatistas “¡Ya Basta!”, um estudante de literatura da Universidade da Pennsylvania, Justin Paulson, criou a primeira página na Web com informações de Chiapas. Esta página começou a conter diversas informações sobre o EZLN, os comunicados de Marcos e notícias tiradas dos jornais mexicanos. O endereço do *site* de Paulson<sup>86</sup> muitas vezes foi visto como sendo a home-page “oficial” do EZLN na *internet*, fato desmentido diversas vezes pelo próprio estudante.<sup>87</sup>

Por ocasião do “Encontro Preparatório Americano” – prévia do “Intercontinental” – em abril de 96, foi criada a página da rede: “FZLN – Frente Zapatista de Libertação Nacional”, que pode ser considerada o “zapatismo civil”. Esta página tem documentos políticos da Frente, arquivos de comunicados do EZLN, resumo de notícias sobre Chiapas e “*links*” para o movimento de solidariedade no México e no exterior. A partir deste mesmo ano, os “*sites*” mexicanos com informações sobre Chiapas e o EZLN se multiplicaram. Também surgiu a página *Web* do “Congresso Nacional Indígena – CNI”, que coordena as ações de solidariedade com Chiapas do movimento indígena mexicano e é uma das principais organizações que integram a FZLN. Outro “*site*” é “Chiapas para el Mundo”, mantido por um grupo de ativistas da sociedade civil. Entre os meios de comunicação, os que mantém em suas edições eletrônicas maior volume de informações sobre Chiapas são o diário “La Jornada” e a revista “Proceso”<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> O site de Paulson surgiu no ciberespaço no final de março de 1994 e esteve presente por um grande período no endereço <http://www.peak.org/~justin/ezln/ezln.html>. Desde o final de 96, seu novo endereço é: <http://www.ezln.org>

<sup>87</sup> Segundo Pedro Henrique Falco Ortiz, a página Web “¡Ya Basta!” não é e nunca foi a “página oficial” do EZLN na internet. Justin Paulson, que esteve em Chiapas e é simpatizante do EZLN, em entrevista ao jornalista Pablo Espinosa, publicada em “La Jornada”: “Mi página em Web no es la voz oficial del EZLN: Justin Paulson”, 10/08/96.

<sup>88</sup> Os principais sites e listas de discussão onde se pode conseguir informações sobre Chiapas e o EZLN são:

Laneta (<http://www.laneta.apc.org>);

Chiapas-L, o e-mail do administrador para assinar a lista é [majordomo@profmexis.sar.net](mailto:majordomo@profmexis.sar.net) (subscribe [chiapas-l “your-email”](mailto:chiapas-l@your-email));

FZLN-info, o e-mail do administrador para assinar a lista é [majordomo@breogan.iimas.unam.mx](mailto:majordomo@breogan.iimas.unam.mx) (subscribe [fzln-info “your e-mail”](mailto:fzln-info@your-email));

Mexico2000 ([mexico2000@mep-d.org](mailto:mexico2000@mep-d.org));

MEXPAZ, o e-mail do administrador para assinar a lista é [chapter-request@mixcoac.uia.mx](mailto:chapter-request@mixcoac.uia.mx) (subject:subscribe e substituir “chapter” pelos temas desejados: analisis, información, chiapas-esp, derechos, solidaridad);

FZLN – Frente Zapatista (<http://www.fzln.org.mx/>);

Revista Chiapas ([www.edicionesera.com.mx/Chiapas3a12.html](http://www.edicionesera.com.mx/Chiapas3a12.html))

Congresso Nacional Indígena – CNI (<http://www.laneta.apc.org/cni>);

Chiapas para el Mundo ([www.sacbe.com/chiapas/indice.htm](http://www.sacbe.com/chiapas/indice.htm));

La Jornada em internet ([www.jornada.unam.mx](http://www.jornada.unam.mx));

Com poucos recursos e fazendo utilização das tecnologias de divulgação em massa consideradas acessíveis financeiramente, como a *internet*, o EZLN conseguiu criar uma ágil rede de e também contra informação, em resposta à ofensiva informativa do governo mexicano nos grandes meios de comunicação, pode ser analisada dentro do que estudiosos da chamada “sociedade da informação” têm definido como o “efeito internet”.

O uso dos grandes meios midiáticos, que sempre foram uma grande arma das corporações capitalistas, apresentou brechas que se mostraram como grandes portais no combate ao poder vigente através da divulgação das posturas do grupo. Ao mesmo tempo em que colocamos como um dos principais trunfos de uma ditadura militar o domínio dos meios de comunicação, esta mesma via tornou-se importante através do efeito contrário. Agora além da mídia ser usada para acobertar os fatos, torna-se também um importante mecanismo para a divulgação dos problemas e reivindicação do Exército.

O poder do partido-estado, no México, alcança também os meios de comunicação. As emissoras televisivas mantêm grandes relações com os governantes e boa parte da imprensa recebe favores do aparato estatal em troca de uma cobertura branda e manipulada, o que transforma alguns veículos de informação em quase uma espécie de “diários oficiais”. Este panorama começou a mudar nos últimos dez anos com o surgimento de diários e revistas independentes e devido à consolidação no mercado, de publicações mais antigas que até então sobreviviam com muitas dificuldades por manterem sua distância do aparato estatal. Jornais como “La Jornada”, “El Financiero”, “Siglo 21”, a revista “Proceso”, várias outras publicações e também algumas emissoras de rádio conseguiram praticar um jornalismo mais sério e independente. Para alguns veículos, as mudanças começaram a partir do terremoto de 1985<sup>89</sup>, ganharam força na campanha eleitoral de 88 e um novo impulso com o conflito de Chiapas.

A *internet* ofereceu uma nova possibilidade. Os fatos, os levantes e as declarações não ficavam restritos apenas à transmissão das grandes emissoras televisivas. Além de estas darem grande cobertura para o levante, suas propostas e principalmente o combate, vários endereços eletrônicos passaram também a divulgar

---

Revista Proceso (<http://www.proceso.com.mx>).

<sup>89</sup> Em 1985 uma grande tragédia foi gerada devido a um terremoto que fez milhares de vítimas, na época, poucos meios de comunicação se “atreveram” a desmentir versões oficiais sobre o número de mortos e publicaram reportagens mostrando o drama vivido pelas pessoas.

notícias dia a dia sobre o movimento. Do México à Itália passando pelo Japão e o Brasil, o movimento foi noticiado na grande rede de forma a apresentar diversas visões do entrave, e não apenas uma cobertura das grandes corporações midiáticas ligadas na maioria das vezes a interesses governamentais e/ou privados. Como podemos perceber, de um grupo extremamente tradicional, tendo como maior reivindicação o acesso a terra, o EZLN passa por um período de mutação até utilizar de forma eficiente Rádios, TVs, Jornais, revistas, músicas e livros para divulgar não só a suas propostas, mas principalmente para difundir uma cultura indígena que, ano após ano tornou-se esquecida por uma política capitalista. São tantos os pontos a serem abordados que procurei definir como uma viagem através da grande aventura Zapatista em pleno século XXI. O entendimento da importância do EZLN passa pela idéia da presença de um grupo indígena que vive da forma mais primitiva possível e que é capaz de transmitir a suas dificuldades e reivindicações, através da internet, para milhares de pessoas em qualquer parte do mundo. Para se manter informado, um estudante não necessita ficar ligado à tela do televisor ou comprar diversos tipos de jornais e tablóides na expectativa de conseguir alguma matéria ou uma simples citação dos fatos ocorridos na semana, simplesmente se conecta ao site do próprio movimento e além de receber notícias ao calor dos fatos poderá também copiar as principais declarações e os textos escritos pelos comandantes ou pelo subcomandante Marcos.

A importância desta difusão do movimento através de meios não oficiais mostra-se significativa pelo fato de apresentar a visão dos guerrilheiros sobre os fatos. Entretanto, o que isso significa de real? Até que ponto isso se transforma numa diferenciação do movimento? Quais são as vantagens que o movimento consegue ao largar as armas e lutar através do processo simbólico das palavras? Estas questões poderão ser mostradas com mais ênfase a partir do momento em que essa nova proposta conseguir se consolidar na população Mexicana. Afinal, quantos brasileiros sabem quais são as dificuldades reais enfrentadas pelos zapatistas?

Para entrarmos na análise das informações difundidas pelo movimento teremos que estar ciente que o EZLN não usa a mídia apenas como um instrumento de comunicação. Quando falamos no poder simbólico que o movimento consegue alcançar, estamos falando de sua produção não apenas em caráter jornalístico, mas sim da literatura criada que absorve adultos com suas informações políticas e crianças através da divulgação de crenças e histórias indígenas por meio de interlocutores apropriados que conseguem habitar o imaginário do cidadão mexicano do amanhã, formando

opiniões que em um futuro não muito distante poderá ser de extrema ajuda para a mudança do cenário político vigente no México.

### **3.2 – OBJETOS SIMBÓLICOS**

Utilizando-se de figuras e imagens, o EZLN conseguiu ao mesmo tempo, constituir um uma imagem simbólica capaz de lhe evidenciar ao mesmo tempo que protege sua identidade. O passa-montanha (espécie de gorro que encobre todo o rosto) que os zapatistas usam, não serve apenas como um disfarce com a intenção de proteger suas identidades. Eles esconde uma estratégia publicitária que se calca no “mistério” em torno de, por exemplo, a figura de Marcos. O passa-montanha também traz o significado de que todos seriam iguais. Com os rostos encobertos, procuram mostrar que não existem diferenças na face e que o Marcos, pode ser qualquer pessoa que tenha vontade de mudar a situação vigente.

A divulgação do movimento começou a colher seus frutos, pois, dentre as camadas de apoio ao grupo que surgiram no México, verificou-se um aumento, cada vez maior, de estudantes e intelectuais.

Essa difusão mostra-se importante através do grupo denominado ¡Ya Basta! que manifesta apoio direto ao EZLN através da internet e muitas vezes seus manifestantes participam diretamente do movimento. Este grupo, juntamente com estudantes mexicano escoltaram o EZLN em sua caravana, conhecida e nomeada pela mídia mexicana por ZAPATOUR, até a Cidade do México tendo como partida San Cristobal de Las Casas.



### 3.2.1 - ZAPATOUR



Imagem retirada do livro *Votán-Zapata*.

Entre os meses de fevereiro e março de 2001 o EZLN realizou a Caravana Zapatista ou o Zapatour, sem dúvida a maior mobilização nacional da história da sociedade civil mexicana. Depois de passar por diversos estados, levando sua palavra e cultura, os zapatistas conseguiram reunir na região da Cidade do México conhecida como *El Zócalo*, mais de trezentos mil participantes que ouviram em silêncio o discurso do subcomandante Marcos. A caravana foi liderada pelo conselho de 24 comandantes zapatistas, em uniforme completo e máscaras (embora sem armas), inclusive o próprio subcomandante Marcos. Como nunca se ouviu falar do comando zapatista viajando para fora de Chiapas (e há vigilantes que ameaçam duelos mortais com Marcos em todo o caminho), o “ZAPATOUR” precisava de segurança estrita. A Cruz Vermelha recusou a tarefa, que começou a ser providenciada por várias centenas de ativistas italianos do ¡Ya Basta!. (No fim, a segurança foi garantida por grupos locais.) Centenas de estudantes, pequenos agricultores e militantes se uniram ao espetáculo itinerante, e milhares foram se juntando a eles pelo caminho. Estes ajudantes escoltavam a caravana e se alto denominavam zapatistas, alguns chegavam a afirmar ser o próprio Marcos. Diziam, para grande confusão dos jornalistas, “Todos nós somos Marcos”.



**Encontro final da marcha zapatista na Cidade do México após viajar por diversos estados da nação.  
Imagem retirada do site oficial do EZLN**

### **3.2.2 – “EL SUP” MARCOS**

Embora haja pouca confirmação da real identidade de Marcos, a postura mais repetida pela inteligência do governo mexicano e divulgada em jornais como “La Jornada” é a de que Marcos, seria um intelectual marxista urbano e militante, procurado pelo Estado.

Este Marcos, cujo nome real seria Rafael, fugiu para as montanhas de Chiapas no sudeste do México, para onde poderia se esconder e entrou em contato com os indígenas.

Depois de haver fracassado como missionário marxista, Marcos mergulhou na cultura maia. Quanto mais aprendia, menos sabia. Fora deste processo, um novo tipo de exército surgia, o EZLN, o Exército Zapatista de Libertação Nacional, que não era

controlado por uma elite de comandantes da guerrilha, mas pelas próprias comunidades, através de conselhos clandestinos e assembléias abertas.

Isso significa que ele não era um comandante dando ordens, mas um subcomandante, um canal para a vontade dos conselhos. As primeiras palavras que ele teria pronunciado em sua nova *persona* foram: “Através de mim fala a vontade do Exército Zapatista de Libertação Nacional.”<sup>90</sup>

Depois de subjugar a si mesmo, Marcos teria dito àqueles que o procuravam que ele não era um líder, e que sua máscara preta era um espelho, refletindo cada uma de suas lutas; que um zapatista é qualquer pessoa, em qualquer lugar que lute contra a injustiça: “Nós somos você”.<sup>91</sup>

A frase mais famosa foi dita a um repórter:

*Marcos é gay em San Francisco, negro na África do Sul, asiático na Europa, um chicano em San Ysidro, um anarquista na Espanha, um palestino em Israel, um maia nas ruas de San Cristobal, um judeu na Alemanha, um cigano na Polônia, um mohawk em Quebec, um pacifista na Bósnia, uma mulher solteira no metrô às dez da noite, um camponês sem terra, um membro de gangue nas favelas, um trabalhador desempregado, um estudante infeliz e, é claro, um zapatista nas montanhas.*<sup>92</sup>

Esse “não-eu,” escreve Juana Ponce de Leon<sup>93</sup>, “torna possível que Marcos se transforme no porta-voz das comunidades indígenas. Ele é transparente, e é iconográfico.”<sup>94</sup>

---

<sup>90</sup> Esta frase é utilizada em praticamente todo início ou final de comunicados escritos ou ditos pelo Subcomandante Marcos. Ex. Primeira declaração da Selva Lacandona de 1994.

<sup>91</sup> ARELLANO, Alejandro Buenrostro y & OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de Olivera (Org.) *Chiapas*. Construindo a esperança. Rio de Janeiro: Paz e terra. 2002.

<sup>92</sup> KLEIN, Naomi. *Cercas e Janelas, Na linha de frente do debate sobre globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

<sup>93</sup> Editor dos escritos do Subcomandante Marcos no México

<sup>94</sup> Subcomandante Marcos & LEON, Juana Ponce de. *Nuestra arma es nuestra palabra*. Even Stories Press. 2001

Todavia o paradoxo de Marcos e os zapatistas é que, apesar das máscaras, dos “não-eu”, do mistério, sua luta trata do oposto do anonimato – trata do direito de ser visto. Quando os zapatistas pegaram em armas e disseram “¡Ya Basta!” em 1994, foi uma revolta contra a sua invisibilidade. Como tantos outros que ficaram para trás na globalização, os maias de Chiapas foram excluídos do mapa econômico. Constantemente relocados de regiões para regiões, estes, permanecem hoje na divisa do México com a Guatemala.

Dentro do EZLN, Marcos é o encarregado de dar voz às demandas zapatistas, seja através dos comunicados ou nas entrevistas que a comandância começa a conceder, principalmente a partir das primeiras negociações de paz na catedral de San Cristóbal. Por ser não-indígena, falar vários idiomas, ter formação política e intelectual, o “sub” vai conquistando a atenção dos meios de comunicação mexicanos e estrangeiros. Marcos sempre afirma que o EZLN não é apenas a sua figura. Sua prosa fluída, de leitura agradável que se utiliza constantemente do bom humor, citações literárias, referências culturais do universo indígena, os comunicados de Marcos criam uma relação privilegiada com alguns meios de comunicação e conquistam muitos leitores no México e em outros países. A respeito, o escritor Carlos Montemayor comenta: “...podemos decir que el EZLN fue el primer movimiento guerrillero en el México moderno que conquistó, desde el primer día de su aparición, un espacio permanente en los medios de comunicación. Los anteriores grupos guerrilleros en vano pretendieron, como una parte esencial de su objetivo de lucha, penetrar en los medios.”<sup>95</sup> A conquista de leitores não escolhe classe nem raças, os zapatistas se dirigem a um público alvo extremamente abrangente. Os comunicados são traduzidos nas principais línguas utilizadas no mundo e, para os próprios indígenas, fala-se nos diversos dialetos como chol, zoque e tojolobal.

Ao lutarem estão forçando o mundo a parar de ignorar sua situação, ver suas faces há muito desprezadas. Os Zapatistas são “a voz que se arma para ser ouvida. A face que se oculta para ser vista”, e buscam uma nacionalização de sua causa, como diz o Subcomandante Marcos na Quarta declaração da Selva Lacandona:

---

<sup>95</sup> MONTEMAYOR, Carlos. “La rebelión indígena”, in “La Jornada Semanal”, suplemento cultural do diário “La Jornada”, 12/05/97.

*El mundo que queremos es uno donde quepan muchos mundos.  
La Patria que construimos es una donde quepan todos los  
pueblos y sus lenguas, que todos los pasos la caminen, que  
todos la rían, que la amanezcan todos.*

E esta voz indireta de face oculta, usufrui dos elementos da imprensa utilizando a tecnologia - *internet* - para chegar aos lugares mais remotos. Passa-se a apresentar uma visão diferente, não mais necessariamente a das grandes corporações midiáticas, pois, se a imprensa não divulga os fatos, o próprio movimento se incube de apresentá-los ao público. Luta-se contra a lógica do espetáculo televisivo que se impõe a partir da imagem fetiche que: “o que aparece é bom; o que é bom aparece”, de tal modo que o reconhecimento social desses indivíduos desamparados depende inteiramente da visibilidade, como diz Maria Rita Kehl.<sup>96</sup>

Este fenômeno zapatista, visto pelo lado da sua estratégia de utilização da *internet* como espaço informativo e canal de comunicação com o mundo – em uma situação de guerra de baixa intensidade – é um fato inédito nesta era das comunicações em rede. Um caso instigante para ser analisado e que pode contribuir para uma reflexão profunda sobre a “Era da Informação” e seus dilemas.

Os zapatistas, ao abarrotarem de informação a internet, tornaram-se um dos exemplos recentes mais bem sucedido do uso das comunicações via computador por movimentos sociais. Ao Impulsionar as redes de apoio e solidariedade ao movimento – dentro e fora do México – possibilitaram uma discussão em nível mundial sobre a realidade das comunidades indígenas e camponesas, sobre os efeitos das políticas neo-liberais no campo social, sobre as implicações da revolta zapatista e muitas outras questões atuais de grande importância. A popularização do uso da internet colocou em pauta um importante debate sobre as modalidades de contra-ofensiva dos governos, seus setores militares e de inteligência, grandes empresas e corporações de comunicação dentro do contexto do fenômeno conhecido como “netwars” – “guerras telemáticas” ou “guerras de redes”.

Entretanto, os zapatistas não são os únicos responsáveis pelo crescimento da utilização do “ciberespaço” pelos movimentos populares e órgãos não governamentais. Desde a década de 80 o uso da grande rede vem florescendo e os grupos passaram a ter

---

<sup>96</sup> Esta questão do reconhecimento a partir da visibilidade que a televisão nos impõe é trabalhado no livro intitulado de Videologia, organizado por Maria Rita Kehl e Eugênio Bucci.

uma maior articulação entre si, constituindo novas e maiores redes no início da década de 90. São exemplos bem sucedidos redes como GreenNet, PeaceNet, a APC e suas “redes irmãs” ou associadas, tanto em países do chamado primeiro mundo como dos países chamados de emergentes. E as preocupações dos governos, sobretudo o norte-americano, com relação à expansão destas redes e a “ameaça” que representam para eles e seus interesses também datam de antes da aparição do EZLN em janeiro de 94. Pode-se perceber portanto que os movimentos sociais já utilizavam das grande rede como forma de divulgação e circulação de suas informações. O que pode se ver entretanto, é que a utilização da internet pelo EZLN veio demonstrar uma forma extremamente mais direta de uso desta tecnologia e com isso contribuiu e muito para que houvesse uma rápida expansão da utilização das redes eletrônicas por movimentos sociais.

Com uma derrota inicial no campo militar – porque não conseguiu “eliminar” a guerrilha zapatista como pretendia – o governo mexicano iniciou uma ofensiva mais ampla, que não abriu mão da via militar mas que a combinou com outras estratégias para tentar isolar o EZLN e forçá-lo a aceitar os termos de negociação propostos pelo poder central. Começou a entrar em cena a “lógica” militar e de inteligência para os chamados “conflitos de baixa intensidade.

Os zapatistas e seus simpatizantes em todo o mundo responderam ao construir uma rede de conexões e articulações políticas que, somada à resistência das comunidades e bases de apoio indígenas, garantiria sua sobrevivência. Para enfrentar a “guerra de baixa intensidade” imposta pelo exercito federal, o EZLN desencadeou-se uma guerra de palavras, imagens, de organização e mobilização, com muita criatividade e o apoio de uma rede de solidariedade bem articulada.

Juntamente com esta rede de solidariedade, os zapatistas, usufruindo da facilidade de comunicação gerado pela internet, começaram a organizar discussões, encontros, debates, artigos nos meios de comunicação alternativos, mobilizações relâmpagos, passeatas manifestações e ocupações de representações diplomáticas mexicanas no exterior, caravanas de solidariedade além de diversas outras atividades que se aglomeram na agenda ativa do EZLN. Neste processo de difusão, os zapatistas mostram agilidade e criatividade para produzir e divulgar vídeos, compilações dos comunicados, fitas de áudio com entrevistas da comandância, músicas, CDs, CD-ROMs, emissões de rádio – legais e clandestinas – e de TVs comunitárias, ampliando o alcance das informações sobre Chiapas para os que não tem acesso ao “ciberespaço”.

Este movimento ágil e rasteiro, essa efervescência na criação e utilização de meios até então pouco explorados pelos movimentos sociais e principalmente grupos guerrilheiros fizeram do EZLN um grupo diferenciado por pertencer a uma chamada sociedade do espetáculo e dialogar através das vias presentes neste contexto, com a sociedade mexicana e mundial. O mundo das comunicações em rede no “ciberespaço”, tido como “moderno”, “high-tech”, não estava assim tão distante de uma supostamente “primitiva” ou “atrasada” população chiapaneca, assim como chegaram a sugerir alguns analistas mais céticos em relação ao uso dessas tecnologias de comunicação por um movimento indígena armado, comenta Harry Cleaver. Para ele, “o movimento zapatista pode ser visto como um momento visível de uma luta maior que já estava envolvida profundamente nesse trabalho de articulação em rede”, como era o movimento indígena continental antes de janeiro de 94, por exemplo. “As redes de comunicação no “ciberespaço” têm sido um terreno propício a muitas lutas sociais e são de grande utilidade se apropriadas por movimentos cujas formas de organização estão pré-dispostas a construir conexões com outros movimentos,” completa o analista.<sup>97</sup>

Para Luiz Javier Garrido – professor da UNAM e assessor dos zapatistas durante as negociações de paz em San Andrés – um dos aspectos que diferenciam o EZLN dos demais movimentos guerrilheiros latino-americanos nos últimos 40 anos é que nele confluíram, “desde 1983, o pensamento marxista crítico, a cosmovisão indígena de resistência e as formas tradicionais de luta dos povos camponeses México no século XX. Estes elementos, em conjunto, determinaram que seus objetivos e estratégias fossem diferentes aos que tiveram organizações similares, que podem ser sintetizados numa idéia: o EZLN não aspira a tomar o poder e sim terminar com o atual poder e mudar as suas formas de exercício”<sup>98</sup>

Esta prática política dos zapatistas gerou um impacto profundo na sociedade civil mexicana, justamente por estar sustentada em uma concepção de democracia sintetizada em princípios fundamentais que, segundo eles, são essenciais para a vida comunitária, no qual é proposta uma nova forma de luta política que se funda na inclusão e da qual as consignas “mandar obedecendo”, “servir y no servirse” ou “para

---

<sup>97</sup> CLEAVER, Harry. “The Chiapas uprising and the future of class struggle in the new world order”, artigo originalmente escrito para o jornal italiano “Riff-Raff”, de Padova, publicado em março de 1994.

<sup>98</sup> GARRIDO, Luis Javier. “A prática política zapatista”, in “Linha Direta” no. 320, 28/06/97, publicação do Diretório Regional do PT-SP.

todos todo, nada para nosotros” se concretizam na proposta “queremos um mundo donde quepan todos los mundos”, analisa o pesquisador mexicano Luis Javier Garrido.<sup>99</sup>

O sociólogo francês Yvon Lê Bot, estudioso do fenômeno zapatista e autor do livro “El sueño zapatista” diz que:

*el movimiento zapatista no es la continuación ni el resurgimiento de las antiguas guerrillas. Por el contrario, nace de su fracaso, y no solo de la derrota del movimiento revolucionario en América Latina y en otras partes, sino también de un fracaso más íntimo, el del propio proyecto zapatista tal como lo habían concebido e iniciado, a principios de los ochenta, los pioneros del EZLN, un puñado de indígenas y mestizos.<sup>100</sup>”*

O EZLN como se pode perceber, ao mesmo tempo em que reúne características e elementos das guerrilhas passadas, apresenta novas propostas e uma nova forma de combate.

Entretanto, a presença da Revolução Mexicana de 1910 e, principalmente a lembrança do grande general Emiliano Zapata, tende a recuperar o mito do herói agrário entre os novos combatentes. Ao mesmo tempo em que a utilização do nome do lendário revolucionário serve como propaganda e chamadas para a adesão de novos apoiadores, guarda também a idéia de retorno à revolução inacabada e à luta.

O nome do herói nacional tem sua origem na cultura Maia, que adotou um semi-deus pagão chamado Votán-Zapata. A busca desta raiz no presente, remete aos revolucionários do início do século XX que, desde então, lutavam pelo direito à terra.

---

<sup>99</sup> GARRIDO, Luis Javier, op.cit.

<sup>100</sup> LE BOT, Yvon. “Los zapatistas lograron conquistar su propio espacio de libertad”, entrevista a Anne Marie Mergier, in revista “Proceso”, 27/04/97.



### **3.3 – DON DURITO E VELHO ANTÔNIO: PERSONAGENS FICTÍCIOS DE UMA HISTÓRIA REAL**

O EZLN como já foi visto, desprende-se da imagem do grupo guerrilheiro tradicional; ao deixar de simplesmente olhar para o passado, espelhando-se nas campanhas guevaristas, iniciando a construção de algo novo, um tipo de combate que procura utilizar armas presentes no contexto de sua luta. O rifle, como símbolo da revolta contra os opressores, passa a ser substituído pelas palavras e a difusão destas. Como fala Celso Gestermeier do Nascimento<sup>101</sup>, “os novos zapatistas são mestres no uso de imagens em transmitir suas mensagens, quebrando com a tradição dos revolucionários e intelectuais que elegeram a palavra escrita como centro de trabalho”. A utilização de imagens pelos zapatistas facilita a comunicação com uma sociedade cada vez mais televisiva, enfocada na correria do dia a dia e massacrada por uma avalanche de símbolos apologéticos gerados pela economia de mercado. Entretanto, a invocação de imagens sempre foi um recurso importante nas sociedades indígenas através da tradição oral, da fala à beira da fogueira capaz de devolver a vida aos deuses e aos ancestrais, criando um suposto elo temporal. Esse pensamento vai de encontro à sociedade em que vivemos onde o se vive a pensar o amanhã deixando o passado a mercê das traças. Estas imagens contrastam com símbolos da modernidade, opõe-se aos discursos dos governantes que querem tornar o país globalizado, invertendo assim, as premissas do pensamento neoliberal: pregasse a globalização humana em substituição a globalização econômica.

---

<sup>101</sup> NASCIMENTO, Celso Gestermeier do. *Guerreiros Zapatistas: velho Antônio e Don Durito*. Artigo publicado na revista no. 3 – ano 2003 da Anphlac no endereço <http://www.ifch.unicamp.br/anphlac/>

### 3.3.1 - VELHO ANTÔNIO

Atrás desta proposta abrangente e inovadora do EZLN, pode-se perceber uma voz, rouca e rasteira, cansada e experiente mas que trás a vida todos os mitos e símbolos indígenas. Esta voz interpretada pelo subcomandante Marcos simboliza o que a humanidade efervescente por coisas novas e modernas menos respeita, os anciãos. É através da voz de Marcos que o velho Antônio<sup>102</sup> retorna a vida (que nunca deixou de atuar) e junto com eles a vida de milhares de indígenas soterrados pela maquina tecnológica. É o estilo de vida difícil de viver na selva, mas ao mesmo tempo simples no fato de se viver em harmonia com as águas, animais e plantas. É simples por mostrar que nas coisas pequenas é que estão as grandiosas maravilhas e dentro de todo este simbolismo mágico que elucida o viver dos povos de Chiapas que se pode perceber o rumo significativo que o EZLN toma a partir do contato com os indígenas.

Mas quem é esta figura? Como apresenta Celso Gestermeier do Nascimento<sup>103</sup> “o velho Antônio tem uma relação íntima com a natureza, são inúmeras as referências a ele chegando com a noite e, muitas vezes, com as forças poderosas da natureza, como o vento, a chuva ameaçadora, a escuridão e a anunciação de um novo dia. Também suas estórias remetem ao tempo em que as trevas reinavam e os deuses estavam às voltas com a criação do mundo, o tempo em que não havia tempo, em que não existia o antes e o depois, por isso o velho Antonio fala à noite e ouve as vozes dos deuses também à noite. As estórias do velho Antonio são contadas ao redor do fogo, enquanto ele fuma cigarros e Marcos um cachimbo, sentados *com el, com el Viejo Antonio, se sientan junto conmigo todos los hombres y mujeres de morena sangre em corazón digno*”<sup>104</sup>

A figura do Velho Antônio esta presente todas as vezes que o movimento apresenta uma busca ao passado. Entretanto o Velho Antônio tem um significado importante por se tornar praticamente o tutor de Marcos dentro da selva, a pessoa responsável pelo aprendizado do “sub” e mais do que isso, responsável pela sua “indianização”, pelo seu amadurecimento na floresta, não como militante político ou

<sup>102</sup> Um exemplo da presença do Velho Antônio, que será detalhado mais a frente do capítulo, é o livro chamado em seu idioma original *La historia de los colores* escrito por Marcos e ilustrado por Domitila Dominguez.

<sup>103</sup> NASCIMENTO, Celso Gestermeier do. Op.cit.

<sup>104</sup> Citações presentes na home page do Exército Zapatista de Libertação Nacional, na seção de comunicados. [www.ezln.org](http://www.ezln.org), vizualizado em 12/03/2004.

guerrilheiro, e sim como pessoa. Este encontro é relatado por Marcos como sendo a primeira derrota dos zapatista, uma vez que estes entraram na floresta a fim de se dirigir a um movimento indígena que, na verdade, não estava esperando o salvador do mundo, e que aliás era portador de luta, que passou a ser compreendida juntamente com sua tradição histórica.

O velho Antônio não deixa de ser uma figura humana, uma espécie de mensageiro que escuta os deuses e conta aos humanos, é uma espécie de professor que sabe explicar com poucas palavras e muito silêncio. Representa a presença de um passado que esta sempre presente a auxiliar os passos dos guerrilheiros. Este personagem ou pessoa, é apresentado por Marcos através de histórias que são direcionadas tanto para adultos quanto para crianças que de uma forma divertida, acaba por adentrar em um mundo repleto pela cultura dos povos maias. Um exemplo da presença do Velho Antônio é um livro intitulado *A história das Cores*, escrito por Marcos. Neste livro, ricamente ilustrado e bilíngüe, Marcos interage com o velho ancião que por sua vez conta a história de como as cores foram criadas pelos deuses primeiros e os conflitos gerados devido este achado, que só foi solucionado ao se incorporar todos os tipos de cores na arara, onde o velho Antônio termina com a seguinte frase: “E foi assim que a arara ganhou suas cores e anda por aí passeando, para que os homens e as mulheres não se esqueçam que existem muitas cores e pensamentos, e que o mundo só será alegre se todas as cores e todos os pensamentos tiverem seu lugar.”<sup>105</sup>

### 3.3.2 - DON DURITO

Um outro personagem tão ou mais folclórico que o velho Antônio é Don Durito de Lacando (pilhas inclusas). Don Durito é um personagem que nas palavras de Celso Gestemeier do Nascimento<sup>106</sup>, é “ao mesmo tempo rústico e refinado, charmoso e assustador: um escaravelho revolucionário”. Isso mesmo, um escaravelho, ou besouro para alguns. E não se trata de um simples inseto, pois é um besouro de brinquedo, armado e perigoso e acompanhado de seu cavalo-tartaruga Pégaso que tem couraça reluzente, elmo e armadura. “Mais do que inseto e personagem, é também humano, pois encarna as ambições, os ideais, a ironia e também a prepotência, o mal-humor e até

---

<sup>105</sup> Subcomandante Marcos, *A história das cores*. Ilustrado por Domitila Dominguez; tradução de Marcelo Barbão. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

<sup>106</sup> NASCIMENTO, Celso Gestemeier do Op.cit.

mesmo os “estrelismos” dos seres humanos. E, ainda por cima, é um revolucionário mexicano, anti-neoliberal por excelência e herdeiro de uma tradição revolucionaria como sabe bem ser os mexicanos”.<sup>107</sup>



**Ilustração representando a figura de Don Durito de Lacandona montado em sua montaria Pegasus. Imagem retirada do site oficial do EZLN**

Um personagem que se coloca como herdeiro de Don Quixote, e que em suas histórias sem limites é capaz de mesclar contos que são incrustados por personagens diversos, acaba por romper com a imagem do revolucionário sério. Seu estilo romântico, irrequieto e malandro, que sempre aparece para pedir tabaco para Marcos (a quem chama de Cyrano de Bergerac devido à preponderância de seu nariz), mas acima de tudo otimista, esteve presente durante a ZAPATOUR. Em cada cidade, Marcos dava voz ao nobre Besouro que encantava as crianças e adultos, como o comunicado dirigido aos meninos e meninas da colônia Isidro Fabela. Marcos, de uma forma bastante descontraída apresenta Don durito para as crianças: “(...) eu estava nessa quando acabou a luz. A escuridão mais *incompleta* reinava em minha volta. E digo “incompleta” porque imediatamente apareceu, sob a soleira da porta, uma espécie de árvore de Natal em miniatura que se movia com dificuldade, eu consultei o calendário e me disse:

<sup>107</sup> NASCIMENTO, Celso Gestemeier do Op.cit.

estamos em março, em março não há arvorezinhas de Natal.” Ao se recompor do susto, Marcos continua: “(...) Quando acendi a luz, surpresa! Descobri que era nada mais nada menos que um besouro ranzinza que se autodenomina “d. Durito da Lacandona”; embora seu nome real seja Nabucodonosor ele permite que seus amigos o chamem de Durito.”<sup>108</sup>

Podemos refletir até que ponto estes personagens podem ajudar na causa zapatista? Seja através de Don Durito ou do Velho Antônio, os zapatistas conseguem povoar a mente de pessoas, principalmente as crianças. Sua forma de luta, lenta e permanente, torna-se privilegiada pela criatividade de Marcos de povoar o imaginário social através de suas histórias. Durante a ZAPATOOUR, bonecos tanto de Marcos quando de D. Durito eram vendidos por comerciantes. A apropriação destas imagens torna-se freqüente na população Mexicana, e não precisamos apelar apenas para as construções imaginárias dos personagens, podemos ver claramente estes símbolos marcantes quando analisamos o impacto que os passa-montanhas, encobrendo os rostos dos combatentes, conseguem exercer. A criação de personagens, de certa forma, faz parte da tática de combate utilizada até então. Ao apresentar suas dificuldades através de uma forma que não seja a de simplesmente se lamentar, Marcos consegue extrair das pessoas simpatia. Não se trata de simplesmente cobrar de forma séria a melhoria da qualidade de vida, e sim o ato de ensinar uma cultura e uma tradição, revigorando uma espécie de consciência de que algo pode e deve ser mudado.

Os zapatistas, através das palavras e da criatividade, conseguiram difundir sua magia e assim como a tradição oral dos povos Maias, levar para as pessoas dos lugares mais remotos, um pouco do encanto de sua cultura. Trata-se de uma postura que se torna incensurável, capaz de atravessar florestas e montanhas e ainda por cima levar alegria e conhecimento através da criatividade e bela escrita do Subcomandante Marcos.

O subcomandante Marcos chegou a ser elogiado por vários intelectuais e escritores. Até mesmo Octávio Paz – que politicamente está muito mais próximo do PRI, como é sabido – reconheceu o valor literário da prosa do “sub”, mesmo não concordando com a insurgência armada dos zapatistas. Intelectuais chiapanecos chegaram a sugerir seu nome para o “Prêmio Chiapas”, máximo galardão cultural do estado e uma outra voz chegou a insinuar que Marcos fosse indicado para o “Nobel de Literatura”. Como diria

---

<sup>108</sup> BRIGE, Marco F. & DI FELICE, Massimo (org.). *Votán-Zapata: a marcha indígena e a sublevação temporária*. Prefácio de Cristóbal Muñoz; tradução Célia Barbosa. São Paulo: Xamã, 2002.

Michel Löwy: “é movimento portador de magia, mitos e utopia; de poesia, romantismo e esperanças loucas”.<sup>109</sup>

Ainda se tratando da difusão dos pensamentos do EZLN perante as crianças e adolescentes, pôde-se perceber um enorme crescimento de grupos músicas comprometidos com a causa zapatista. Dentre eles o grupo norte-americano Rage Against the Machine tornou-se o mais conhecido por tratar de forma direta sobre a causa zapatista através dos versos de seu vocalista Zack de la Rocha<sup>110</sup>. Essa divulgação serve como conscientização dos ocorridos em Chiapas principalmente para os adolescentes. As Universidades Mexicanas como a UNAM (Universidade Autônoma do México) e a Universidade Panamericana mantêm grupos de estudos sobre os zapatistas e muitos estudantes apóiam a causa da guerrilha.

### 3.3.3 - RÁDIOS, SITES, REVISTAS E A DIFUSÃO DO MOVIMENTO

Perante esta efervescência de criatividade, o EZLN utiliza-se dos sites para alcançar seu interlocutor. Nestes sites podem-se encontrar comunicados, declarações e imagens do grupo. Entretanto a criação da Rádio Insurgente trouxe uma visão extremamente grandiosa para este movimento de difusão.

Inicialmente, aparecendo através um simples link em alguns sites como o canal de Chiapas do Indymedia<sup>111</sup>, a rádio podia ser ouvida em raros momentos. Em suas transmissões, além de músicas tradicionais mexicanas que, na maioria das vezes eram interpretadas por grupos musicais zapatistas, era possível se ouvir declarações através das vozes de comandantes ou do próprio Subcomandante Marcos. A partir de 2004 a rádio ganhou um site próprio<sup>112</sup>, neste site, além de se ter acesso aos comunicados expedidos pela própria rádio, pode-se também copiar as declarações anteriores, para o computador.

<sup>109</sup> LOWY, Michel. *Michel Löwy procura explicar o zapatismo*. Disponível em: <http://www.inf.furb.br/~massao/zapatistas.htm>. Acesso em 16 de outubro de 2002 – retirado do jornal “Em tempo” – [emtempo@ax.apc.org](mailto:emtempo@ax.apc.org).

<sup>110</sup> O DVD do Grupo Rage Against the Machine, intitulado de The Battle of Mexico City, traz em seus extras uma entrevista com o subcomandante Marcos além de uma análise do movimento feita pelo norte-americano Noam Chomsky.

<sup>111</sup> O site mundial do Mídia independente apresenta vários canais direcionados a países e/ou estados sendo que entre eles o de Chiapas. No site, que tem a proposta de apresentar um cobertura jornalística pelo menos mais democrática e imparcial, pode-se encontrar comunicados zapatistas além de textos relatando a situação dos acampamentos na Selva. O site encontra-se no endereço Web [chiapas.indymedia.org](http://chiapas.indymedia.org)

<sup>112</sup> O site Web da Rádio Insurgente esta localizado no endereço <http://www.radioinsurgente.org/>

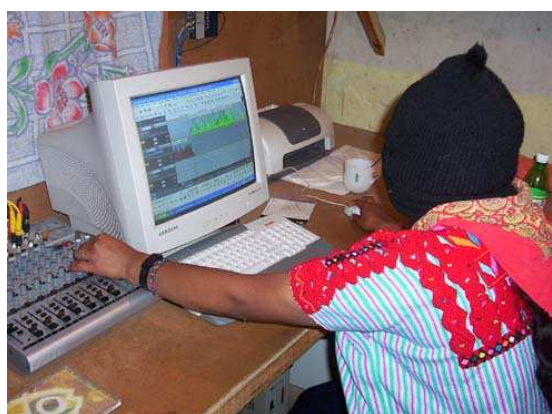
Entretanto, uma das coisas mais interessantes são as presenças de encartes de CDs musicais das bandas zapatistas. Através da rádio, pode-se ter acesso a essas músicas e comprar os discos. Isso soa estranho se pararmos para pensar que estamos falando de um grupo guerrilheiro. Entretanto falamos de um grupo que usa das armas de divulgação dentro de um meio capitalista como forma de extravasar sua voz.



**Instalações da Rádio Insurgente.**

**Imagem retirada do site oficial do EZLN**

Além da Rádio Insurgente, várias outras rádios começaram a aparecer na rede, entre elas estão a Rádio Libertad que emite ondas via satélite ao vivo, e a Rádio Perota que apresenta notícias sobre acontecimentos e mobilizações. As duas rádios podem ser acessadas através de links presentes do site Indymedia de Chiapas.



**Utilização da internet para divulgação do movimento.**

**Imagem retirada do site oficial do EZLN.**

Esta postura inovadora mostra-se como uma alternativa de combate às grandes corporações em pró da reforma agrária e melhoria para o povo do campo. Entretanto é cedo para falarmos sobre possibilidades. O que se pode salientar é o quão importante a

postura do grupo representa, não apenas para o movimento em Chiapas, mas para toda a população, no que concerne a uma visão as avessas, uma visão que necessariamente não é representada pelas grandes empresas da mídia, e mais do que isso, não se estagne na captação de dados jornalísticos, mas produz uma visão, uma história, um pensamento e um sentimento.

Outra grande criação do EZLN foi a criação de uma revista chamada Rebeldia. Através desta publicação mensal o grupo consegue dar mais um passo em busca da grande difusão de suas propostas. A revista, que também tem um site próprio, segue a mesma linha dos sites e da rádio, entretanto, nela pode-se encontrar textos e artigos de autores conhecidos como Jaime Osorio (Professor da UAM-X) que não tratam apenas do conflito de Chiapas, mas abrangem problemas mais gerais como o neoliberalismo.<sup>113</sup>

Um dos momentos mais impressionantes aconteceu em maio. Marcos, então nomeado diretor técnico do time de futebol dos zapatistas, entrou em contato com Massimo Moratti, presidente do F. C. Internazionale de Milão, um dos clubes mais importantes não só da Itália, mas de todo o planeta, e conseguiu marcar um amistoso realizado no México. Podemos perceber a postura do presidente do clube italiano em sua carta resposta ao convite de Marcos<sup>114</sup>:

*Siento muchísima emoción al tener el privilegio de escribirle en respuesta a su simpatiquísima y afectuosa provocación. Me dirijo a usted, y por conducto de usted a todo el EZLN, para agradecerle la posibilidad que nos ha dado a todos nosotros de vivir esta especial relación. Me permito también expresar mi pensamiento en respuesta a su gentilísima carta. Jugaremos. Jugaremos nuestro partido y le agradezco por ello. Será un gran partido. Quizás en el campo, como hacíamos de niños, quizá rodeados de árboles gigantes. O en un estadio, en la capital o en un rectángulo diseñado con yeso sobre la tierra, con el polvo que se alza hasta hacerte toser. De cansancio, pero feliz. Como quedamos de acuerdo, nosotros traeremos los balones y vosotros*

<sup>113</sup> O site da Revista Rebeldia esta presente no endereço Web [www.revistarebeldia.org](http://www.revistarebeldia.org)

<sup>114</sup> A carta apresentada por Marcos e as réplicas estão presentes no site [chiapas.indymedia.org](http://chiapas.indymedia.org). O site possui um grande acervo de documentos dos zapatistas que podem ser acessados através dos links ou pelo uso do buscador (search) do próprio site.



*el pozol agrio. Si usted acepta empezaremos a discutir la organización con los respectivos representantes y directivos. Esperamos se pueda jugar pronto. Pienso que podríamos enviar a México un buen grupo de jugadores; veremos el periodo. Díganos usted qué lugar puede ser el más acertado. Si en el DF o en San Cristóbal, o en una comunidad o en un caracol. El fútbol puede ser un instrumento para alcanzar objetivos importantes, pero ya es algo que nos convierte a todos en niños y todos iguales. Todos soñadores. Imaginamos grandes cosas y disfrutamos con las pequeñas: un dribbling, una tijereta, un remate de cabeza nos hacen felices. Y descubrimos después que estas pequeñas cosas están hechas de sentimientos verdaderos.(...) <sup>115</sup>*

Este evento foi noticiado em todo o mundo, como seria capaz, um grupo guerrilheiro organizar um jogo contra uma das equipes de futebol mais poderosa do planeta? Além de interessante, torna-se extremamente divertido da forma como a situação é retratada pelo Subcomandante Marcos:

*Ha llegado a nosotros la carta en la que nos comunica que su equipo de fútbol, el F.C. Internazionale, ha aceptado el reto fraternal que les hicimos. Le agradecemos el tono amable de su respuesta y la honesta disposición. A través de los medios de comunicación, nos hemos enterado de las declaraciones de directivos, cuerpo técnico y jugadores del íter. Todas son una muestra más de la nobleza de sus corazones. Sepa usted que nos felicitamos por haberlos encontrado en nuestro ya largo camino y que es un honor para nosotros el ser una parte del puente que une dos tierras dignas: Italia y México”. (...) “Le comunico a usted que, además de vocero del EZLN, he sido designado por unanimidad Director Técnico y encargado de Relaciones Intergalácticas del seleccionado zapatista de fútbol (bueno, en*

---

<sup>115</sup> IDEM.

*realidad nadie más quiso aceptar el trabajo).” (...) “Y tal vez, si usted está de acuerdo, para los partidos en México, el EZLN se dirigiría en su momento a Diego Armando Maradona, para pedirle que fuera el arbitro central; a Javier El Vasco Aguirre y a Jorge Valdano, para solicitarles que fungieran como arbitros auxiliares (o abanderados); y a Sócrates, mediocampista que fue de Brasil, para que estuviera como 4° arbitro; y tal vez invitaríamos a esos dos íntergalácticos que viajan con pasaporte uruguayo: Eduardo Galeano y Mario Benedetti, para que narraran el partido para el Sistema Zapatista de Televisión Intergaláctica ("la única televisión que se lee").” Ao comentar sobre as demais partidas que poderiam ser realizadas pelos dois times, Marcos mantém seu tom de ironia mesclando-o com críticas a alguns governantes: “Y. ya encarrerados, jugaríamos otro partido en Los Ángeles, en California. EU. cuyo gobernador (que sustituye la falta de neuronas con esteroides) lleva adelante una política criminal en contra de los migrantes latinos. El monto de la taquilla de ese cotejo seria dedicado a la asesoría legal para indocumentados en los USA y para encarcelar a los maleantes del "Minuteman Project". Además, el "dream team" zapatista llevaría una gran manta en la que se leería "Libertad para Mumia Abu Jamal y Leonard Peltier". Es probable que el Bush no permita que nuestros modelos de pasamontañas temporada primavera-verano causen furor en Hollywood, así que el encuentro se podría trasladar al digno suelo cubano, frente a la base militar que, ilegal e ilegítimamente, mantiene el gobierno de EU en Guantánamo. En este caso, cada delegación (la del ínter y la del Ezeta) se comprometería a llevar, al menos, un kilo de alimentos o medicinas por cada uno de sus miembros, como símbolo de protesta contra el bloqueo que sufre el pueblo de Cuba.”<sup>116</sup>*

---

<sup>116</sup> IDEM.

Esse tipo de evento de certa forma trás a tona uma discussão sobre a forma como a guerrilha zapatista é caracterizada. Não se torna tradicional, pois usufruiu das armas apenas nos 12 dias iniciais e também pelo fato de não almejar o poder. Não se apresenta como uma simples manifestação cultural ou política por se tratar de um movimento com nome e representantes, e ter uma extrema organização. Entretanto, através de atos como o da partida de futebol, os zapatistas mostram que além da luta pela sobrevivência, são humanos e se divertem, brincam com a situação e demonstram uma alegria, pertencente às pessoas convictas da vitória.

## CONCLUSÃO

O zapatismo do final do século XX surpreendeu por muitas razões, pela vestimenta dos combatentes, pela composição étnica de seus aderentes, pela atualização de imagens, nomes e pessoas a ponto de dar ouvidos ao passado histórico mexicano. Mas também surpreendeu porque demonstrou que a política não é inexoravelmente o terreno intocável pela grande população. De resto, a sociedade mexicana tomou mais a sério quem falava de política de forma irreverente e com humor, diferentemente de quem a propõe através de formatos sérios e se vestem formalmente para falar uma linguagem política que poucos escutam e muitos duvidam. O discurso político revolucionário apela para a poesia e para a anedota, para o jogo de palavras e a metáfora. Frente a isso, a classe política “profissional” se encontra desarmada. Talvez alguns membros desta classe compreendam que sua aprendizagem formal ou informal não os capacitou para dialogar com a sociedade, e sim entre eles mesmos em um código indecifrável para os “não-iniciados”.



**Subcomandante Marcos em discurso para jovens universitários da UNAM  
Imagem retirada do site oficial do EZLN**

O zapatismo, na prática, politizou a linguagem da sociedade e seus conteúdos simbólicos e históricos. Resgatou os seus heróis populares e os dessacralizou. Um exemplo é o uso do rosto de Zapata a fumar um cachimbo igual ao de Marcos. Aquilo que teria sido assumido como um sacrilégio, hoje é percebido como diversão. A figura de Emiliano Zapata está sempre por trás do posicionamento do EZLN, como herói nacional, Zapata representa a luta dos excluídos da terra. O zapatismo, em contradição com o preceito bíblico que proibia a mulher de Lot olhar para trás porque se transformaria em sal, volta a olhar constantemente não somente para denunciar o passado de exploração e racismo e demonstrar sua atualidade, mas também para extrair deste passado valores de luta e resistência, os zapatistas não ocultam que olham para trás para caminha para frente. Querem e tem a esperança de que o futuro será diferente do passado, mas não programam o futuro de todos e para todos ao estilo dos partidos de vanguarda. O futuro se irá construindo coletivamente e não somente das trincheiras zapatistas.<sup>117</sup> Os povos não fazem uma revolução sabendo de antemão como será a sociedade futura; fazem uma revolução porque não querem seguir vivendo no antigo regime.<sup>118</sup> Este é também o significado do "ya basta" zapatista.

Se a poesia do EZLN se inspira no passado, de onde se extrai sua identidade, seus símbolos e seus heróis, não seria o zapatismo somente uma última e bem reeditada edição das revoluções burguesas do século XVIII e princípios do XIX? Ou melhor, uma continuidade de uma revolução mexicana considerada inacabada para muitos?

Sem dúvida, os elementos do passado que se incorporam a sua poesia são os que vão construindo o que há por vir. Os zapatistas apóiam-se nos símbolos e nas imagens de heróis nacionais isso acaba por lhe constituir uma forma de interação direta com a população mexicana e mundial. Além disso, a criação de personagens ajuda a constituir uma visão bastante simplificada e direta para a grande massa, podendo ser compreendida inclusive pelas crianças. A aceitação pelo grupo, torna-se presente pela união destes fatores. O grupo, não deixa de olhar para o passado, ainda luta por direitos reivindicados desde o antigo regime, entretanto não deixa de se tornar contemporâneo principalmente no modo de

---

<sup>117</sup> Este é o sentido mais importante da convocatória de agosto de 1994 para reunir a sociedade em uma Convenção Nacional Democrática.

<sup>118</sup> Um dos mais lúcidos ideólogos da revolução de 1910 captou muito bem este fenômeno: "A verdade é que não há revolução no mundo que se tenha tido empreendimentos prevendo de antemão os meios de reconstrução da ordem social e de substituição do regime que se pretende fazer desaparecer" (Luis Cabrera, "La revolución es la revolución" [1911], in: Eugenia Meyer, *Luis Cabrera: teórico y crítico de la revolución*, SEP/80-Fondo de Cultura Económica, México, 1982, p. 73).

interação com a comunidade mexicana e mundial. As tecnologias do final do século passado, ao mesmo tempo em que ajudaram a constituir uma padronização formulada pelas grandes corporações, constituiu uma possibilidade, uma brecha de onde os zapatistas conseguiram constituir uma esperança.

**BIBLIOGRAFIA**

HOLLOWAY, John. *Mudar o mundo sem tomar o poder*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Viramundo, 2003.

CAMÍN, Héctor Aguilar & MEYER, Lorenzo. *À sombra da revolução mexicana: História Mexicana Contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: EDUSP, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

ARELLANO, Alejandro Buenrostro y. *As raízes do fenômeno Chiapas: o já basta da resistência zapatista*. Tradução de Maria Encarnacion Moya. São Paulo: Alfarrábio, 2002.

KLEIN, Naomi. *Cercas e Janelas: na linha de frente do debate sobre globalização*. Tradução de Rytá Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2000.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 2000.

BUCCI, Eugênio & KEHL, Maria Rita (Coord.). *Videologias*. Coleção estado de sítio. São Paulo: Boitempo.

CHAUVEAU, Agnes & TÉTART, Philippe (Org.) *Questões para a história do presente*. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC, 1999.

ARCE, José Manuel Valenzuela (Coord.). *Los estudios culturales en México*. Colección Biblioteca Mexicana. México: FCE, CONACULTA, 2003.

HILSENBECK FILHO, Alexander Maximilian. *O Zapatismo e o fim da história*. IN: Revista de iniciação científica da FFC, v.4, n.3, 2004.

ORTIZ, Pedro Henrique Falco. *Z@patistas on-line: uma análise sobre o EZLN e o conflito em Chiapas, sua presença na internet e a cobertura da imprensa mexicana, argentina e brasileira*. Dissertação de mestrado orientada pela Prof<sup>a</sup>, Dr<sup>a</sup>. Cremilda Medina e defendida no departamento de Jornalismo e editoração – CJE/USP, Programa de Pós Graduação em Integração da América Latina PROLAM-USP, 1997.

CANCLINI, Nestor Garcia (coord.). *La antropología urbana en México*. México: Conaculta (Colec. Biblioteca Mexicana), UAM, FCE, 2005.

PEÑA, Guillermo de la. LEÓN, Luis Vasquez. (coordenadores). *La antropología sociocultural em el México del milênio: búsquedas, encuentros e transiciones*. México: UAM, FCE. 2002.

BRIGE, Marco F. & FELICE, Massimo di. *Votán-Zapata: a marcha indígena e a sublevação temporária*. Prefácio por Cristóbal Muñoz; tradução Célia Barbosa. São Paulo: Xamã, 2002.

FLORESCANO, Enrique & MONTFORT, Ricardo Pérez (coordenadores). *História de México em el siglo XX*. México: Fondo de cultura econômica, 1995.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e terra, 1999.

FRANCHI, Tássio. *Igualdades e diferenças no discurso do Exército Zapatista de Libertação Nacional: construção e estratégias do discurso zapatista (1994-1996)*.



Dissertação de mestrado orientada pela Prof<sup>a</sup>, Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Souza Lopez e defendida Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP/Franca, 2004.

BERGER, Peter, *O dossel sagrado*. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985. 1º parte – 9. 15-113.

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Perspectiva do Homem/edições 70. 2000. Introdução, cap. I, II e III.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Cultura*. Cap. I – Uma descrição densa; - cap. 4 – A religião como sistema cultural.

GAMBOA, Ángel Soto. *Historia del presente*: Estado de la cuestión y conceptualización. Revista Electrônica Historia Actual On-Line. Año II, n. 3, Invierno 2004 [<http://www.hapress.com>].

MATEOS, Abdón. Historia, Memoria, Tiempo Presente. In: Hispania Nova: Revista de História Contemporânea. Capturado no endereço eletrônico <http://hispanianova.rediris.es>

MUDROVICIC, Maria Inês. Alguns consideraciones epistemológicas para una “Historia Del Presente”. In: Hispania Nova: Revista de História Contemporânea. Capturado no endereço eletrônico <http://hispanianova.rediris.es/>

LACOUTURE, Jean. A História Imediata. In: LE GOFF, Jacques (org.). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996.

CUESTA, Josefina. *Historia del presente*. Madrid: EUEDEMA, 1993, 40.

MARTIN-BARBERO, Jesus. Medios: olvidos y desmemorias. Debilitan el pasado y diluyen la necesidad de futuro. In: *Ciberlegenda*. N. 6, 2001. Capturado no endereço eletrônico: <http://www.uff.br/mestcii/barbero1.htm>

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, “senhores da memória”? In: IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. XXVII Congresso da INTERCOM. Porto Alegre, 2004.

& MORAES, Nilson A. de (orgs.). *Memória e Construções de Identidades*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

FERRO, Marc. Filme: uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, J. & NORA, P. (orgs.). *História : Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

NYE JR. Joseph S. *O paradoxo do poder americano*. Porque a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. Editora Unesp.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. *A política armada*. fundamento da guerra revolucionária. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MUENCH NAVARRO, P. *La reforma agraria en Chiapas*. Cuadernos de Centros Regionales (Chiapas), n.7, 1994.

ARELLANO, Alejandro Buenrostro y. *As raízes do fenômeno Chiapas: o já basta da resistência zapatista*. Ed. Alfarrabio. São Paulo: 2002.

VAZQUEZ SOTO, L. *Organización Campesina Tojolobal*. Instancias organizativas e sus luchas. San Cristóbal de las Casas: Universidad Autónoma de Chiapas, 1983.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Ed. UFRJ, Rio de Janeiro; 2004.

ARIAS, Sofía Rojo. *Los usos de la historia: memoria y olvido en los comunicados del EZLN*. Perfiles Latinoamericanos. México: 1996, Año 5, n 9, Diciembre.

MONTALBÁN, Manuel Vásquez. Op.cit. Folha de S. Paulo: 4/0/1999, Mais!, p. 5.

MONTEIRO, Paula. *Globalização, identidade e diferença*. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, nº 49, pp.47-64, novembro, agosto, 2000.

COSSÍO, José.Ramón Díaz. FRANCO, José Fernando González Salas y ROLDÁN, José Xopa. *Derecho y cultura indígena*. México: Miguel Angelo Parrua. 1998.

WOMACK, John Jr. *Zapata e a Revolução Mexicana*. Lisboa: Edições 70, 1980.

MONTEMAYOR, Carlos. *Chiapas, la rebelión indígena de México*. Madrid: Espasa, 1998

RODRIGUEZ, E. La agudización de los problemas agrarios en Chiapas durante la década de los 80 In: PALACIO, L. H., SANDOVAL, J. M. (Orgs.). *El redescubrimiento de la frontera Sur*. México: Ancien Regime, 1989.

MARCOS, Subcomandante. *A história das cores*. Ilustrado por Domitila Dominguez; tradução de Marcelo Barbão. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

MARCOS, Subcomandante & LEON, Juana Ponce de. *Nuestra arma es nuestra palabra*. Even Stories Press. 2001

CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia*, 4ª edição, São Paulo. Editorial Cortez, 1989.

GARRIDO, Luis Javier. “A prática política zapatista”, in “*Linha Direta*” no. 320, 28/06/97, publicação do Diretório Regional do PT-SP

NASCIMENTO, Celso Gestermeier do. *Guerreiros Zapatistas: velho Antônio e Don Durito*. Artigo publicado na revista no. 3 – ano 2003 da Anphlac no endereço <http://www.ifch.unicamp.br/anphlac/>

CLEAVER, Harry. “The Chiapas uprising and the future of class struggle in the new world order”, artigo originalmente escrito para o jornal italiano “Riff-Raff”, de Padova, publicado em março de 1994.

CLEAVER, Harry. “The Zapatistas and the eletronic fabric of struggle”. IN: HOLLOWAY, John. “*The Chiapas uprising and the future of revolution in the twenty-first century*”. Austin, Texas; 1995. A versão eletrônica deste artigo de Cleaver está em: <http://www.eco.utexas.edu:80/Homepages/Faculty/Cleaver/index.html>

HERNÁNDEZ NAVARRO, L. El drama cafetalero. *La Jornada*, 3 set. 1994.

WOOD, Darrin. “Net wars. *Chiapas: the revolution will no be televised* (but it will be on-line)”, na revista “Index on Censorship”, março de 1995, versão eletrônica na página Web [http://www.oneworld.org/index\\_oc/wood.html](http://www.oneworld.org/index_oc/wood.html)

### **SITES E DECLARAÇÕES**

- Primeira declaração da Selva Lacandona apresentado no dia 1º de janeiro de 1994 pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena-Comando geral do Exército Zapatista de Liberação Nacional.

- Segunda declaração da Selva Lacandona apresentado no dia 10º de junho de 1994 pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena-Comando geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional
- Terceira declaração da Selva Lacandona apresentado no dia 1º de janeiro de 1995 pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena-Comando geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional.
- Quarta declaração da Selva Lacandona apresentado no dia 1º de janeiro de 1996 pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena-Comando geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional.
- Quinta declaração da Selva Lacandona apresentado em julho de 1998 pelo Comitê Clandestino Revolucionário Indígena-Comando geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional
- Texto de alerta vermelho do EZLN publicado em 11 de julho de 2005 relatando o termino da consulta interna sobre o levantamento de um alerta vermelho nas comunidades zapatistas, a reabertura dos chamados “caracoles” de La Realidad, Roberto Barrios, Oventik, Morelia e Garrucha além do reinício das oficinas dos conselhos dos municípios autônomos Zapatistas e reativação dos serviços de educação.
- Recolhimento e análise de comunicados, entrevista, informes e reportagens transmitidos pela Rádio Insurgente na internet. Os arquivos em MP3 foram retirados do site [www.radioinsurgente.org](http://www.radioinsurgente.org) durante todo o ano de 2005 e ultrapassam 100 horas de gravação compilados em DVD anexado ao fim do relatório. No DVD consta além das fontes em áudio, uma grande parte de textos e comunicados do EZLN desde seu surgimento, organizados de forma cronológica.
- FZLN – Frente Zapatista (<http://www.fzln.org.mx/>);
- Revista Chiapas (<http://www.edicionesera.com.mx/Chiapas3a12.html>)
- Congresso Nacional Indígena – CNI (<http://www.laneta.apc.org/cni>);
- Chiapas para el Mundo (<http://www.sacbe.com/chiapas/indice.htm>);
- La Jornada em internet (<http://www.jornada.unam.mx>);
- Revista Proceso (<http://www.proceso.com.mx>).
- Site oficial (<http://www.ezln.org>).
- Laneta Mexicana (<http://www.laneta.apc.org>)

- Rádio Insurgente (<http://www.radioinsurgente.org/>).
- Rebista Rebeldia (<http://www.revistarebeldia.org/>).
- Chiapas Indymedia (<http://chiapas.indymedia.org/>).
- Jornal Jornada (<http://www.jornada.unam.mx>)
- Ibase - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (<http://www.ibase.org.br>).
- APC-Association for Progressive Communications (<http://www.apc.org/>).
- Plataforma de solidariedade com Chiapas (<http://www.nodo50.org/pchiapas/>).
- The University of Texas at Austin (<http://studentorgs.utexas.edu/>).
- Viva Zapata – site francês (<http://www.zapata.com/>).
- Frente Zapatista de libertação Nacional (<http://www.angelfire.com/ak4/FZLN/>).
- Enlace Civil (<http://www.enlacecivil.org.mx/>).
- Zapapres – site alemão (<http://www.zapapres.de/>).

### **FONTES EM ÁUDIO:**

- cuento de la xpakinté - 23.01.2004
- historia del EZLN 1ra parte - 30.01.2004
- historia del EZLN 2da parte - 06.02.2004
- historia del EZLN 3ra parte - 13.02.2004
- homenaje a zapata y derechos de mujeres - 20.02.2004
- cuento no rendirse - 27.02.2004
- historia del EZLN y cuento un hombre sin nombre - 05.03.2004
- día internacional de las mujeres - 08.03.2004
- cuento de panfililla 1ra parte - 12.03.2004
- cuento de panfililla 2da parte y entrevista con junta de buen gobierno – 19.03.2004
- cuento de panfililla 3ra parte y entrevista con junta de buen gobierno – 02.04.2004
- especial sobre emiliano zapata - 09.04.2004
- reportaje de zinacantán - 16.04.2004

- cuento de panfililla 4ta parte y fin de entrevista con junta de buen gobierno –  
23.04.2004
- cuento de panfililla 5ta parte - 30.04.2004
- cuento de panfililla 6ta parte - 07.05.2004
- final de cuento de panfililla - 14.05.2004
- reportaje en la clínica en un municipio autónomo - 21.05.2004
- radio teatro de mujeres - 28.05.2004
- el cuento del chompiras - 04.06.2004
- noticias locales - 25.06.2004
- noticias locales - 02.07.2004
- cuento historia de las nubes - 09.07.2004
- cuento los arroyos cuando bajan - 16.07.2004
- entrevista con la junta de buen gobierno corazón del arcoiris de la esperanza –  
06.08.2004
- reportaje del 1er aniversario de los caracoles - 13.08.2004
- leer un video 1ra parte - 20.08.2004
- leer un video 2nda parte - 27.08.2004
- leer un video 3ra parte - 03.09.2004
- leer un video 4ta parte - 10.09.2004
- discurso del CCRI sobre la independencia - 17.09.2004
- informe de 1 año de la junta de buen gobierno corazón céntrico de los zapatistas  
delante del mundo - 24.09.2004
- leer un video 7ma parte - 01.10.2004
- la velocidad del sueño 1ra parte - 08.10.2004
- la velocidad del sueño 2nda parte 15.10.2004
- homenaje a miguel henríquez espinoza - 22.10.2004
- entrevista con la escuela secundaria en oventic - 29.10.2004
- entrevista sobre la educación autónoma en oventic - 05.11.2004
- bienvenida a la página web de radio insurgente - 12.11.2004
- el bolsillo roto y cuento la naranja mágica 1ra parte - 19.11.2004
- entrevista sobre educación autónoma 2da parte y cuento la naranja mágica 2da

- parte - 26.11.2004
- entrevista sobre educación autónoma 3ra parte y cuento la naranja mágica 3ra parte - 03.12.2004
- reportaje visita de los vascos y cuento la naranja mágica 4ta parte - 10.12.2004
- entrevista sobre proyecto de bloquera en polhó y cuento la naranja mágica 5ta parte - 17.12.2004
- reportaje de san juan de la libertad y cuento la naranja mágica 6ta parte – 24.12.2004
- cuento la naranja mágica 7ma y última parte y reportaje sobre mujeres regidoras en municipios autónomos rebeldes zapatistas - 31.12.2004
- celebración 1ro de enero y entrevista con la zapatería en el caracol 2 de oventic – 07.01.2005
- entrevistas sobre el proyecto de bloquera y banco de grava en el MARZ San Pedro Polhó - 14.01.2005
- reportaje sobre Producciones Radio Insurgente 1ra parte - 21.01.2005
- reportaje sobre Producciones Radio Insurgente 2nda parte - 28.01.2005
- entrevistas sobre trabajos colectivos en el MARZ magdalena de la paz – 04.02.2005
- entrevistas con el consejo autónomo del MARZ magdalena de la paz - 11.02.2005
- tercer aniversario e historia de RADIO INSURGENTE - 1ra parte - 18.02.2005
- historia de RADIO INSURGENTE – 2da parte - 25.02.2005
- reportaje sobre MARZ 16 de febrero y comunicado abajo a la izquierda – 04.03.2005
- día internacional de las mujeres e historia de digna ochoa - 11.03.2005
- reportaje sobre el hermanamiento del municipio autónomo rebelde zapatista magdalena de la paz - 18.03.2005
- reportaje y entrevistas sobre los hermanamientos de los municipios autónomos rebeldes zapatistas la dignidad y vicente guerrero en la zona norte de chiapas – 25.03.2005
- entrevista sobre la reconcentración de las comunidades zapatistas en montes



- azules - 01.04.2005
- entrevista con autoridades del municipio autónomo rebelde zapatista 16 de febrero - 08.04.2005
  - entrevista con representantes de las bases de apoyo zapatistas en el municipio de zinacantán sobre la situación a un año de la agresión PRDista a los zapatistas el 10 de abril 2004 - 15.04.2005
  - entrevistas con promotores de salud en el MARZ magdalena de la paz - 22.04.2005
  - reportaje sobre las bases de apoyo zapatistas reconcentradas en montes azules – 29.04.2005
  - demandas zapatistas ¡trabajo! - 06.05.2005
  - demandas zapatistas ¡vivienda digna! - 13.05.2005
  - demandas zapatistas ¡tierra! - 20.05.2005
  - demandas zapatistas ¡alimentación! - 27.05.2005
  - demandas zapatistas ¡salud! - 03.06.2005
  - demandas zapatistas ¡educación! - 10.06.2005
  - demandas zapatistas ¡democracia! - 17.06.2005

## ANEXOS

### **Primeira Declaração da Selva Lacandona.**

Ao povo do México.

Somos produto de 500 anos de luta: primeiro contra a escravidão, na guerra de independência contra a Espanha encabeçada pelos insurgentes; depois para não sermos absorvidos pelo expansionismo norte-americano; em seguida, para promulgar a nossa Constituição e expulsar o Império francês do nosso solo. A ditadura Porfirista nos negou a justa aplicação das leis da Reforma e o povo se rebelou criando seus próprios líderes; foi assim que surgiram Villa e Zapata, homens pobres como nós, aos quais também se negou um mínimo de instrução, para que, como nós, fossem utilizados como bucha de canhão e deixassem o poderoso saquear as riquezas de nossa pátria, sem se importar com o fato de estarmos morrendo de fome e doenças curáveis, de não termos nada, absolutamente nada, sem um teto digno, sem terra, sem trabalho, sem saúde, sem alimentação, sem educação, sem ter direito a eleger livre e democraticamente nossas autoridades, sem independência dos estrangeiros, sem paz e sem justiça para nós e para os nossos filhos.

Porém, nós hoje dizemos: BASTA! Somos os herdeiros dos que realmente forjaram a nossa nacionalidade, somos milhões de despossuídos e convocamos todos os nossos irmãos a aderir a este chamado como o único caminho para não morreremos de fome ante a ambição insaciável de uma ditadura de mais de setenta anos, encabeçada por uma camarilha de traidores que representam os grupos mais conservadores e que estão dispostos a vender a pátria. São os mesmos que se opuseram a Hidalgo e Morelos, os que traíram Vicente Guerrero, são os mesmos que venderam mais da metade do nosso solo ao invasor estrangeiro, são os mesmos que trouxeram um príncipe estrangeiro para nos governar, são os mesmos que sustentaram a ditadura porfirista, que não se opuseram à expropriação do petróleo, são os mesmos que massacraram os trabalhadores das ferrovias em 1958 e os estudantes em 1968, são os mesmos que hoje nos tiram tudo, absolutamente tudo.

Para evitar tudo isso, e como nossa última esperança depois de ter feito todas as tentativas para pôr em prática a legalidade baseada na nossa Carta Magna, recorreremos a ela, nossa Constituição, para aplicar o Artigo 39, que diz:

*"A soberania nacional reside essencial e originalmente no povo. Todo poder público emana do povo e se institui em benefício dele. Em qualquer tempo, o povo tem o inalienável direito de alterar ou modificar a forma de seu governo".*

Portanto, de acordo com nossa Constituição, emitimos a presente *declaração de guerra* ao exército federal que hoje tem Carlos Salinas de Gortari como chefe máximo e ilegítimo.

Em conformidade com esta declaração de guerra, pedimos aos outros poderes da Nação que restaurem a legalidade e a estabilidade da Nação, depondo o ditador.

Também pedimos aos organismos internacionais e à Cruz Vermelha Internacional que vigiem e regulem os combates que nossas forças vão travar, protegendo a população civil, pois desde já declaramos que nos sujeitaremos sempre ao que foi estipulado pelas Leis sobre a Guerra da Convenção de Genebra, constituindo o EZLN como força beligerante de nossa luta de libertação. O povo mexicano está do nosso lado, temos Pátria e a bandeira tricolor é amada e respeitada pelos combatentes insurgentes; em nossos uniformes utilizamos as cores vermelha e preta, símbolo do povo trabalhador em suas lutas e greves; nossa bandeira leva as letras EZLN, de Exército Zapatista de Libertação Nacional, e ela nos acompanhará em todos os combates.

Rechaçamos de antemão qualquer intento de desvirtuar a justa causa de nossa luta, acusando-a de narcotráfico, narcoguerrilha, banditismo ou outro nome que possa vir a ser usado por nossos inimigos. Nossa luta se apega ao direito constitucional e é motivada pela justiça e pela igualdade.

Portanto, conforme esta declaração de guerra, damos às forças militares do EZLN as ordens que seguem:

Primeiro: Avançar em direção à capital do país vencendo o exército mexicano, protegendo a população civil em seu avanço libertador e permitindo aos povos libertados eleger, livre e democraticamente, suas próprias autoridades administrativas.

Segundo: Respeitar a vida dos prisioneiros e entregar os feridos à Cruz Vermelha Internacional.

Terceiro: Iniciar julgamentos sumários de soldados do exército federal mexicano e da polícia política que tenham recebido cursos e que tenham sido assessorados, treinados ou pagos por estrangeiros, seja dentro da nossa nação seja fora dela, acusados de traição à Pátria, e de todos aqueles que roubem ou atentem contra os bens do povo.

Quarto: Formar novas fileiras com todos aqueles mexicanos que manifestem somar-se à nossa justa luta, incluídos aqueles que, sendo soldados inimigos, se entreguem às nossas forças sem combater e jurem responder às ordens deste Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Quinto: Pedir a rendição incondicional dos quartéis inimigos antes de travar os combates.

Sexto: Suspender o saque de nossas riquezas naturais nos lugares controlados pelo EZLN.

Povo do México: Nós, homens e mulheres íntegros e livres, estamos conscientes de que a guerra que declaramos é uma medida extrema, porém justa. Há muitos anos os ditadores estão aplicando uma guerra genocida não declarada contra nossos povos. Por isso, pedimos sua participação decidida, apoiando este plano do povo mexicano que luta por trabalho,

terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz. Declaramos a intenção de não deixarmos de lutar até conseguirmos o cumprimento destas demandas básicas, formando um governo livre e democrático em nosso país.

Integre-se às forças insurgentes do Exército Zapatista de Libertação Nacional.

Comando Geral do EZLN - 1º de janeiro de 1994.

## Segunda Declaração da Selva Lacandona

Hoje dizemos: não vamos nos render!

*"... não são somente os que carregam espadas que gotejam sangue e soltam raios fugazes de glória militar os escolhidos para nomear os governantes de um povo que quer democratizar-se; os cidadãos que lutaram através da imprensa e da tribuna, que se identificaram com as idéias da Revolução e combateram o despotismo que permeia as nossas leis, também tem este direito; não é possível aniquilar as tiranias apenas disparando projéteis em campo de batalha; é também lançando idéias, frases de liberdade e anátemas terríveis contra os carrascos do povo que se derrubam as ditaduras e se fazem desabar os impérios (...) e se estes acontecimentos históricos nos demonstram que a destruição de toda tirania, que a derrubada de todo mau governo é obra da união da idéia com a espada, é um absurdo, é uma aberração, é um despotismo sem tamanho querer segregar os elementos sadios que tem o direito de eleger o governo, porque a soberania de um povo é dada por todos os elementos sadios que tem consciência plena, que são conscientes dos seus direitos, sejam eles civis ou armados por força das circunstâncias, mas todos amam a liberdade, a justiça e trabalham para o bem da pátria".*

Emiliano Zapata na voz de Paulino Martinez, delegado zapatista na Soberana Convenção Revolucionária, Aguascalientes, México, 27 de outubro de 1914.

Ao povo do México

Aos povos e governos do mundo:

Irmãos:

O Exército Zapatista de Libertação Nacional, em pé de guerra contra o mau governo desde 1º de janeiro de 1994, se dirige a vocês para dar a conhecer o seu pensamento.

I. Irmãos mexicanos:

Em dezembro de 1993 dizemos: Basta! No dia 1º de janeiro de 1994, chamamos os poderes legislativo e judiciário a assumir a sua responsabilidade constitucional para impedir a política genocida que o poder Executivo Federal impõe ao nosso povo, e fundamentamos o nosso direito constitucional ao aplicar o Artigo 39 da Constituição Política dos Estados Unidos do México: *"A soberania nacional reside essencialmente e originariamente no povo. Todo poder público emana do povo e se institui a benefício deste. Em qualquer momento, o povo tem o direito inalienável de alterar ou modificar a forma do seu governo".*

A este apelo respondeu-se com a política de extermínio e a mentira. Os poderes da união ignoraram nossa justa demanda e permitiram o massacre. Mas este pesadelo durou apenas 12 dias, pois outra força bem superior a qualquer político ou militar se impôs às partes em conflito. A Sociedade Civil assumiu o dever de preservar a nossa Pátria, desaprovou o massacre e obrigou as partes a dialogarem; todos compreendemos que os dias do partido que se eterniza no poder, aquele que usa em proveito próprio o fruto do trabalho de todos os mexicanos, devem chegar ao fim; que o sistema presidencialista, que lhe dá sustentação, impede que haja liberdade e, por isso, não devemos permitir que continue, que a cultura da fraude é o método pelo qual se impõe e impede que haja democracia, que a justiça existe apenas para os poderosos corruptos, que devemos fazer com que quem manda mande obedecendo, e não há outro caminho a não ser esse.

Isso foi compreendido por todos os mexicanos honestos e de boa fé, pela Sociedade Civil, e somente se opuseram aqueles que alicerçaram o próprio sucesso no saque dos cofres públicos, aqueles que, prostituindo a justiça, protegem traficantes, assassinos, ou aqueles que recorrem ao assassinato político e à fraude eleitoral para se impor. Somente estes fósseis da política planejam novamente dar marcha ré na história do México e apagar da consciência nacional o grito que o país inteiro assumiu a partir de 1º de janeiro de 1994: BASTA!

Não permitiremos que isso aconteça. Hoje não apelamos aos falidos poderes da União que não souberam cumprir com o seu dever constitucional e permitiram que o executivo federal os controlasse. Se esta legislatura e os magistrados não demonstraram dignidade, outros virão e talvez serão capazes de entender que devem servir a seu povo e não a um indivíduo. O nosso apelo transcende os seis anos de um mandato ou a eleição que se aproxima. É na Sociedade Civil que está a nossa soberania, é o povo que, a qualquer momento, pode alterar ou modificar a nossa forma de governo e o povo já assumiu esta tarefa. É a este povo que lançamos um apelo nesta Segunda Declaração da Selva Lacandona, dizendo:

Primeiro. Ao realizar ações bélicas temos cumprido à risca as convenções internacionais sobre a guerra: isso nos obteve junto a representantes da nação e de países estrangeiros o reconhecimento tácito do EZLN como força beligerante. Continuaremos cumprindo quanto é determinado por estas convenções.

Segundo. Ordenamos a todas as nossas forças regulares e irregulares, em todo o território nacional e no exterior, que prorroguem unilateralmente o cessar-fogo ostensivo. Respeitaremos o cessar-fogo para permitir à Sociedade Civil que se organize nas formas que considera apropriadas para realizar a transição para a democracia em nosso país.

Terceiro. Condenamos a ameaça que paira sobre a Sociedade Civil em função da militarização do país que, às vésperas das eleições federais, se faz presente com pessoas e modernos equipamentos repressivos. Não resta dúvida que o governo de Salinas pretende impor-se através da cultura da fraude. Não o permitiremos.

Quarto. Propomos a todos os partidos políticos independentes que, de imediato, reconheçam o Estado de intimidação e privação dos direitos políticos que o nosso povo

sofreu nos últimos 25 anos e declarem publicamente que assumem um governo de transição política rumo à democracia.

Quinto. Rechaçamos a manipulação e as tentativas de separar nossas justas demandas das do povo mexicano. Somos mexicanos e não abriremos mão nem de nossas demandas, nem de nossas armas até que se estabeleçam a Democracia, a Liberdade e a Justiça para todos.

Sexto. Reiteramos a nossa disposição a uma solução política para a democracia no México. Convocamos a Sociedade Civil a retomar o papel de protagonista que desempenhou quando deteve a fase militar da guerra organizando-se para conduzir o esforço pacífico rumo à democracia, à liberdade e à justiça. A mudança democrática é a única alternativa à guerra.

Sétimo. Convocamos os elementos honestos da Sociedade Civil a um Diálogo Nacional pela Democracia, Liberdade e Justiça para todos os mexicanos.

Por isso dizemos:

## II. Irmãos,

Iniciada a guerra em janeiro de 1994, o grito organizado do povo mexicano deteve o enfrentamento e chamou ao diálogo as partes em conflito. Às justas demandas do EZLN, o governo federal respondeu com uma série de ofertas que não tocavam o ponto essencial do problema: a falta de justiça, de liberdade e de democracia em solo mexicano. O limite do cumprimento das ofertas do governo federal às demandas do EZLN é o mesmo que marca o sistema político do partido no poder. Este sistema é aquele que faz com que nas regiões agrícolas do México subsista e se sobreponha ao poder constitucional um outro poder cujas raízes possibilitam a perpetuação do PRI no governo da nação. É este sistema de cumplicidade que torna possível a existência e os ataques dos jagunços, o poder onipotente dos criadores de gado e dos comerciantes, a penetração do narcotráfico ... A simples apresentação dos compromissos para uma Paz Digna em Chiapas provocou uma grande agitação e uma luta aberta por parte destes setores. O sistema político de partido único trata de manobrar neste estreito horizonte que sua própria existência lhe impõe: não pode deixar de atingir estes setores sem atentar contra si mesmo, e não pode deixar as coisas como estão sem aumentar a beligerância dos camponeses e dos indígenas. Resumindo: o cumprimento dos compromissos implica, necessariamente, na morte do sistema de partido de Estado. Por suicídio ou por fuzilamento, a morte do atual sistema político mexicano é a condição necessária, ainda que não suficiente, para a transição rumo à democracia em nosso país. O caso de Chiapas não tem solução se não se resolve o problema do México.

O EZLN entende que a pobreza mexicana não se explica pela falta de recursos. Além disso, a sua contribuição fundamental é entender e deixar claro que qualquer esforço, numa determinada direção ou em todas, contribuirá apenas para adiar a solução do problema se ele não ocorrer no interior de um novo marco de relações políticas nacionais, regionais e locais: um marco de democracia, liberdade e justiça. O problema do poder não é saber quem será o titular do cargo e sim quem o exerce. Se o poder é exercido pela maioria, os partidos políticos se verão obrigados a confrontar-se com esta maioria e não entre si.

O fato de recolocar o problema do poder neste marco de democracia, liberdade e justiça, obrigará a uma nova cultura política no interior dos partidos. Deverá nascer uma nova classe de políticos e, não duvidem, nascerão partidos políticos de novo tipo.

Não estamos propondo um mundo novo, mas apenas algo muito anterior a isso: a ante-sala de um novo México. Neste sentido, esta revolução não se concluirá numa nova classe, fração de classe ou grupo no poder, e sim num "espaço" livre e democrático de luta política. Este "espaço" livre e democrático nascerá sobre o cadáver fétido do sistema de partido de Estado e do presidencialismo. Nascerá uma nova relação política. Uma nova política cuja base não seja o embate entre organizações políticas e sim o embate de suas propostas políticas com as diferentes classes sociais, pois o exercício da titularidade do poder político dependerá do seu apoio real. Dentro desta nova relação política, as diferentes propostas de rumo e de sistema (socialismo, capitalismo, social democracia, liberalismo, democracia cristã, etc.) deverão convencer a maioria da Nação de que sua proposta é a melhor para o país. Mas, isso não é tudo. Elas também serão "vigiadas" por este país que estão governando de forma tal que, ao serem obrigadas a fazer com regularidade uma prestação de contas, se submeterão ao veredicto da Nação no que diz respeito à sua permanência na titularidade do poder ou à revogação do seu mandato. O plebiscito é a forma que permite realizar a confrontação Poder x Partido Político x Nação e merece um lugar de destaque na lei máxima do país. A legislação mexicana é demasiado estreita para estas novas relações políticas entre governantes e governados. Faz-se necessária uma Convenção Democrática Nacional da qual emane um governo provisório ou de transição, seja através da renúncia do Executivo Federal ou através da via eleitoral.

Convenção Democrática Nacional e Governo de Transição devem desembocar numa nova Constituição sob cujas regras serão convocadas novas eleições. A dor que este processo provocará ao país será sempre menor do prejuízo que pode ser produzido por uma guerra civil. A profecia do sudeste vale para todo o país, podemos aprender do que já ocorreu e tornar menos doloroso o parto do novo México.

O EZLN tem uma concepção de sistema e de rumo para o país. A maturidade política do EZLN, sua maioria como representante do sentimento de uma parte da Nação, está no fato de que ele não quer impor ao país esta concepção. O EZLN reivindica o que já é evidente para ele mesmo: a maioria do México e o direito de decidir, livre e democraticamente, o rumo a ser seguido. Desta histórica ante-sala não sairá apenas um México mais justo e melhor, como também um novo México. Nisto apostamos a vida, aos mexicanos de amanhã queremos deixar em herança um país no qual viver não seja uma afronta ...

O EZLN, num exercício de democracia sem precedentes no interior de uma organização armada, consultou seus membros para saber se assinaria ou não a proposta dos acordos de paz do governo federal. Vendo que não havia sido resolvida a questão central da democracia, da liberdade e da justiça para todos, as bases do EZLN, indígenas em sua maioria, decidiram rechaçar a assinatura da proposta governamental.

Cercados pelo exército e sofrendo pressões vindas de várias frentes que ameaçavam nos exterminar caso não assinássemos a paz, nos zapatistas reafirmamos a nossa decisão de



alcançarmos uma paz com justiça e dignidade e nisso empenhamos nossa vida e nossa morte. Outra vez, manifesta-se em nós a história de luta digna dos nossos antepassados. O grito de dignidade do insurgente Vicente Guerrero, "Viver pela Pátria ou morrer pela liberdade" volta a ecoar através de nossas gargantas. Não podemos aceitar uma paz sem dignidade.

Abrimos nosso caminho de fogo perante a impossibilidade de lutar pacificamente pelos direitos elementares do ser humano. O mais precioso deles é o direito de decidir, com liberdade e democracia, a forma de governo. Agora, é novamente colocada à prova a possibilidade de uma transição pacífica para a democracia e a liberdade: o processo eleitoral de agosto de 1994. Tem aqueles que apostam no período pós-eleitoral pregando a apatia e a desilusão a partir do seu imobilismo. Estes pretendem se beneficiar do sangue dos que vão cair em todas as frentes de batalha, violentas e pacíficas, na cidade e no campo. Fundamentam o seu projeto político no conflito que virá depois das eleições e, sem fazer nada, esperam que a desmobilização política abra novamente a gigantesca porta da guerra. Dizem que serão eles a salvar o país.

Outros apostam na retomada do conflito armado antes das eleições para, aproveitando a ingovernabilidade, perpetuar-se no poder. Assim como ontem usurparam a vontade popular com a fraude eleitoral, hoje e amanhã, no rio agitado da guerra civil pré-eleitoral, pretendem ampliar a agonia de uma ditadura que já dura há décadas, mascarada de partido de Estado. Outros grupos, em suas estéreis visões apocalípticas, percebem que a guerra é inevitável e, por isso, sentam e esperam para ver passar diante de si o cadáver do seu inimigo ... ou do amigo. O sectário acha, erroneamente, que basta apertar os gatilhos dos fuzis para criar o amanhecer que o nosso povo espera desde que a noite se fechou sobre o território mexicano com as mortes de Villa e Zapata.

Todos estes ladrões da esperança supõem que por trás de nossa armas esconde-se a ambição e o estrelismo e que isso irá conduzir nossos passos no futuro. Estão enganados. Atrás de nossas armas de fogo estão outras armas, as armas da razão. E ambas são animadas pela esperança. Não permitiremos que eles a roubem de nós.

A esperança de gatilho teve o seu lugar no início do ano. Agora é preciso que espere. É necessário que a esperança que passeia pelas grandes mobilizações volte a assumir o lugar de protagonista que lhe cabe por direito e razão. Agora a bandeira está nas mãos dos que tem nome e rosto, de pessoas boas e honestas que percorrem caminhos que não são os nossos, mas cuja meta é a mesma que nossos passos anseiam. Nossa saudação e esperança é de que eles levem esta bandeira onde ela deveria estar. Nós esperaremos, de pé e com dignidade. Se a bandeira cair, nós saberemos como levantá-la outra vez ...

Que a esperança se organize, que comece a caminhar pelos vales e pelas cidades como ontem andou pelas montanhas. Combatam com suas armas, não se preocupem conosco. Saberemos resistir até o fim. Saberemos esperar ... e saberemos voltar atrás se de novo se fecharem as portas que impedem à dignidade de caminhar.

Por isso, nos dirigimos aos nossos irmãos das organizações não governamentais, das organizações não camponesas e indígenas, trabalhadores do campo e da cidade, professores

e estudantes, donas de casa e colonos, artistas e intelectuais, membros dos partidos independentes, mexicanos: os chamamos para um diálogo nacional sobre o tema da Democracia, Liberdade e Justiça. Por isso, estamos lançando este convite para a realização de uma Convenção Nacional Democrática.

Nós, o Exército Zapatista de Libertação Nacional, em luta para conquistar a democracia, a liberdade e a justiça que a nossa pátria merece, e considerando:

Primeiro. Que o supremo governo usurpou também a legalidade que nos foi deixada em herança pelos heróis da Revolução Mexicana.

Segundo: Que a Constituição que rege o país já não representa a vontade popular dos mexicanos.

Terceiro. Que não é suficiente o afastamento do usurpador do Executivo Federal e que é necessária uma nova lei para a nossa nova pátria que nascerá das lutas de todos os mexicanos honestos.

Quarto. Que são necessárias todas as formas de luta para viabilizar a transição para a democracia no México.

Convocamos a realização de uma Convenção Democrática Nacional, soberana e revolucionária, da qual saiam as propostas de um governo de transição e uma nova lei nacional, uma nova constituição que garanta o cumprimento legal da vontade popular.

O objetivo fundamental da Convenção Nacional Democrática é organizar a expressão civil e a defesa da vontade popular.

A soberana convenção revolucionária será nacional na medida em que sua composição e representação deverá incluir todos os Estados da federação, será plural no sentido de que as forças da nação poderão estar representadas, democrática na maneira de tomar as decisões, recorrendo à consulta nacional.

A convenção será presidida, livre e voluntariamente, por civis, personalidades públicas de importância social reconhecida, sem que para isso seja levada em consideração sua filiação política, raça, religião, sexo ou idade.

A convenção será formada por civis de comitês locais, regionais e estatais nos *ejidos*, colônias, escolas e fábricas. Estes comitês se encarregarão de recolher as propostas populares para a nova constituição e as demandas a serem atendidas pelo novo governo que dela nascerá.

A convenção deve exigir a realização de eleições livres e democráticas e lutar incansavelmente para que a vontade popular seja respeitada.

O Exército Zapatista de Libertação Nacional reconhecerá a Convenção Nacional Democrática como autêntico representante dos interesses do povo mexicano em sua transição para a democracia.

O EZLN está presente em todo o território nacional e já tem condições de apresentar-se ao povo do México como exército capaz de garantir o cumprimento da vontade popular.

O EZLN oferece como sede da Convenção Nacional Democrática um povoado zapatista e todos os recursos que nele se encontram.

A data e o lugar da primeira seção da Convenção Nacional Democrática serão dados a conhecer no tempo oportuno.

### III. Irmãos mexicanos:

Nossa luta continua. A bandeira zapatista continua hasteada nas montanhas do sudeste mexicano e hoje dizemos: não nos renderemos! Diante da montanha falamos com nossos mortos para que a sua palavra nos trouxesse o bom caminho que o nosso rosto encapuzado deve percorrer. Rufaram os tambores e na voz da terra falaram a nossa dor e a nossa história.

"Para todos, tudo" - dizem os nossos mortos. Enquanto não for assim, não haverá nada para nós.

Falem a palavra dos outros mexicanos, toquem o coração daqueles pelos quais lutamos. Convidei-os a caminhar os passos dignos daqueles que não tem rosto. Chamem todos para a resistência, que ninguém receba nada dos que mandam mandando. Façam do não vender-se aos poderosos uma bandeira comum para todos. Peçam que não mandem apenas uma palavra de consolo para a nossa dor. Peçam que a partilhem, peçam a eles que se juntem a vocês para organizar a resistência, que rechacem todas as esmoladas que vem da mão do poderoso. Que hoje todas as pessoas boas destas terras organizem a dignidade que resiste e não se vende, que amanhã esta dignidade se organize para exigir que a palavra que anda no coração das maiorias tenha a verdade e o respeito dos que governam, que se imponha o bom caminho pelo qual quem manda, manda obedecendo.

Não se rendam! Resistam. Não falem à honra da palavra verdadeira. Resistam com dignidade nas terras dos homens e mulheres verdadeiros, que as montanhas abriguem a dor dos homens de milho! Não se rendam! Resistam! Não se rendam! Resistam!

Assim falou a palavra do coração dos nossos mortos de sempre. Vimos que a palavra dos nossos mortos é boa, vimos que há verdade e dignidade em seu conselho. Por isso, convocamos todos os nossos irmãos indígenas mexicanos a resistirem conosco. Chamamos a resistirem conosco todos os camponeses, os operários, os empregados, os colonos, as donas de casa, os estudantes, os professores, e todos aqueles que fazem do pensamento e da palavra a sua própria vida. A todos os que tem dignidade e vergonha, os chamamos todos a resistirem conosco, pois o mau governo não quer que haja democracia em nossos

territórios. Não aceitaremos nada que venha do coração podre do mau governo, nem uma única moeda, nem um remédio, uma pedra, um grão de alimento, nem uma migalha das esmolas que ele oferece em troca do nosso digno caminhar.

Não receberemos nada do supremo governo. Ainda que aumentem a nossa dor e o nosso sofrimento; ainda que a morte continue sentada à nossa mesa, na nossa terra, sobre nossas camas; ainda que vejamos outros se venderem à mão que os oprime; ainda que tudo seja dor; ainda que choremos de aflição no meio das pedras, não aceitaremos nada. Resistiremos. Não receberemos nada do governo. Resistiremos até que aquele que manda, mande obedecendo.

Irmãos: não se vendam. Resistam conosco. Não se rendam. Resistam conosco. Irmãos, repitam conosco estas palavras: "Não nos rendemos! Resistiremos!" Que elas sejam ouvidas não apenas entre as montanhas do sudeste mexicano, que sejam ouvidas ao norte e nas penínsulas, na costa leste e oeste, no centro, que de entre os vales e as montanhas se tornem um grito que ecoa na cidade e no campo. Unam sua voz à nossa voz, gritem conosco, façam sua a nossa voz: Não nos rendemos! Resistimos!

Que a dignidade quebre o cerco com o qual as mãos sujas do mau governo nos asfixiam. Todos estamos cercados, eles não deixam entrar nas terras mexicanas a democracia, a liberdade e a justiça. Irmãos: todos estamos cercados. Não vamos nos render! Vamos resistir! Sejam dignos! Não vamos nos vender.

De que servirão ao poderoso suas riquezas se ele não pode mais comprar o que tem de mais preciosos na nossa terra? Se a dignidade dos mexicanos não tem preço, pra que serve o poder do poderoso?

A dignidade não se rende! A dignidade resiste!

Democracia!

Liberdade!

Justiça!

Da montanhas do sudeste mexicano, CCRI-CG do EZLN - 12 de junho de 1994.

### Terceira Declaração da Selva Lacandona

Há um ano do levante zapatista, hoje dizemos:

*"A pátria vive! É nossa! Temos sido desafortunados, é verdade; muitas vezes a sorte tem sido adversa, mas, a causa do México, que é a causa do direito e da justiça, não sucumbiu, não morreu e não morrerá porque ainda existem mexicanos comprometidos em cujos corações arde o fogo sagrado do patriotismo e, seja onde for que se encontrem empunhando as armas e o estandarte da nação, tanto lá como aqui, será vivo e enérgico o protesto do direito contra a força.*

*Que fique bem claro para o homem incauto que aceitou a triste missão de servir de instrumento para escravizar um povo livre: o seu trono vacilante não repousa sobre a livre vontade da nação e sim sobre o sangue e os cadáveres de milhares de mexicanos que foram sacrificados sem razão ou apenas porque defendiam a sua liberdade e os seus direitos.*

*Mexicanos: vocês que tem a infelicidade de viver sob o domínio da usurpação, não vos resignais a suportar o jugo do opróbrio que pesa sobre vocês. Não vos deixeis enganar pelas pérfidas insinuações dos que defendem os fatos consumados, porque eles são, e sempre foram, partidários do despotismo. A existência de um poder arbitrário é uma violação permanente do direito e da justiça que nem o tempo, nem as armas, jamais podem justificar, e que é preciso destruir para a dignidade do México e da humanidade."*

"Manifesto: de pé e decididos como no primeiro dia."

Benito Juarez, Chihuahua, janeiro de 1995.

Ao povo mexicano

Aos povos e governos do mundo

Irmãos:

No dia 1º de janeiro de 1994 levamos ao conhecimento de todos a Primeira Declaração da Selva Lacandona. No dia 10 de junho, lançamos a Segunda Declaração da Selva Lacandona. Tanto uma como outra, foram alimentadas pelo afã da luta por democracia, liberdade e justiça para todos os mexicanos.

Na primeira convocávamos o povo mexicano a levantar-se em armas contra o mau governo, principal obstáculo para transição rumo à democracia em nosso país. Na segunda, através

da Convenção Nacional Democrática, chamamos os mexicanos a um esforço civil e pacífico para alcançarmos as profundas mudanças que o país precisa.

Enquanto o supremo governo mostrava toda sua falsidade e soberba, nós, entre uma e outra declaração, nos esforçamos para mostrar ao povo mexicano a nossa sustentação social, a justiça de nossas demandas e a dignidade que anima a nossa luta. Naquela ocasião, nossos fuzis se calavam e abriam espaço para que a luta legal mostrasse suas possibilidades ... e seus limites. A partir da segunda Declaração da Selva Lacandona, o EZLN buscou evitar, por todos os meios, a retomada das hostilidades e procurou uma saída política, digna e justa, para que fossem atendidas as demandas formuladas nos 11 pontos do nosso programa de lutas: moradia, terra, trabalho, alimentação, saúde, educação, justiça, independência, liberdade, democracia e paz.

Para amplos setores da nossa sociedade, o processo pré-eleitoral de agosto de 1994 trouxe a esperança de que era possível a transição para a democracia pela via eleitoral. Sabendo que, nas condições atuais, as eleições não são o caminho da mudança democrática, o EZLN mandou obedecendo ao colocar-se de lado para dar a oportunidade de lutar às forças políticas legais de oposição. Na ocasião, o EZLN empenhou a sua palavra e seus esforços na busca de uma transição pacífica para a democracia. Através da Convenção Nacional Democrática, o EZLN conclamou a um esforço civil e pacífico que, sem opor-se à via eleitoral, não se esgotava nela e buscava novas formas de luta que incorporassem um maior número de entidades democráticas do México e tecessem relações com os movimentos pela democracia de outras partes do mundo. O dia 21 de agosto colocou um ponto final nas ilusões de uma mudança imediata pela via pacífica. Um processo eleitoral viciado, imoral, ilegítimo e realizado com o único objetivo de manter inalterada a situação atual, fez com que a boa vontade dos cidadãos fosse trapaceada. Em todos os lugares e em todos os níveis, o sistema de partido de Estado reafirmou a sua vocação antidemocrática e impus a sua soberba vontade. Diante de uma votação sem precedentes, o sistema político mexicano optou pela imposição e, dessa forma, acabou com as esperanças pela via eleitoral. Informes da Convenção Nacional Democrática, da Aliança Cívica e da Comissão para a Verdade trouxeram à luz aquilo que, com vergonhosa cumplicidade, estava sendo ocultado pelos meios de comunicação: uma fraude gigantesca. As múltiplas irregularidades, a iniquidade, a corrupção, a chantagem, a intimidação, o roubo e a falsificação marcaram estas que, sem dúvida, foram as eleições mais sujas da história do México. O grande número de abstenções nos pleitos para os governos dos Estados de Veracruz, Tlaxcala e Tabasco demonstram que, no México, voltou a reinar o ceticismo civil. Mas, não contente com isso, o sistema de partido de Estado voltou a repetir a fraude de agosto impondo governadores, prefeitos e representantes para a Assembléia Legislativa e a Câmara Municipal. Como no final do século XIX, quando os traidores realizaram suas "eleições" para avalizar a intervenção francesa, hoje diz-se que a nação aprova com prazer a continuidade da imposição e do autoritarismo. O processo eleitoral de agosto de 1994 é um crime de Estado. E é como criminosos que devem ser julgados os responsáveis desta farsa.

Por outro lado, o gradualismo e as vacilações se fazem presentes nas fileiras da oposição que aceita a visão pela qual uma grande fraude dilui-se numa multiplicidade de pequenas "irregularidades". Novamente aparece o velho dilema sobre a luta por democracia no

México: aceitarmos prolongar a agonia apostando numa transição "sem dor", ou darmos o tiro de misericórdia cujo brilho venha a iluminar o caminho da democracia.

A situação chiapaneca é apenas uma das conseqüências do sistema político. Fazendo pouco caso dos anseios do povo de Chiapas, o governo repetiu a dose de imposição e prepotência.

Mesmo enfrentando uma ampla manifestação de repúdio, o sistema de partido de Estado optou por divulgar fartamente a mentira do seu triunfo e exacerbar os conflitos. O governo é o responsável pela atual polarização no cenário do sudeste mexicano e demonstra a sua incapacidade de solucionar com profundidade os problemas políticos e sociais do México. É pela corrupção e a repressão que ele procura resolver um problema cuja única solução é o reconhecimento do triunfo legítimo da vontade popular chiapaneca. Até agora, o EZLN se manteve à margem das mobilizações populares apesar destas estarem enfrentando uma ampla campanha de descrédito e de repressão indiscriminada.

Esperando que a vontade do governo emitisse sinais para a busca de uma solução política, justa e digna ao conflito, o EZLN assistiu impotente às ameaças, ao assassinato e às prisões dos melhores filhos da dignidade chiapaneca; viu como seus irmãos indígenas em Guerrero, Oaxaca, Tabasco, Chihuahua e Veracruz eram reprimidos e recebiam gozações como respostas às suas demandas por melhores condições de vida.

Durante todo este período, o EZLN não só resistiu ao cerco militar, às ameaças e às intimidações das forças federais, como também enfrentou uma campanha de calúnias e mentiras. Como nos primeiros dias de 1994, fomos acusados de receber apoio militar e financeiro do exterior, tentaram nos levar a abandonar nossas bandeiras em troca de dinheiro e de cargos governamentais, tentou-se esvaziar a legitimidade da nossa luta diluindo a problemática nacional no quadro da situação indígena local.

Enquanto isso, o supremo governo preparava a solução militar para a rebeldia indígena chiapaneca e a nação afundava na falta de esperança e no desgosto. Enganada por uma suposta vontade de diálogo que servia apenas para esconder o desejo de asfixiar o movimento zapatista, o mau governo deixava passar o tempo e a morte nas comunidades indígenas de todo o país.

O Partido Revolucionário Institucional, braço político do crime organizado e do narcotráfico, continuava sua fase aguda de decomposição ao recorrer ao assassinato como método para resolver os conflitos internos. Incapaz de um diálogo civilizado, o PRI ensangüentava o território nacional. Para os mexicanos é motivo de vergonha ver que no emblema do PRI continuam sendo usurpadas as cores da bandeira nacional.

Vendo que o governo e o país voltavam a cobrir de esquecimento e desinteresse os primeiros habitantes destas terras, vendo que o cinismo e a apatia voltavam a apoderar-se dos sentimentos da Nação e que, além dos seus direitos à condições mínimas para uma vida digna, negava-se aos povos indígenas o direito de governar e governar-se de acordo com seus princípios e vontade, vendo que a morte dos nossos mortos estava se tornando inútil, vendo que não nos deixavam outro caminho, o EZLN arriscou-se a romper o cerco militar que o oprimia e foi ajudar outros irmãos indígenas que, esgotadas as vias pacíficas, estavam

sendo tragados pelo desespero e a miséria. Buscando evitar a qualquer preço o derramamento do sangue de irmãos em solo mexicano, o EZLN viu-se novamente obrigado a chamar a atenção da nação sobre as graves condições de vida dos índios mexicanos, especialmente daqueles que, supunha-se, já tivessem recebido a ajuda do governo e, sem dúvida, continuam carregando o fardo de miséria que, ano após ano, vem herdando há mais de cinco séculos. Com a ofensiva de novembro de 1994, o EZLN procurou mostrar ao México e ao mundo sua orgulhosa identidade indígena e a impossibilidade de resolver a situação local sem que ocorram profundas mudanças nas relações econômicas, políticas e sociais em todo o país.

Não haverá uma solução para a questão indígena se não houver uma transformação RADICAL do pacto federativo nacional. A única forma de incorporar os indígenas à nação, com justiça e dignidade, é reconhecendo as características próprias de sua organização social, cultural e política. As autonomias não são sinônimo de separação, e sim de integração das minorias mais humilhadas e esquecidas do México contemporâneo. Esta é a posição do EZLN desde a sua formação e é assim que as bases indígenas que constituem a direção de nossa organização tem ordenado que deve ser.

Hoje repetimos: NOSSA LUTA É NACIONAL

Nós zapatistas temos sido criticados porque estamos pedindo muito; dizem que devemos nos conformar com as esmolas que o mau governo nos oferece. Nós zapatistas estamos disposto a oferecer a única coisa que temos, a vida, para exigir democracia, liberdade e justiça para todos os mexicanos.

Hoje reafirmamos: PARA TODOS TUDO, PARA NÓS NADA!

Ao terminar, o ano de 1994 nos revelou a farsa econômica com a qual o salinismo havia enganado à nação e a comunidade internacional. A pátria do dinheiro chamou para perto de si os grandes senhores do poder e da arrogância e estes não hesitaram em trair o solo e o céu no qual lucravam com o sangue mexicano. A crise econômica acordou os mexicanos do sonho doce e embrutecedor de ingressar no primeiro mundo. O pesadelo do desemprego, da carestia e da miséria agora será bem mais agudo para a maioria dos mexicanos. Este ano que termina, 1994, acabou de revelar o verdadeiro rosto do sistema brutal que nos domina. O programa político, econômico, social e repressivo do neoliberalismo demonstrou sua ineficácia, sua falsidade e a cruel injustiça que constitui a sua essência. O neoliberalismo enquanto doutrina e realidade, desde já, deve ser atirado para o lixo da história nacional.

Irmãos:

Hoje, no bojo desta crise, é necessária a ação firme de todos os mexicanos honestos para que seja possível alcançar uma mudança real e profunda nos destinos da nação. Hoje, depois da convocação inicial a pegar as armas e, em seguida, a desenvolver a luta civil e pacífica, convocamos o povo do México a lutar POR TODOS OS MEIOS, EM TODOS OS NÍVEIS E EM QUALQUER LUGAR, pela democracia, liberdade e justiça, através desta TERCEIRA DECLARAÇÃO DA SELVA LACANDONA na qual convocamos todas as forças sociais e políticas do país, todos os mexicanos honestos, todos aqueles que lutam



pela democratização da vida nacional, a formar um MOVIMENTO PARA A LIBERTAÇÃO NACIONAL que incorpora a Convenção Nacional Democrática e todas as forças que, sem distinção de religião, raça ou ideologia política, são contrárias ao sistema de partido de Estado. Este *Movimento para a Libertação Nacional* lutará de comum acordo, por todos os meios e em todos os níveis para a instauração de um governo de transição, uma nova constituinte, uma nova constituição e pela destruição do sistema de partido de Estado. Pedimos que a Convenção Nacional Democrática e o cidadão Cuauhtémoc Cárdenas Solórzano liderem este Movimento para a Libertação Nacional, enquanto frente ampla de oposição.

CHAMAMOS OS OPERÁRIOS DA REPÚBLICA, OS TRABALHADORES DO CAMPO E DA CIDADE, OS COLONOS, OS PROFESSORES E ESTUDANTES DO MÉXICO, AS MULHERES MEXICANAS, OS POVOS DE TODO O PAÍS, OS ARTISTAS E INTELLECTUAIS HONESTOS, OS RELIGIOSOS COERENTES, OS MILITANTES DE BASE DAS DIFERENTES ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS a fazer com que, em seu meio e por todas as formas de luta que consideram possíveis e necessárias, lutem para o fim do sistema de Partido de Estado e, se não tiverem filiação partidária, se incorporem à convenção nacional democrática ou ao Movimento de Libertação Nacional, caso sejam militantes de algumas das forças políticas de oposição.

Portanto, de acordo com o espírito desta TERCEIRA DECLARAÇÃO DA SELVA LACANDONA, declaramos que:

Primeiro. Retiramos a custódia da pátria das mãos do governo federal. A bandeira do México, a lei suprema da nação, o Hino mexicano e o emblema nacional serão entregues agora aos cuidados das forças de resistência até que a legalidade, a legitimidade e a soberania sejam restauradas em todo o território nacional.

Segundo. Declaramos válida a versão original da Constituição Política dos Estados Unidos do México proclamada no dia 05 de fevereiro de 1917, incorporando a ela as leis revolucionárias de 1993, os estatutos de autonomia para as regiões indígenas e decretamos nossa adesão a ela até que se instaure uma nova constituinte e esta proclame uma nova constituição.

Terceiro. Convocamos a lutar pelo reconhecimento do "governo de transição para a democracia", aquele que as diferentes comunidades, organizações sociais e políticas virem a estabelecer por si mesmas, mantendo o acordo federal da constituição de 1917, e, sem levar em consideração religião, classe social, ideologia política, raça e sexo, se incorporem ao movimento para a libertação nacional.

O EZLN apoiará a população civil na tarefa de restaurar a legalidade, a ordem, a legitimidade e a soberania nacionais, e na luta pela formação e instauração de um governo nacional de transição para a democracia que tenha as características que seguem:

1. Que liquide o sistema de partido de Estado e tire o PRI do governo.

1. Que formule uma nova lei eleitoral para que esta garanta: transparência, credibilidade, equidade, participação cidadã não partidária e não governamental, reconhecimento de todas as forças políticas nacionais, regionais ou locais e que convoque eleições gerais em todos os níveis.
1. Que convoque uma constituinte para a criação de uma nova constituição.
1. Que reconheça as particularidades dos grupos indígenas, seus direitos a uma autonomia que não seja excludente e a sua cidadania.
1. Que oriente o programa econômico nacional para que este, deixando de lado a dissimulação e a mentira, favoreça os setores mais despossuídos do país, os operários e os camponeses, que são os principais produtores da riqueza da qual outros se apropriam.

#### IRMÃOS:

A paz virá pela mão da democracia, da liberdade e da justiça para todos os mexicanos. Os nossos passos não podem encontrar a paz justa que os nossos mortos reclamam se esta for conseguida em prejuízo da nossa dignidade mexicana. A terra não descansa e caminha em nossos corações. A enganação da qual foram vítimas os nossos mortos nos pede para lavar o seu sofrimento com a nossa luta. Resistiremos. O opróbrio e a soberba serão derrotados.

Como fez Bento Juárez diante da intervenção francesa, a pátria marcha agora do lado das forças patriotas, contra as forças antidemocráticas e autoritárias. Hoje dizemos:

A pátria vive! E é nossa!

Democracia!

Liberdade!

Justiça!

Das montanhas do sudeste mexicano,

CCRI-CG do EZLN - Janeiro de 1995.

## Quarta Declaração da Selva Lacandona

Ao povo do México

Aos povos e governos do mundo

Irmãos:

Hoje dizemos: aqui estamos. Somos a dignidade rebelde, o coração esquecido da Pátria!

A flor da palavra não morrerá. Poderá morrer o rosto oculto de quem hoje a nomeia, mas a palavra que veio desde o fundo da história e da terra já não poderá ser arrancada pela soberba do poder.

Nós nascemos da noite. Nela vivemos. Nela morreremos. Porém, a luz será manhã para os demais, para todos aqueles que hoje choram a noite, para quem o dia é negado, para quem a morte é uma dádiva, para a dor e a angústia. Para nós, a alegre rebeldia. Para nós o futuro negado, a dignidade insurrecta. Para nós, nada.

Nossa luta é para fazer-nos escutar, e o mau governo grita soberba e tapa com canhões os seus ouvidos.

Nossa luta é contra a fome, e o mau governo oferece balas e papel aos estômagos de nossos filhos.

Nossa luta é por uma moradia digna, e o mau governo destrói nossa casa e nossa história.

Nossa luta é pelo saber, e o mau governo reparte ignorância e desprezo.

Nossa luta é por terra, e o mau governo oferece cemitérios.

Nossa luta é por trabalho justo e digno, e o mau governo compra e vende corpos e vergonha.

Nossa luta é pela vida, e o mau governo oferece a morte como futuro.

Nossa luta é pelo respeito ao nosso direito de governar e nos governarmos, e o mau governo impõe à maioria a lei da minoria.

Nossa luta é por liberdade para o pensamento e o caminhar, e o mau governo impõe cárceres e túmulos.

Nossa luta é por justiça, e o mau governo está cheio de criminosos e assassinos.

Nossa luta é pela história, e o mau governo propõe o esquecimento.

Nossa luta é pela Pátria, e o mau governo sonha com a bandeira e a língua estrangeiras.

Nossa luta é pela paz, e o mau governo anuncia guerra e destruição.

Moradia, terra, trabalho, pão, saúde, educação, independência, democracia, liberdade, justiça e paz. Estas foram nossas bandeiras na madrugada de 1994. Estas foram as nossas demandas na longa noite dos 500 anos. Estas são hoje nossas exigências.

Nosso sangue e nossas palavras acenderam um pequeno fogo na montanha e o levamos rumo à casa do poder e do dinheiro. Irmãos e irmãs de outras raças e outras línguas, de outra cor e mesmo coração, protegeram a nossa luz e dela acenderam seus respectivos fogos.

O poderoso veio para nos apagar com o seu sopro poderoso, mas nossa luz cresceu em outras luzes. O rico sonha em apagar a primeira luz. É inútil, já existem muitas luzes e todas são primeiras.

O soberbo quer apagar uma rebeldia que sua ignorância situa no amanhecer de 1994. Porém, a rebeldia que hoje tem rosto moreno e língua verdadeira não nasceu agora. Antes falou com outras línguas e em outras terras. A rebeldia contra a injustiça caminhou em muitas montanhas e muitas histórias. Ela já falou em língua náhuatl, paipai, kiliwa, cúcapa, cochimi, kumiai, yuma, seri, chontal, chimanteco, pame, chichimeca, otomí, mazahua, matlazinca, ocuilteco, zapoteco, solteco, chatino, papabuco, mixteco, cuicateco, triqui, amuzgo, mazateco, chocho, izcateco, huave, tlapaneco, totonaca, tepehua, popoluca, mixe, zoque, huasteco, lacandón, maya, chol, tzeltal, tzotzil, tojolabal, mame, teco, ixil, aguacateco, motocintleco, chicomucelteco, kanjobal, jacalteco, quiché, cakchiquel, ketchi, pima, tepehuán, tarahumara, mayo, yaqui, cahíta, ópata, cora, huichol, purépecha e kikapú. Falou e fala o espanhol. A rebeldia não é coisa de língua, é coisa de dignidade e de seres humanos.

Por trabalhar nos matam, por viver nos matam. Não há lugar para nós no mundo do poder. Por lutar nos matarão, mas nós construiremos um mundo onde tenha lugar para todos e todos possam viver sem morte na palavra. Querem nos tirar a terra, para que o nosso passo não possa andar. Querem nos tirar a história, para que a nossa palavra morra no esquecimento. Não nos querem índios. Nos querem mortos.

Para os poderosos, o nosso silêncio era uma benção. Calando morríamos, sem palavra não existíamos. Lutamos para falar contra o esquecimento, contra a morte, pela memória e pela vida. Lutamos pelo medo de morrer a morte do esquecimento.

Falando em seu coração índio, a Pátria continua digna e com memória.

Irmãos:

No dia 1º de janeiro de 1995, depois de romper o cerco militar com o qual o mau governo pretendia nos render e condenar ao esquecimento, convocamos as diferentes forças políticas e cidadãos a construir uma ampla frente de oposição que unisse as vontades democráticas contra o sistema de partido de Estado: o Movimento para a Libertação Nacional. Ainda que de início este esforço de unidade oposicionista encontrasse não poucos problemas, ele se manteve vivo no pensamento dos homens e mulheres que não se conformam em ver sua Pátria entregue às decisões do poder e do dinheiro estrangeiros. Depois de trilhar um caminho cheio de dificuldades, incompreensões e retrocessos, a frente ampla de oposição está por concretizar seus primeiros planos de acordos e ação conjunta. O longo processo de amadurecimento deste esforço de organização deverá alcançar sua plenitude no ano que começa. Nós os zapatistas, saudamos o nascimento do Movimento para a Libertação Nacional e desejamos que entre os que tomam parte dele exista sempre o afã da unidade e o respeito às diferenças.

Iniciado o diálogo com o supremo governo, o EZLN se viu traído no seu compromisso de buscar uma solução política para a guerra iniciada em 1994. Fingindo disposição para o diálogo, o mau governo optou covardemente pela solução militar e, com argumentos torpes e estúpidos, desatou uma grande perseguição política e militar que tinha como objetivo supremo o assassinato da direção do EZLN. As forças armadas rebeldes do EZLN resistiram com serenidade ao golpe de dezenas de milhares de soldados que, contando com assessoria estrangeira e toda a moderna maquinaria de morte que possuem, pretendeu sufocar o grito de dignidade que saía das montanhas do sudeste mexicano. Uma retirada ordenada permitiu às forças zapatistas conservar seu poder militar, sua autoridade moral, sua força política e a razão histórica, que é a sua arma principal contra o crime vestido de governo. As grandes mobilizações da sociedade civil nacional e internacional pararam a ofensiva traidora e obrigaram o governo a insistir na via do diálogo e da negociação. Dezenas de civis inocentes foram aprisionados pelo mau governo e ainda permanecem presos, na qualidade de reféns dos terroristas que nos governam. As forças federais não tiveram vitória militar maior que a destruição de uma biblioteca, de um salão para eventos culturais, uma pista de baile e o saque dos poucos pertences dos indígenas da Selva Lacandona. A tentativa de realizar um assassinato foi coberta pela mentira governamental, com a máscara da "recuperação da soberania nacional".

Esquecendo o Artigo 39 da Constituição que jurou cumprir no dia 1º de dezembro de 1994, o supremo governo reduziu o Exército Federal Mexicano à categoria de exército de ocupação, atribuindo-lhe a tarefa de salvaguardar o crime organizado que se veste de governo.

Entretanto, a verdadeira perda da soberania nacional concretizava-se nos pactos secretos e públicos do gabinete econômico com os donos do dinheiro e os governos estrangeiros. Hoje, enquanto dezenas de milhares de soldados federais agridem e fustigam um povo armado de fuzis de madeira e palavra digna, os altos governantes acabam de vender a riqueza da grande nação mexicana e de destruir o pouco que ainda se mantém de pé.

Iniciado há pouco tempo o diálogo ao qual havia sido obrigada pela sociedade civil nacional e internacional, a delegação parlamentar teve oportunidade de mostrar claramente suas verdadeiras intenções na negociação de paz. Os novos conquistadores dos indígenas, que encabeçam a equipe negociadora do governo, se distinguem por uma atitude prepotente, soberba, racista e humilhadora, que levou ao fracasso várias reuniões do Diálogo de San Andrés. Apostando no cansaço e no desgaste dos zapatistas, a delegação governamental pôs todo o seu empenho em conseguir a ruptura do diálogo, confiante de que desta forma teria argumentos para recorrer à força e, assim, conseguir alcançar o que lhe era impossível pela razão.

Vendo que o governo recusava um enfoque sério do conflito nacional representado pela guerra, o EZLN tomou uma iniciativa de paz que destravaria o diálogo e a negociação. Convocando a sociedade civil a um diálogo nacional e internacional em busca de uma nova paz, o EZLN realizou a Consulta pela Paz e a Democracia, para ouvir o pensamento nacional e internacional sobre suas demandas e seu futuro.

Com a participação entusiasmada dos membros da Convenção Democrática Nacional, de milhares de cidadãos sem organização porém com desejos democráticos, a mobilização dos comitês de solidariedade internacionais e os grupos de jovens, e a irrepreensível ajuda dos irmãos e irmãs da Aliança Cívica Nacional, durante os meses de agosto e setembro de 1995 levou-se a cabo um exercício cidadão que não tem precedentes na história mundial: uma sociedade civil e pacífica dialogando com um grupo armado e clandestino. Foram realizados mais de um milhão e trezentos mil diálogos para tornar verdadeiro este encontro de vontades democráticas. Como resultado da consulta, a legitimidade das demandas zapatistas foi ratificada, deu-se um novo impulso à ampla frente opositora que encontrava-se estancada e expressou-se claramente o desejo de ver os zapatistas participando da vida política do país. A grande participação da sociedade civil internacional chamou a atenção sobre a necessidade de construir os espaços de encontro entre as vontades de mudança democrática que existem nos diferentes países. O EZLN levou a sério os resultados deste diálogo nacional e internacional e iniciou os trabalhos políticos e organizativos para caminhar de acordo com estes sinais.

Três novas iniciativas foram lançadas pelos zapatistas, como resposta ao êxito da Consulta pela Paz e pela Democracia. Uma iniciativa de âmbito internacional: convocamos um encontro intercontinental contra o neoliberalismo. Duas iniciativas são de caráter nacional: a formação de comitês civis de diálogo, como base para a discussão dos principais problemas nacionais e embrião de uma nova força política não partidária; e a construção de novos *Aguascalientes*, como lugares de encontro entre a sociedade civil e o zapatismo.

Três meses depois destas três iniciativas, está por concretizar-se a convocatória para o encontro intercontinental pela humanidade e contra o neoliberalismo. Mais de 200 comitês civis de diálogo se formaram em toda a República Mexicana e, no dia de hoje, inauguramos 5 novos *Aguascalientes*: um na comunidade de La Garrucha, outro em Oventik, um em Morelia, outro em La Realidad e o último e primeiro, no coração de todos os homens e mulheres honestos que existem no mundo.

Em meio a ameaças e penúrias, as comunidades indígenas zapatistas e a sociedade civil lograram levantar estes centros de resistência civil e pacífica onde será resguardada a cultura mexicana e mundial.

O Novo Diálogo Nacional experimentou sua primeira prova por ocasião da mesa do Diálogo de San Andrés. Enquanto o governo descobria a sua ignorância a respeito dos primeiros habitantes destas terras, os assessores e convidados do EZLN deram início a um diálogo tão rico e novo que logo transbordou a estreita mesa de San Andrés e se colocou em seu verdadeiro lugar: a nação. Os indígenas mexicanos, os que sempre foram obrigados a escutar, a obedecer, a aceitar, a resignar-se, tomaram a palavra e falaram a sabedoria que caminha em seus passos. A imagem do índio ignorante, pusilânime e ridículo, a imagem que o poder havia decretado para consumo nacional, fez-se em pedaços, e o orgulho e a dignidade indígenas voltaram à história, para assumir o lugar que lhe cabe: o de cidadãos completos e cabais.

Independentemente dos resultados da primeira negociação dos Acordos em San Andrés, o diálogo iniciado pelas distintas etnias e seus representantes seguirá adiante, agora no Fórum Nacional Indígena, e terá o ritmo e o alcance que os próprios indígenas venham a escolher e decidir. No cenário político nacional, o redescobrimento da criminalidade salinista voltou a sacudir o sistema de partido de Estado. Os defensores das contra-reformas salinistas sofrem de amnésia e agora são os mais entusiasta perseguidores daqueles sob cuja sombra enriqueceram. O Partido de Ação Nacional, o mais fiel aliado de Carlos Salinas de Gortari, começou a mostrar as suas possibilidades de substituir o Partido Revolucionário Institucional no topo do poder político e a ensinar sua vocação repressiva, intolerante e reacionária. Aqueles que vêm com esperança o ascenso deste partido esquecem que a substituição de uma ditadura não significa necessariamente democracia, e aplaudem a nova inquisição que, com máscara democrática, haverá de sancionar com golpes os últimos estertores de um país que foi assombro mundial e hoje é referência de crônicas policiais e escândalos. A repressão e a impunidade foram constantes no exercício deste governo; os massacres de indígenas em Guerrero, Oaxaca e Huasteca ratificam a política frente aos indígenas; o autoritarismo da UNAM em relação ao movimento dos CCH demonstra a rota de corrupção que vai da academia à política; a detenção de dirigentes do El Barzón é uma mostra a mais da traição como método de diálogo; as bestialidades do regente Espinosa ensaiam o fascismo *callejero* na Cidade do México; as reformas na Lei de Seguro Social reiteram a democratização da miséria e o apoio à privatização dos bancos assegura a vocação de unidade entre poder e dinheiro; os crimes políticos são insolúveis porque cometidos por quem diz perseguí-los; a crise econômica torna mais escandalosa a corrupção nas esferas governamentais. Governo e crime, hoje são sinônimos e equivalentes.

Enquanto a verdadeira oposição afana-se em encontrar o centro em uma nação moribunda, amplas camadas da população reforçam seu ceticismo perante os partidos políticos e buscam, sem encontrar, uma oposição que tenha uma nova prática política, uma organização política de novo tipo.

A heróica e digna resistência das comunidades indígenas zapatistas iluminou como uma estrela o ano de 1995 e escreveu uma formosa lição na história mexicana. Em Tepoztlán,

Sutaur-100, El Barzón, para mencionar alguns lugares e movimentos, a resistência popular encontrou dignos representantes.

Em resumo, o ano de 1995 se caracterizou pela definição de dois projetos de nação completamente distintos e contraditórios.

De um lado, o projeto de país do Poder. Um projeto que implica a destruição total da nação mexicana; a negação de sua história; a entrega da sua soberania; a traição e o crime como valores supremos; a hipocrisia e o engano como método de governo; a desestabilização e a insegurança como programa nacional, a repressão e a intolerância como projeto de desenvolvimento. Este plano encontra no PRI a sua cara criminoso e no PAN a sua máscara democrática. Do outro lado, o projeto de transição para a democracia; não uma transição pactuada com o Poder que simule uma mudança para que tudo continue como está, e sim uma transição para a democracia como projeto de reconstrução do país; a defesa da soberania nacional; a justiça e a esperança como anseios; a verdade e o mandar obedecendo como diretrizes; a estabilidade e a segurança provenientes da democracia e da liberdade; a diálogo, a tolerância e a inclusão como nova forma de fazer política.

Este projeto está pra ser construído e será obra, não de uma força política hegemônica ou da genialidade de um indivíduo, mas de um amplo movimento opositor que recolha os sentimentos da nação. Estamos no meio de uma grande guerra que sacudiu o México neste final de século. A guerra entre os que pretendem a perpetuação de um regime social, cultural e político que equívale ao delito de traição à Pátria, e os que lutam por uma transformação democrática, livre e justa. A guerra zapatista é só uma parte desta grande guerra, que é a luta entre a memória que aspira ao futuro e o esquecimento com vocação estrangeira.

Hoje, uma nova sociedade plural, tolerante, includente, democrática, justa e livre só é possível, em uma nova Pátria. Ela não será construída pelo poder. Hoje o poder é só o agente de venda dos escombros de um país destruído pelos verdadeiros subversivos e desestabilizadores: os governantes.

Quanto aos projetos independentes da oposição, temos uma carência que hoje torna-se mais decisiva: nos opomos a um projeto de país que implica a sua destruição, porém carecemos de uma proposta de nova nação, uma proposta de reconstrução. Parte dela, e não o todo e nem sua vanguarda, tem sido e é o EZLN no esforço pela transição para a democracia. Apesar das perseguições e ameaças, superando os enganos e as mentiras, o EZLN, legítimo e coerente, segue adiante em sua luta pela democracia, liberdade e justiça para todos os mexicanos.

Hoje, a luta pela democracia no México é uma luta pela libertação nacional.

Hoje, com o coração de Emiliano Zapata e tendo escutado a voz de todos os nossos irmãos, chamamos o povo do México a participar de uma nova etapa da luta pela libertação nacional e da construção de uma nova Pátria, por meio desta ... *Quarta Declaração da Selva Lacandona*, na qual conclamamos todos os homens e mulheres honestos a participar da nova força política nacional que nasce: a Frente Zapatista de Libertação Nacional,



organização civil e pacífica, independente e democrática, mexicana e nacional, que luta pela democracia, liberdade e justiça do México. A Frente Zapatista de Libertação Nacional nasce hoje e convidamos a participar dela os operários da República, os trabalhadores do campo e da cidade, os indígenas, os colonos, os professores e estudantes, as mulheres mexicanas, os jovens de todo o país, os artistas e intelectuais honestos, os religiosos coerentes, todos os cidadãos mexicanos que não querem o poder e sim a democracia, a liberdade e a justiça para nós e nossos filhos.

Convidamos a sociedade civil nacional, os sem partido, o movimento social e cidadão, todos os mexicanos, a construir uma nova força política. Uma nova força política que seja nacional. Uma nova força política com base no EZLN.

Uma nova força política que seja parte de um grande movimento opositor, o Movimento para a Libertação Nacional, como lugar de ação política cidadã, para onde confluam outras forças políticas da oposição independente, espaço de encontro de vontades e coordenador de ações voluntárias.

Uma força política cujos integrantes não desempenhem, nem aspirem desempenhar, cargos de eleição popular ou postos governamentais em quaisquer de seus níveis. Uma força política que não aspire à tomada do poder. Uma força que não seja um partido político.

Uma força política que possa organizar as demandas e propostas dos cidadãos para que quem mande, mande obedecendo. Uma força política que possa organizar os problemas coletivos, mesmo sem a intervenção dos partidos políticos e do governo. Não necessitamos pedir permissão para ser livres. A função do governo é prerrogativa da sociedade e é seu direito exercer esta função. Uma força política que lute contra a concentração da riqueza em poucas mãos e contra a centralização do poder. Uma força política cujos integrantes tenham como único privilégio a satisfação do dever cumprido.

Uma força política com organização local, estadual e regional, que cresça a partir da base, de sua sustentação social. Uma força política nascida dos comitês civis de diálogo.

Uma força política que se chama Frente porque trata de incorporar esforços políticos não partidários, porque possui muitos níveis de participação e muitas formas de luta.

Uma força política que se chama Zapatista porque nasce com a esperança e o coração indígena que, junto ao EZLN, voltaram a descer das montanhas mexicanas.

Uma força política que se chama de Libertação Nacional, porque sua luta é pela liberdade de todos os mexicanos e em todo o país.

Uma força política com um programa de luta de 13 pontos, os da *Primeira Declaração da Selva Lacandona*, enriquecidos ao longo de dois anos de insurgência. Uma força política que lute contra o sistema de Partido de Estado. Uma força política que lute pela democracia não apenas na hora das eleições. Uma força política que lute por uma nova constituinte e uma nova Constituição.

Chamamos a todos os homens e mulheres do México, aos indígenas e aos não indígenas, a todas as raças que formam a nação; aos que concordam em lutar por moradia, terra, trabalho, pão, saúde, educação, informação, cultura, independência, democracia, justiça, liberdade e paz; aos que entendem que o sistema de Partido de Estado é o principal obstáculo para o trânsito à democracia no México; aos que sabem que democracia não quer dizer alternância de poder e sim governo do povo, para o povo e pelo povo; aos que estão de acordo com que se faça uma nova Constituição que incorpore as principais demandas dos mexicanos e garanta o cumprimento do Artigo 39, mediante plebiscito e referendun; aos que não aspiram ou pretendem exercer cargos públicos ou postos de eleição popular; aos que têm o coração, a vontade e o pensamento do lado esquerdo do peito; aos que querem deixar de ser espectadores e estão dispostos a não ter remuneração e privilégio algum a não ser o de participar da reconstrução nacional; aos que querem construir algo novo e bom, para formar a Frente Zapatista de Libertação Nacional.

Aqueles cidadãos sem partido, aquelas organizações sociais e políticas, aqueles comitês civis de diálogo, movimentos e grupos que subscrevem esta *Quarta Declaração da Selva Lacandona* comprometem-se a participar do diálogo para formular a estrutura orgânica, o plano de ação e a declaração de princípios da Frente Zapatista de Libertação Nacional.

Com a unidade organizada dos zapatistas civis, a luta iniciada em 1º de janeiro de 1994 entrará em uma nova etapa. O EZLN não desaparece, porém seu esforço mais importante seguirá pela luta política. Em seu tempo e condições, o EZLN participará diretamente da Frente Zapatista de Libertação Nacional.

Hoje, 1º de janeiro de 1996, o Exército Zapatista de Libertação Nacional assina esta *Quarta Declaração da Selva Lacandona*. Convidamos o povo do México para que faça o mesmo.

Irmãos:

Muitas palavras caminham pelo mundo. Muitos mundos se fazem. Muitos mundos nos fazem. Há palavras e mundos que são verdades e verdadeiros. Nós somos feitos por palavras verdadeiras.

No mundo do poderoso não cabem mais que os grandes e seus servidores. No mundo que nós queremos cabem todos.

O mundo que queremos é um onde caibam muitos mundos. A Pátria que queremos construir é uma onde caibam todos os povos e suas línguas; que todos os passos a caminhem, que todos a riam, que todos a façam amanhecer.

Falamos a unidade inclusive quando calamos. Baixinho e debaixo da chuva, falamos as palavras que encontram a unidade que nos abraça na história e faz rejeitar o esquecimento que nos enfrenta e destrói.

Nossa palavra, nosso canto e nosso grito é para que os mortos já não morram mais. Para que vivam, lutamos; para que vivam, cantamos.

Vive a palavra. Vive o Já Basta! Vive a noite que se faz manhã. Vive o nosso digno caminhar junto a todos aqueles que choram. Para destruir os planos de morte do poderoso, lutamos. Para um novo tempo de vida, lutamos.

A flor da palavra não morre, ainda que em silêncio caminhem nossos passos. Em silêncio se semeia a palavra. Para que floresça a gritos, se cala. A palavra se faz soldado, para não morrer de esquecimento. Para viver, se morre a palavra, semeada para sempre no ventre do mundo. Nascendo e vivendo morremos. Sempre viveremos.

Não nos renderemos. Zapata vive e, apesar de tudo, a luta continua.

Das montanhas do sudeste mexicano,

Comitê Clandestino Revolucionário Indígena - Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional

1º de janeiro de 1996

## Quinta Declaração da Selva Lacandona

**Hoje dizemos: Aqui estamos! Resistimos!**

*«Nós somos os vingadores da morte.*

*Nossa estirpe não se extinguirá*

*enquanto houver luz na estrela da manhã».*

Popol Vuh.

Irmãos e irmãs.

Não é nossa a casa da dor e da miséria. É assim que ela nos foi pintada por aquele que nos rouba e engana.

Não é nossa a terra da morte e da angústia.

Não é nosso o caminho da guerra.

Não é nossa a traição e no nosso passo não tem lugar para o esquecimento.

Não são nossos o solo vazio e o céu oco.

Nossa é a casa da luz e da alegria. Assim a fizemos nascer, assim por ela lutamos e assim a faremos crescer.

Nossa é a terra da vida e da esperança.

Nosso o caminho da paz que se semeia com dignidade e se colhe com justiça e liberdade.

## A resistência e o silêncio.

Irmãos e irmãs.

Nós entendemos que a luta pelo lugar que merecemos e precisamos na grande Nação mexicana, é apenas uma parte da grande luta de todos por democracia, liberdade e justiça, mas é uma parte fundamental e necessária. Muitas vezes, desde o início do nosso levante no dia 1º de janeiro de 1994, convocamos todo o povo do México a lutarmos juntos e por todos os meios, pelos direitos que os poderosos nos negam. Muitas vezes, desde que nos vimos e falamos com vocês, temos insistido no diálogo e no encontro como caminho a ser seguido. Em mais de quatro anos a guerra nunca veio do nosso lado. Desde então, a guerra sempre veio com a boca e com os passos dos supremos governos. Daí vieram as mentiras, as mortes, as misérias.

Coerentes com o caminho que vocês pediram que nós trilhássemos, dialogamos com os poderosos e chegamos a acordos que significariam o início da paz em nossas terras, a justiça para os indígenas do México e a esperança para todos os homens e mulheres honestos do país.

Estes acordos, os Acordos de San Andrés, não foram produzidos somente pela nossa vontade, nem nasceram sozinhos. Em San Andrés chegaram representantes de todos os povos indígenas do México; aí a sua voz estava representada e suas reivindicações foram colocadas na mesa. Brilhou a sua luta que é lição e caminho, falou a sua palavra e o seu coração decidiu.

Em San Andrés não estavam presentes apenas os zapatistas e os seus acordos. Juntos e por trás dos povos indígenas de todo o país estiveram e estão os zapatistas. Assim como agora, naquele momento fomos somente uma pequena parte da grande história com rosto, palavra e coração de *náhuatl, paipai, kiliwa, cúcapa, cochimi, kumiai, yuma, seri, chontal, chinanteco, pame, chichimeca, otomi, mazahua, matlazinca, ocuilteco, zapoteco, solteco, chatino, papabuco, mixteco, cuicateco, triqui, amuzgo, mazateco, chocho, izcateco, huave, tlapaneco, totonaca, tepehua, popoluca, mixe, zoque, huasteco, lacandón, maya, chol, tzeltal, tzotzil, tojolabal, mame, teco, ixil, aguacateco, motocintleco, chicomucelteco, kanjobal, jacalteco, quiché, cakchiquel, ketchi, pima, tepehuán, tarahumara, mayo, yaqui, cahita, ópata, cora, huichol, purépecha e kikapú.*

Como naquele momento, hoje continuamos caminhando com todos os povos indígenas pelo reconhecimento dos seus direitos. Não como vanguardas e nem como direção, somente como uma parte.

Cumprimos com a nossa palavra de buscar uma solução pacífica. Mas o supremo governo faltou à sua palavra e descumpriu o primeiro acordo fundamental a que havíamos chegado: o reconhecimento dos direitos indígenas.

À paz que oferecíamos, o governo opôs a guerra de sua teimosia. Desde então a sua guerra vem se mantendo contra a nossa e a de todos os povos indígenas.

Desde então, aumentaram as mentiras.

Desde então, enganou-se o país e o mundo inteiro ao simular a paz e fazer a guerra contra todos os indígenas.

Desde então tratou-se de esquecer o descumprimento da palavra do governo e buscou-se ocultar a traição que governa as terras mexicanas.

**Contra a guerra, nenhuma outra guerra a não ser a mesma resistência digna e silenciosa.**

Enquanto o governo revelava ao México e ao mundo a sua vontade de morte e destruição, nós zapatistas não respondíamos com a violência nem entramos na infeliz competição para ver quem espalhava mais mortes e sofrimentos por toda parte.

Enquanto o governo amontoava palavras vazias e se apressava para discutir com um adversário que escapava continuamente de suas mãos, nós zapatistas fizemos do silêncio uma arma de luta que o governo não conhecia e contra a qual nada pôde fazer; muitas vezes, contra o nosso silêncio se despedaçavam as mentiras que nos desqualificavam, as balas, as bombas e os golpes. Assim como depois dos combates de janeiro de 1994 descobrimos na palavra uma arma, agora fizemos o mesmo com o silêncio. Enquanto o governo oferece a todos ameaças, morte e destruição, nós pudemos instruir-nos e ensinar-nos a ensinar uma outra forma de luta, a mostrar que é possível lutar com a razão, a verdade e a história e ganhar ... calando.

Enquanto o governo distribuía subornos e falsas ajudas econômicas para comprar lealdades e quebrar convicções, nós zapatistas transformamos a nossa digna recusa às esmolas do poderoso numa parede que nos protegeu e nos tornou mais fortes.

Enquanto o governo mostrava miragens usando riquezas corruptas e impunha a fome para nos render e vencer, nós zapatistas fizemos de nossa fome um alimento e de nossa pobreza a riqueza de quem se sabe digno e coerente.

Silêncio, dignidade e resistência foram nossas fortalezas e nossas melhores armas. Com elas combatemos e derrotamos um inimigo poderoso mas ao qual falta razão e justiça em seus fins. Da nossa experiência e da ampla e luminosa história da luta indígena que nos deixaram nossos antepassados, os primeiros habitantes destas terras, retomamos estas armas e transformamos os nossos silêncios em soldados, a dignidade em luz e a nossa resistência em muralha.

Ainda que durante o tempo em que permanecemos calados, nos mantivéssemos sem participar diretamente com a nossa posição e propostas dos principais problemas nacionais; ainda que o nosso silêncio tenha permitido ao poderoso fazer nascer e alimentar rumores e mentiras sobre divisões e rupturas internas entre os zapatistas, e tenha tentado nos vestir com o traje da intolerância, da intransigência, da debilidade e da hesitação; ainda que pese o fato de alguns terem desanimado pela ausência da nossa palavra e de outros terem aproveitado desta ausência para fingir ser nossos porta-vozes, apesar destes sofrimentos e também por causa deles, foram grandes os passos adiante que nós demos e vimos.

Vimos que já não podiam manter calados os nossos mortos, mesmo mortos nossos mortos falaram, acusaram, gritaram e voltaram a viver de novo. Agora, os nossos mortos não vão morrer nunca mais. Estes nossos mortos sempre nossos e sempre de todos os que lutam.

Vimos dezenas dos nossos lutarem com mãos e unhas contra milhares de armas modernas, os vimos cair presos, os vimos levantar-se dignos e dignos resistirem. Vimos membros da sociedade civil cair presos por estarem se aproximando dos indígenas e por acreditarem que a paz tem a ver com a arte, a educação e o respeito. Vimos neles o coração moreno da luta e os percebemos como nossos irmãos.

Vimos a guerra vir de cima com seu estrondo e vimos que eles pensavam que nós responderíamos à altura para que eles conseguissem o absurdo de converter nossas propostas em argumentos que permitissem aumentar os seus crimes. O governo trouxe a guerra, não obteve nenhuma resposta, mas continuou praticando os seus crimes. O nosso silêncio despiu o poderoso e o mostrou assim como ele é: uma besta criminosa. Vimos que o nosso silêncio evitou que a morte e a destruição pudessem aumentar. Assim foram desmascarados os assassinos que se escondem sob os trajes do que chamam de "Estado de Direito". Arrancado o véu que os escondia, apareceram os covardes e os medrosos, os que brincam com a morte para obter lucros, os que vêm no sangue alheio uma possibilidade de ascensão, os que matam porque o matador recebe aplausos e homenagens. Aquele que governa se despiu de sua última e hipócrita roupagem. "A guerra não é contra os indígenas", disse enquanto perseguia, encarcerava e assassinava os indígenas. A sua própria guerra o acusou de ser um assassino enquanto o nosso silêncio o acusava.

Vimos o poderoso governo irritar-se ao não encontrar nem o adversário e nem a sua rendição, foi então que o vimos voltar-se contra outros e golpear os que não percorrem o nosso mesmo caminho mas levantam as mesmas bandeiras: líderes indígenas honestos,

organizações sociais independentes, mediadores, organizações não governamentais coerentes, observadores internacionais, simples cidadãos que querem a paz. Vimos todos estes irmãos e irmãs serem golpeados e vimos que não se rendiam. Vimos o governo bater em todos e, procurando reduzir nossas forças, o vimos aumentar o número dos seus inimigos.

Vimos também que o governo não é um bloco homogêneo e que em seu meio não é unânime a vocação de morte projetada pelo seu chefe. Vimos que nele há pessoas que querem a paz, que a entendem, que a consideram necessária, que a buscam como algo imprescindível. Permanecendo calados, vimos que outras vozes do interior da máquina de guerra falavam para dizer não a este caminho. Vimos o poderoso desconhecer a sua própria palavra e encaminhar aos legisladores uma proposta de lei que não responde às demandas dos primeiros habitantes destas terras, que afasta a paz e despreza as esperanças de uma solução justa que acabe com a guerra. O vimos sentar-se à mesa do dinheiro, anunciar a sua traição e procurar nela o apoio que lhe é negado pelos debaixo. Do dinheiro o poderoso recebeu aplausos, ouro e a ordem de acabar com os que falam das montanhas. "Que morram os que devem morrer, que sejam milhares se necessário for, mas que se acabe com esse problema", assim falou o dinheiro ao ouvido de quem diz que governa. Vimos que esta proposta descumpria o que já havia sido reconhecido, como nosso direito a governar e governarmo-nos como parte desta Nação.

Vimos que esta proposta quer despedaçar-nos, quer tirar de nós a nossa história, quer apagar a nossa memória, e esquecer a vontade de todos os povos indígenas que se tornou coletiva em San Andrés. Vimos que esta proposta leva à divisão e a ruptura dos acordos, destrói pontes e apaga esperanças.

Vimos que ao nosso silêncio se somou a vontade de grupos e de pessoas boas que, nos partidos políticos, levantaram a sua voz e a sua força organizada contra a mentira e assim foi possível bloquear a injustiça e a farsa que se pretendiam levar adiante como lei constitucional dos direitos indígenas quando tudo não passava de uma lei para a guerra.

Calando, vimos que podíamos ouvir melhor vocês e os ventos debaixo e não só a voz áspera da guerra de cima.

Mantendo-nos calados, vimos que o governo enterrou a legitimidade que vinha da vontade de paz e a razão como rumo e caminho a ser seguido. O vazio deixado pela ausência da nossa palavra marcou a palavra vazia e estéril daquele que manda mandando, e isso convenceu outros que não nos escutavam e nos olhavam com desconfiança. Assim, em muitos se afirmou a necessidade de uma paz que tenha como características a justiça e a dignidade.

Vimos todos este que são outros como nós, procurar-se uns aos outros e procurar outras formas para que a paz voltasse ao terreno das esperanças possíveis, os vimos construir e lançar iniciativas, os vimos crescer. Os vimos chegar as nossas comunidades trazendo ajudas que nos diziam que não estávamos sós. Os vimos protestar marchando, assinando cartas, pintando, cantando, escrevendo, chegando até nós. Os vimos também propor um diálogo com eles, um diálogo verdadeiro, não aquele que é aparentado pela vontade do



poderoso. Vimos também que alguns foram desqualificados pela intolerância daqueles que deveriam ser mais tolerantes.

Vimos outros que não tínhamos visto antes. Vimos que a luta pela paz reuniu ao redor dela, e não só para nós, pessoas novas e boas, homens e mulheres que, podendo optar pelo cinismo e pela apatia, escolheram o compromisso e a mobilização.

Em silêncio vimos todos eles, em silêncio saudamos aqueles que buscaram e abriram portas e em silêncio construímos para eles esta resposta. Vimos homens e mulheres nascidos em outras terras somar-se à luta pela paz. Vimos alguns lançarem de seus países uma longa ponte para dizer "não estão sós", os vimos mobilizar-se e repetir o Basta!, os vimos imaginar e realizar anúncios de justiça, marchar como quem canta, escrever como quem grita, falar como quem marcha. Vimos todas estas faíscas ricochetear nos céus e chegar até as nossas terras com todos os nomes com os quais José se chama, com o rosto de todos que em todos os mundos querem um lugar para todos.

Vimos outros atravessar a longa ponte e, de suas terras, chegar até as nossas depois de pular fronteiras e oceanos, para observar e condenar a guerra. Os vimos chegar até nós para fazer-nos saber que não estamos sós. Os vimos serem perseguidos e ameaçados como nós, os vimos serem golpeados como nós. Os vimos resistir como nós. Os vimos ficar mesmo quando eram mandados embora. Os vimos em suas terras falando daquilo que seus olhos haviam visto e mostrando aquilo que os seus ouvidos haviam escutado. Os vimos continuar lutando.

Vimos que calando, a resistência dos nossos povos contra a enganação e a violência falou mais forte.

Vimos que em silêncio nós também falamos a partir daquilo que realmente somos, não como pessoas que trazem a guerra e sim como aqueles que buscam a paz, não como quem impõe a sua vontade e sim como quem anseia por um lugar onde haja espaço para todos, não como quem está sozinho e faz de conta que uma multidão está ao seu lado e sim como quem é todos mesmo na solidão silenciosa de quem resiste.

Vimos que o nosso silêncio foi um escudo e uma espada que feriu e desgastou aquele que quer e impõe a guerra. Vimos que o nosso silêncio fez escorregar muitas vezes um poder que aparenta querer a paz e ser um bom governo, e que sua poderosa máquina de morte muitas vezes se espatifou contra o silencioso muro da nossa resistência. Vimos que a cada novo ataque ganhava menos e perdia mais. Vimos que não combatendo combatíamos.

E vimos que, mesmo calando, a vontade de paz se afirma, se mostra e convence.

**San Andrés: uma lei nacional para todos os indígenas e uma lei para a paz.**

Uma lei indígena nacional deve atender às esperanças dos povos indígenas de todo o país. Em San Andrés estiveram representados os indígenas de todo o México e não só os zapatistas. Os acordos assinados valem para todos os povos indígenas e não só para os zapatistas. Para nós e para milhões de indígenas e não indígenas mexicanos, uma lei que não cumpre com o estabelecido em San Andrés é apenas uma farsa, é uma porta aberta para a guerra e um precedente para as rebeliões indígenas que, no futuro, irão cobrar a conta que a história regularmente apresenta às mentiras.

Uma reforma constitucional em matéria de direitos e cultura indígenas não deve ser unilateral, deve incorporar os Acordos de San Andrés e reconhecer assim os aspectos fundamentais das demandas dos povos indígenas: autonomia, territorialidade, povos indígenas, sistemas normativos. Nos Acordos se reconhece o direito à autonomia indígena e ao território, como consta na Convenção 169 da OIT, assinada pelo Senado da república. Nenhuma legislação que pretende humilhar os povos indígenas ao limitar seus direitos às comunidades, promovendo assim a fragmentação e a dispersão que tornam possível o seu aniquilamento, poderá garantir a paz e a não exclusão dos primeiros mexicanos do âmbito da Nação. Qualquer reforma que pretende romper os laços históricos e culturais da solidariedade que existe entre os indígenas, está condenada ao fracasso e é simplesmente uma injustiça e uma negação histórica.

Ainda que não incorpore todos os acordos de San Andrés (uma prova a mais de que não fomos intransigentes, aceitamos o trabalho de colaboração da Comissão e o respeitamos), a proposta de lei elaborada pela Comissão de Concórdia e Pacificação é uma proposta de lei que nasce do processo de negociação e, portanto, faz parte do espírito de dar continuidade e razão de ser ao diálogo, é uma base firme que pode abrir as portas para uma solução pacífica do conflito, converte-se numa ajuda importante para acabar com a guerra e apressar a chegada da paz. A chamada "lei COCOPA" foi elaborada sobre as bases daquilo que os povos indígenas produziram a partir de baixo, reconhece um problema e lança as bases para defendê-lo, reflete outra forma de fazer política, a que anseia a tornar-se democrática, responde a uma demanda nacional de paz, une setores sociais e permite seguir adiante na agenda dos grandes problemas nacionais. Por isso, hoje reafirmamos que apoiamos a iniciativa de lei elaborada pela Comissão de Concórdia e Pacificação e pedimos que seja alçada a nível constitucional.

**O diálogo e a negociação, possíveis se forem verdadeiros.**

Sobre o diálogo e a negociação podemos dizer que eles tem três grandes inimigos a serem derrotados para que possam constituir um caminho viável, eficaz e confiável. Estes inimigos são a ausência de mediação, a guerra e o descumprimento dos acordos. E a falta de mediação, a guerra e o descumprimento da palavra são responsabilidade do governo.

A mediação na negociação de um conflito é imprescindível, sem ela não é possível ter um diálogo entre as partes que estão se enfrentando. Ao destruir com a sua guerra a Comissão Nacional de Intermediação, o governo destruiu a única ponte que levava ao diálogo, se livrou de um importante obstáculo à sua violência e provocou o surgimento de uma pergunta: mediação nacional ou internacional?

O diálogo e a negociação serão pertinentes, viáveis e eficazes quando, além de contar com uma mediação, serão restabelecidas a confiança e a credibilidade. Enquanto isso não acontece, só podem ser uma farsa da qual não estamos dispostos a participar. Não é para isso que queremos o diálogo. Queremos o diálogo para promover vias pacíficas e não para ganhar tempo apostando em tropeços políticos. Não podemos ser cúmplices de uma farsa.

Muito menos podemos ser cínicos e fingir um diálogo só para evitar a perseguição, a prisão e o assassinato de nossos dirigentes. As bandeiras zapatistas não nasceram com os nossos chefes e não morrerão com eles. Se nossos dirigentes são assassinados e presos, ninguém poderá dizer que foi por eles serem incoerentes e traidores.

Não nos levantamos e não nos tornamos rebeldes por achar que éramos mais fortes e poderosos. Insurgimos para pedir democracia, liberdade e justiça porque a razão e a dignidade da história estão do nosso lado. E com elas nas mãos e no peito é impossível ficarmos impassíveis diante das injustiças, traições e mentiras que em nosso país já se tornaram um "estilo de governo".

A razão tem sido sempre uma arma de resistência diante da estupidez que agora, mas não por muito tempo, aparenta ser tão enganadora e onipotente. Existam ou não os zapatistas, a paz com justiça e dignidade é um direito por cujo cumprimento continuarão lutando os mexicanos honestos, indígenas e não indígenas.

### **Resistimos, continuamos.**

Irmãos e irmãs:

O EZLN conseguiu sobreviver como organização a uma das ofensivas mais ferozes entre as que foram lançadas contra ele. Conserva intacta a sua capacidade militar, expandiu a sua base social e se fortaleceu politicamente ao evidenciar as justas razões de suas demandas.

Fortaleceu-se o caráter indígena do EZLN, e este continua sendo um importante impulsionador da luta dos povos indígenas. Hoje os indígenas são atores nacionais, seus destinos e programas já são parte da discussão nacional. A palavra dos primeiros habitantes destas terras já tem um lugar especial na opinião pública, o indígena já não é sinônimo de turismo e artesanato, e sim de luta contra a pobreza e pela dignidade. Nós zapatistas lançamos uma ponte com outras organizações sociais e políticas e com milhares de pessoas sem partido; de todas temos recebido respeito e a todas temos correspondido. Além disso, junto a outros, lançamos pontes com todo o mundo e temos contribuído para criar (ao lado de homens e mulheres dos cinco continentes) uma grande rede de pessoas que luta por meios pacíficos contra o neoliberalismo e resiste lutando por um mundo novo e melhor. Também, em parte, temos contribuído para o nascimento de um movimento cultural novinho em folha que luta por um homem novo e um mundo novo.

Tudo isso tem sido possível graças aos nossos companheiros e companheiras das nossas bases de apoio; sobre eles e elas recaiu o peso maior da nossa luta e eles a enfrentaram com firmeza, decisão e heroísmo. Também tem sido importante o apoio dos povos indígenas de todo o país, de nossos irmãos indígenas que tem nos ensinado, escutado e falado. A sociedade civil nacional tem sido o fator fundamental para que as justas demandas dos zapatistas e dos indígenas de todo o país continuassem pelo caminho das mobilizações pacíficas. A sociedade civil internacional tem sido sensível e tem ficado de ouvidos e de olhos abertos para que as respostas às nossas exigências não fossem um número maior de mortes e de prisões. As organizações políticas e sociais independentes tem nos acolhido como irmãos e assim a nossa resistência se encheu de vigor. Todos tem nos ajudado a resistir diante da guerra, ninguém para fazê-la.

Hoje, com todos aqueles que caminham em nossas fileiras e ao nosso lado, dizemos: Aqui estamos! Resistimos!

Apesar da guerra que sofremos, dos nossos mortos e presos, nós zapatistas não esquecemos o para que lutamos e qual é a nossa principal bandeira na luta por democracia, liberdade e justiça no México: a do reconhecimento dos direitos dos povos indígenas.

Pelo compromisso assumido desde o primeiro dia do nosso levante, hoje voltamos a colocar em primeiro lugar, acima do nosso sofrimento, acima de nossos problemas, acima das dificuldades, a exigência de que sejam reconhecidos os direitos dos indígenas através de uma mudança na Constituição Política dos Estados Mexicanos que garante a todos eles o respeito e a possibilidade de lutar pelo que lhes pertence: a terra, o teto, o trabalho, o pão, o remédio, a educação, a democracia, a justiça, a liberdade, a independência nacional e a paz digna.

## **6. Chegou a hora dos povos indígenas, da sociedade civil e do Congresso da União.**

Irmãos e irmãs:

A guerra já falou com o seu estridente ruído de morte e destruição.

O governo e a sua máscara criminoso já falaram.

Chegou a hora de fazer florescer novamente através das palavras as armas silenciosas que carregamos por séculos; chegou a hora da paz falar, chegou a hora da palavra pela vida.

Chegou a nossa hora.

Hoje, com o coração indígena que é digna raiz da nação mexicana e tendo ouvido a voz de morte que vem com a guerra do governo, convocamos o povo do México, os homens e as mulheres de todo o planeta a unir seus passos e suas forças às nossas nesta etapa da luta pela liberdade, pela democracia e a justiça, através desta ...

### **Quinta declaração da selva Lacandona**

pela qual convocamos todos os homens e mulheres honestos a lutar pelo ...

### **RECONHECIMENTO DOS DIREITOS DOS POVOS INDÍGENAS E PELO FIM DA GUERRA DE EXTERMÍNIO.**

Sem os povos indígenas, não terá transição para a democracia, nem reforma do Estado, nem solução real para os principais problemas da agenda nacional. Com os indígenas é necessário e possível um país novo e melhor. Sem eles não teremos futuro como nação.

*Esta é a hora dos povos indígena de todo o México.* Os convocamos para que, juntos, continuamos lutando pelos direitos que a história, a razão e a verdade nos dão. Os convocamos para que, juntos, recolhendo a herança de luta e de resistência, nos mobilizamos em todo o país e façamos saber a todos, por meios civis e pacíficos, que somos a raiz da Nação, o seu fundamento digno, o seu presente de luta, o seu futuro sem exclusão. Os convocamos para que junto lutemos por um lugar de respeito ao lado de todos os mexicanos. Os convocamos para que, juntos, demonstremos que queremos a democracia, a liberdade e a justiça para todos. Os convocamos a exigir de sermos reconhecidos como parte digna de nossa Nação. Os convocamos para que juntos detenhamos a guerra que os poderosos fazem contra todos.

*Esta é a hora da Sociedade Civil Nacional e das organizações políticas e sociais independentes.* É a hora dos camponeses, dos operários, dos professores, dos estudantes, dos profissionais, dos religiosos e religiosas coerentes, dos jornalistas, dos colonos, dos pequenos comerciantes, dos devedores, dos artistas, dos intelectuais, dos inválidos, dos aidéticos, dos homossexuais, das lésbicas, dos homens, das mulheres, das crianças, dos jovens, dos idosos, dos sindicatos, das cooperativas, das organizações camponesas, das organizações políticas, das organizações sociais. As convocamos para que junto aos povos indígenas e a nós, lutemos contra a guerra e pelo reconhecimento dos direitos indígenas, pela transição para a democracia, por um modelo econômico que sirva ao povo e não se sirva dele, por uma sociedade tolerante e não excludente, pelo respeito à diferença, por um país novo onde a paz com justiça e dignidade seja para todos.

*Esta é a hora do Congresso e da União.* Depois de uma ampla luta pela democracia encabeçada pelos partidos políticos de oposição, na Câmara dos Deputados e no Senado,

temos uma nova correlação de forças que dificulta as arbitrariedades próprias do presidencialismo e aponta, com esperança, para uma verdadeira separação e independência dos poderes da União. A nova composição das Câmaras Baixa e Alta coloca na ordem do dia o desafio de dignificar o trabalho legislativo, a expectativa de convertê-lo em um espaço a serviço da Nação e não do presidente de plantão, e a esperança de tornar realidade o título de "*Honorável*" que antecede o nome dos senadores e dos deputados federais. Convocamos os deputados e senadores da República de todos os partidos oficiais e todos os congressistas independentes para que legislem em benefício de todos os mexicanos. A fazer com que mandem obedecendo. A fazer com que cumpram o seu dever apoiando a paz e não a guerra. A fazer com que, ao tornar efetiva a divisão dos Poderes, obriguem o Executivo Federal a deter a guerra de extermínio que leva adiante entre as populações indígenas do México. A fazer com que, respeitando plenamente as prerrogativas que a Constituição Política lhes confere, escutem a voz do povo mexicano e seja ele a mandar neles na hora de legislar. A fazer com que apoiem com firmeza e plenitude a Comissão de Concórdia e Pacificação, para que esta comissão legislativa possa desempenhar eficaz e eficientemente seus esforços de colaborar com o processo de paz. A fazer com que respondam ao chamado histórico que exige o pleno reconhecimento dos direitos dos povos indígenas. A fazer com que contribuam para que seja criada uma imagem internacional digna do nosso país. A fazer com que passem à história nacional como um Congresso que deixou de obedecer e servir a uma pessoa e cumpriu a sua missão histórica de obedecer e servir a todos.

*Esta é a hora da Comissão de Concórdia e Pacificação.* Em suas mãos e em suas capacidades está a possibilidade de deter a guerra, de cumprir aquilo que o Executivo se nega a cumprir, de reafirmar a esperança de uma paz justa e digna, e de criar as condições para a convivência pacífica de todos os mexicanos. É hora de fazer cumprir com lealdade a lei ditada para o diálogo e a negociação em Chiapas. É hora de atender à confiança que foi depositada nesta Comissão, não só pelos povos indígenas que estiveram presentes na mesa de San Andrés, mas também por todo o povo que exige o cumprimento da palavra empenhada, o fim da guerra e a paz necessária.

*É hora de lutar pelos direitos dos povos indígenas como um passo rumo à democracia, à liberdade e à justiça para todos.*

Como parte desta luta, à qual convocamos nesta *Quinta Declaração da Selva Lacandona*, pelo reconhecimento dos direitos indígenas e pelo fim da guerra, ratificando o nosso "Para todos tudo, nada para nós", o EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL anuncia que realizará diretamente e em todo o México uma...

### **CONSULTA NACIONAL SOBRE A INICIATIVA DE LEI INDÍGENA DA COMISSÃO DE CONCÓRDIA E PACIFICAÇÃO E PARA O FIM DA GUERRA DE EXTERMÍNIO.**

Por isso, propomos submeter o projeto de lei da Comissão de Concórdia e Pacificação a uma consulta nacional em todos os municípios do país para que todos os mexicanos e mexicanas possam manifestar a sua opinião sobre este projeto. O EZLN enviará uma comissão própria a cada um dos municípios de todo o país para explicar o conteúdo do projeto da COCOPA e para participar da realização da consulta. Para isso, o EZLN se

dirigirá, no momento oportuno e publicamente à sociedade civil nacional e às organizações políticas e sociais para fazer-lhes chegar a sua convocatória.

Convocamos:

Os povos indígenas de todo o México a fazer com que, junto aos zapatistas, se mobilizem e se manifestem exigindo o reconhecimento de seus direitos na Constituição.

Os irmãos e as irmãs do Congresso Nacional Indígena para que participem, com os zapatistas, nas tarefas de consultar a todos os mexicanos e mexicanas sobre a iniciativa de lei da COCOPA.

Os trabalhadores, camponeses, professores, estudantes, donas de casa, colonos, pequenos proprietários, pequenos comerciantes e empresários, aposentados, inválidos, religiosos e religiosas, jovens, mulheres, anciãos, homossexuais e lésbicas, meninos e meninas, para que, de maneira individual ou coletiva participem diretamente com os zapatistas na divulgação, apoio e realização desta consulta como um passo a mais rumo à paz com justiça e dignidade.

A comunidade científica, artística e intelectual para que se some aos zapatistas na tarefa de organizar a consulta em todo o território nacional.

As organizações sociais e políticas para que, com os zapatistas, trabalhem para a realização da consulta.

Os partidos políticos honestos e comprometidos com as causas populares para que dêem todo o apoio necessário a esta consulta nacional. Para isso, o EZLN se dirigirá, no momento oportuno e publicamente, às direções nacionais dos partidos políticos no México.

O Congresso da União para que assuma o seu compromisso de legislar em benefício do povo e para que, ao apoiar a realização desta consulta, contribua para a paz e não para a guerra. Para isto o EZLN se dirigirá, no momento oportuno e publicamente, aos coordenadores das comissões parlamentares e aos legisladores independentes da Câmara dos Deputados e do Senado.

A Comissão de Concórdia e Pacificação para que, cumprindo com o seu esforço de colaborar no processo de paz, aplane o caminho para a realização da consulta popular sobre o seu projeto de lei. Para isto o EZLN se dirigirá no momento oportuno e publicamente aos parlamentares que integram a COCOPA.

**Tempo da palavra para a paz.**

Irmãos e irmãs:

Já passou o tempo em que falou a guerra do poderoso, não vamos mais deixar que ela fale.

Este é o tempo da paz falar, a paz que merecemos e da qual todos precisamos, a paz com justiça e dignidade.

Hoje, 19 de julho de 1998, o Exército Zapatista de Libertação Nacional assina esta Quinta Declaração da Selva Lacandona. Convidamos todos a conhecê-la, divulgá-la e a somar-se aos esforços e às tarefas que demanda.

DEMOCRACIA!

LIBERDADE!

JUSTIÇA!

Das montanhas do sudeste mexicano,

Comitê Clandestino Revolucionário Indígena - Comando Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional.